

Ricardo Lísias Aidar Fermino

O POETA VAI ENCHENDO A MALA

Dissertação apresentada ao
Curso de Teoria Literária do Instituto de
Estudos da Linguagem da Universidade
Estadual de Campinas como requisito
parcial para obtenção do título de
Mestre em Teoria Literária.

Orientadora: Prof. Dout. Maria Eugênia
Boaventura.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

Unicamp
Instituto de Estudos da Linguagem

2001

5000

UNIDADE	BC		
N.º CHAMADA:	F/Unicamp		
	F. 387p		
V.	Ex.		
TOMBO BC	45462		
PROC.	16/312/2001		
C	<input type="checkbox"/>	D	<input type="checkbox"/>
PREC.	11,00		
DATA	31/07/2001		
N.º CPD			

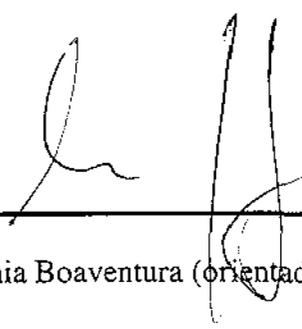
CM0015B045-9

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

F387p Fermino, Ricardo Lísias Aidar
 "O poeta vai enchendo a mala" / Ricardo Lísias Aidar Fermino. --
 Campinas, SP: [s.n.], 2001.

 Orientador: Maria Eugênia Boaventura
 Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
 Instituto de Estudos da Linguagem.

 1. Andrade, Carlos Drummond de, 1902-1987. 2. Poesia brasileira.
 3. Modernismo (Literatura). I. Boaventura, Maria Eugênia. II.
 Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da
 Linguagem. III. Título.



Maria Eugênia Boaventura (orientadora)

Fábio Riggato de Souza Andrade

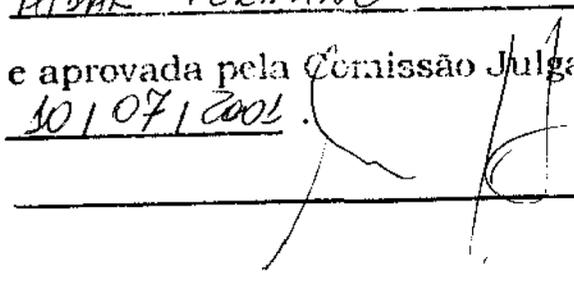
Eliane Vasconcellos

Maria Betânia Amoroso (suplente)

Este exemplar e a redação final da tese defendida por RICARDO LISIAS

AIDAR FERMINO

e aprovada pela Comissão Julgadora em 10/07/2001.



Agradeço a seriedade e o empenho com que a professora Maria Eugênia Boaventura conduziu, desde o início, este trabalho. Agradeço muito, também, a competência com que, como orientadora, soube passar a lição mais importante: a liberdade.

Registro que, sem o apoio financeiro da Fapesp, concedido através do processo 98/13891-9, o trabalho não teria se realizado.

Sumário

Resumo	8
A Pena escreve	11
E os corpos enrolados	15
Quem foi que apitou?	26
Entrou a tomar porres	33
Eu também já fui poeta	36
As casas espiam os homens	42
Fios Nervos Riscos Faíscas	50
O Fato ainda não acabou de acontecer	57
Estes poemas são meus	64
História simples que recomeça	66
Aquele pobre destino	68
De um tempo de fadas...	72
O que ficou de um romance	73
Bilhete ao teu corpo	74
Poema do Anatomista	75
Quase noturno em voz baixa	76
Matinal	77
E tu passaste...	78
O poema do amor que não deseja	79
Oferenda	80
Poema Gris	81
Mulher...	82
Suprema noite de bodas	83
Espelho, túnica e água	84
Pequenino corpo diabólico	85
Sob a luz ambígua	86

Eternos...	88
Filha de Osíris	89
Sentimental	90
Canção do grego desencantado	91
Os três espelhos da sala abandonada	92
Criaturas	94
Duas anedotas vulgares	96
O homem que andou muito	97
Esperança...	99
Felicidade...	100
Tia Marta	101
A princesa, onde estará a princesa?	106
Maria da Rua	107
O conto da vida	109
Cocaína, e um cavalheiro que a tomava	110
Retrato	113
Morrer	114
Um rei	122
O esplêndido festim	124
O homem das anedotas	126
A terceira	127
Dois fraques	128
Última encarnação de pierrot	129
Refrão do imortal desespero	130
De fim de ano	131
Depois da orgia	132
Diálogo em frente dos espelhos	134
Os lábios fechados	135
Entre parênteses	136
Qualquer coisa...	137
Libertação	138
Convite	139
Éter	141
Eu, escritor	142
Noite de seda e jóias	145
São sete horas da noite	146
Quantas anedotas interiores	147
A beleza da vida na alegria da manhã	149
Poema do vento noturno	150
Epigrama para Emílio Moura	151
Família	152
Dentro do baú	153
Por uma rua deserta	156
Museu	157
Ao longo das ruas ermas...	158
Máscaras da alegria e da tristeza	159
Veículo n. 1	160

O vulto pensativo das secretárias	161
Violetas de parma	162
Cromo	164
Nos caminhos da serra	165
Biblioteca	167
Uma lâmpada brilha	168
Enterro na rua pobre	169
Fantasia	171
Sonho de um dia de calor	173
Na sombra	176
Vais passando? Escuta...	178
Na sombra(II)	179
Enquanto passam os automóveis...	180
De muitas bocas...	182
O que ficou de um caderno	184
De Jeremias, um poeta falso	187
Ao acaso, intencionalmente	189
Sem nenhuma convicção	190
Teia de aranha	191
Enquanto a lua sorri	192
Na curva do caminho	195
O Veneno da vida	197
A ingênuo sabedoria	199
Numa esquina...	200
Hai-kais urbanos	201
Wilde	203
Um sorriso para tudo	204
Sobre a arte moderna	206
Cantigas populares	208
Aproximações	210

RESUMO

Nosso trabalho consistiu na reunião e apresentação de mais de noventa textos inéditos em livro que o poeta Carlos Drummond de Andrade publicou em duas revistas durante a década de vinte. Para apresentá-los, dividimos o material por temas, o que possibilitou a discussão de alguns aspectos da obra em questão.

Há uma pré-história, abjurada, da criação do que viria, a partir de *Alguma Poesia*, a ser Carlos Drummond de Andrade – pré-história que algum dia será desentranhada das revistas e jornais em que se estampou e sobre a qual os exegetas se exercerão a fim de saber o que já nela havia, acaso, em germe do verdadeiro poeta.

Antônio Houaiss

A PENA ESCREVE¹

O objetivo principal do nosso trabalho é a apresentação, para os estudiosos e leitores contemporâneos, dos textos do poeta Carlos Drummond de Andrade publicados, todos, entre os anos de 1922 e 1927 em dois periódicos de circulação nacional, *Para Todos*² e *Ilustração Brasileira*³ e depois, com exceção de pouquíssimos, nunca reunidos em livro. Tais textos guardavam um aspecto museológico que não permitia o acesso dos interessados na obra drummondiana a um momento importante do seu trabalho: suas primeiras publicações. Além disso, é preciso levar em conta que Drummond começa sua carreira literária exatamente no mesmo momento em que eclode a Semana de Arte Moderna. Dessa forma, mais do que apenas para a fortuna crítica do poeta, os textos que reunimos são importantes para o estudo de um momento decisivo para a literatura e a arte brasileira.

Durante todo o tempo em que Carlos Drummond de Andrade publicou seus textos na *Ilustração Brasileira* e no *Para Todos*, o escritor Álvaro Moreyra esteve no comando das duas revistas. Personalidade conhecida desde a década de dez, por conta de seus livros e, principalmente, do salão literário que mantinha na sua casa, Moreyra se destacou como

¹ Verso do "Poema do Jornal", *Alguma Poesia*. O título da dissertação, por sua vez, é um verso do poema "Fuga", também de *Alguma Poesia*.

² A revista *Para Todos* tinha circulação semanal. Seu conteúdo era voltado para a família, como diz o próprio título, e trazia matérias bastante diversificadas: poemas, contos, textos sobre cinema, coluna social e diversas caricaturas.

³ A *Ilustração Brasileira* circulava mensalmente e tinha um conteúdo um pouco mais selecionado que a *Para Todos*. Além de alguns poemas e contos, trazia textos de caráter historiográfico e político. Muitas vezes, publicava também reportagens econômicas.

um editor que, além de procurar diversificar seu quadro de colaboradores, abria as portas para autores jovens e desconhecidos do grande público.

Dessa forma, já em 1922, quando Carlos Drummond de Andrade contava com apenas vinte anos, Álvaro Moreyra publicou uma série de textos enviados de Belo Horizonte e, ainda, fez aparecer, ao pé de um dos mais longos deles, uma nota ingenuamente elogiosa.⁴ O destaque deve ter agradado a Drummond, pois, a partir de então, sua colaboração se tornaria assídua e, até o ano de 1927, quando apareceu o último texto, somaria dezenas de trabalhos.

No entanto, conforme John Gledson notou sumariamente, a relação de Drummond com o jornalista gaúcho não se resumiu à mera conversa de editor para autor. Mais do que isso, o próprio Drummond, muitos anos mais tarde, revelou que a literatura de Moreyra, particularmente, foi uma das primeiras a lhe chamar atenção.⁵ Aliás, boa parte dos textos apresentados na antologia prende-se ao ideário penumbrista, aprendido por Drummond na leitura que, certamente, realizava na época dos autores que terminaram conhecidos entre nós como “pós-simbolistas”⁶.

Antes, contudo, de cuidar dessa e de outras questões importantes que levantamos na reunião dos textos, parece-nos útil destacar a divisão que fizemos do material. Afastamos, desde o princípio, uma óbvia organização cronológica dos textos. Pareceu-nos que, se

⁴ A nota é a seguinte: “Carlos Drummond é um dos novos escritores mineiros que, como tantos outros da sua geração, estreou feito, com um modo pessoal de sentir e contar as coisas. Esta página prova bem o que dizemos”. *Ilustração Brasileira*, fev. 1922.

⁵ Cf. John Gledson. *Poesia e Poética de Carlos Drummond de Andrade*. SP: Duas Cidades, 1981. P. 29.

⁶ Não é nosso objetivo levantar uma discussão detida acerca da estética penumbrista. Assim, assumimos o Penumbrismo como uma das tendências que se anunciaram na literatura brasileira do começo do século XX e que, segundo Norma Goldstein, se caracterizaria pelo “tom nostálgico, a melancolia, a inspiração no cotidiano, o tom intimista, o isolamento.” Cf. Norma Goldstein. *Do Penumbrismo ao Modernismo*. Mimeo, USP, 1979.

dividíssemos todos por temas, além de a leitura tornar-se menos monótona e esquemática, a discussão de alguns pontos que julgamos importantes facilitar-se-ia.

Entre parênteses, é importante parar um instante para registrar um de nossos dilemas: o gênero dos textos. Talvez nos fosse seguro separar a poesia, principalmente, do resto do conjunto; ou, até mesmo, os contos. No entanto, julgamos que, agindo dessa forma, acabaríamos realizando uma separação que prejudicaria a discussão de alguns pontos que elegemos como importantes para o conhecimento dos textos. Assim, se mantivemos a poesia ao lado de um conto, por exemplo, na seção que discute o amor, foi porque julgamos que ambos reúnem aspectos semelhantes para a discussão que pretendíamos levantar.

O próprio Drummond, quando já poeta maduro e reconhecido, cuidou de antologizar e dividir sua obra, identificando nela os principais temas. No entanto, também não adotamos a disposição temática estabelecida pelo autor, já que muitos aspectos que viriam a se notabilizar na sua poesia, ou não se encontram nos textos que reunimos, ou ainda aparecem apenas de forma muito pálida.

É evidente que tal desajuste, assim como a relação entre o poeta e os penumbristas, denuncia algo importante e que, desde logo, vale a pena destacar: o Drummond que iremos apresentar não é exatamente aquele que ficou conhecido pelos estudiosos. Não apressemos o passo, contudo.

Resolvemos, portanto, adotar um critério de divisão que pudesse reunir os temas que mais nos pareceram presentes nessa fase da obra do autor de *Alguma Poesia*: o amor e o erotismo, a criação de personagens, as festas e os salões noturnos, o universo interior do poeta, a vida cotidiana, os aforismos e, por último, a crítica literária.

Conforme notou Sérgio Buarque de Holanda, em um dos vários textos que escreveu sobre o poeta de Itabira, a obra de Carlos Drummond de Andrade não é de fácil divisão.⁷ Como o poeta trata de vários temas, ou melhor, mistura-os todos para compor sua visão de mundo, muitas vezes o tema de um texto não fica claro ou, ainda, serve apenas como mote para um mergulho mais profundo.

Tínhamos, portanto, claras as dificuldades que uma divisão arquitetada da forma como fizemos impõe. O roteiro a seguir, portanto, tentará ordenar e justificar a coesão que reconhecemos nos textos, demarcar opções que, por maiores que sejam os riscos, são de cunho pessoal, e introduzir a leitura.

⁷ Cf. Sérgio Buarque de Holanda. "O mineiro Drummond I". In: *O Espírito e a Letra*. SP: Companhia das Letras, 1996. P. 559.

*E OS CORPOS ENROLADOS*⁸

Meus olhos espiam.

Segundo Emanuel de Moraes, Carlos Drummond de Andrade teria “pretendido negar toda uma lírica formada sobre o amor perdido ou sobre o desamor. Em verdade, não a praticou”. Seria, portanto, estranho à Drummond o “ofício do cantar de amor, buscando a sublimação de suas fracassadas afirmações.”⁹ Assim, o poeta de Itabira, continua o crítico, resumir-se-ia a cuidar do amor escorando-se nos fatos e tratando-o com naturalidade.

Ao selecionar os poemas que fariam parte de seus primeiros livros, Drummond deixou para trás, ocultando-os por alguma razão, aqueles em que o amor era tratado de maneira evocativa e melancólica. No entanto, durante a década de vinte, o poeta publicou vários textos em que, ao contrário do que afirma Moraes, o centro é justamente um amor irrealizado ou perdido.

Entre tantos outros que nos poderiam servir de exemplo, a leitura de “De um Tempo de Fadas”¹⁰, apresenta-nos, imediatamente, uma das principais marcas de boa parte dos textos de sentido amoroso que o poeta então praticava: a apresentação de um momento, temporalmente situado sempre no passado, que, conjugado a um lugar igualmente distante,

⁸ Verso do poema “Casamento do Céu e do Inferno”, *Alguma Poesia*. A epígrafe está em “Moça e Soldado”, do mesmo livro.

⁹ Cf. Emanuel de Moraes. *Drummond Rima Itabira Mundo*. RJ: José Olímpio, 1972. P.84.

¹⁰ *Para Todos*, 9 dez. 1922.

abriga amplas possibilidades de realização erótico-sentimental. Já que o acesso pleno a tal tempo e lugar é vedado ao poeta, resta-lhe apresentar a saudade como único sentimento possível, agente de uma pequena felicidade que se deixa sentir apenas porque representa outra, maior e completa, a que não se pode atingir:

Há em ti uma ressurreição de eras fanadas, uma lembrança de países longínquos, onde já ondulaste através de países silenciosos.

Pelo teu corpo anda a vibrar, evocativa e monótona, certa melodia d'antigamente, enovelando-se nos cabelos, descendo como um fio pelas linhas plácidas do teu rosto, e caindo, caindo mais, a contornar-te os seios, e a espalhar-se, a diluir-se no teu dorso...

A descrição física do corpo feminino, mesmo não sendo muito explícita, chega a tornar concreta a presença da mulher. No entanto, tal concretude não é suficiente para amparar qualquer esperança de realização plena do ato amoroso, seja erótico ou meramente afetivo. O poeta parece conformado e, apenas, destaca o desencontro entre o objeto desejado e a voz que, resignada, identifica o tempo da perda:

Chegaste tão tarde! Hoje, todas as fadas morreram, o mundo perdeu os seus amados fantasmas, e há, nas almas boas, uma tristeza de estilo e venturas perdidas...

No conto “História Simples que Recomeça...”¹¹, sucessivos encontros e desencontros, iniciados ainda na infância do casal, atrapalham a relação amorosa. Aparentemente, algo nunca revelado impede que os dois se unam. Por fim, o último

¹¹ *Ilustração Brasileira*, fev. 1922. Apenas em alguns números de 1922, a *Ilustração Brasileira* informava o dia de sua publicação. Na maioria das vezes, contudo, trazia apenas mês e ano.

encontro revela que a idade e o desgaste da relação já não permitiriam qualquer sentimento maior.

Difícilmente, contudo, o desencontro amoroso causa mais que um leve incômodo aos amantes que, passivos, submetem-se à impossibilidade de realização. N' "O Poema do Amor que Não Deseja"¹², isso fica bem claro: o amante parece satisfazer-se apenas com o gosto pela contemplação do objeto amado:

E eu, que compreendo e sinto tudo isso, nem sequer te desejo para os meus braços – meus braços te profanariam, nem sequer te desejo para o meu sonho – meu sonho é um importuno conviva. [...] E nunca serás minha, e nunca saberás como eu te amo.

No conto "Aquele Pobre Destino"¹³, o protagonista, Paulo, tem diante de si dois tipos de mulheres bastante característicos: a primeira, dona de "uma beleza desvairante, uma carne morena cheia de perfume, uns olhos verdes muito redondos, e uma cabeleira estranhamente semiloura... A outra, ao contrário, convidava aos devaneios calmos, sobre a espreguiçadeira, num crepúsculo de andorinhas". Evidentemente que, entre a última, amante devotada e entregue e a primeira, mulher rebelde e distante, Paulo resolve partir em busca da que sabia inatingível: a mulher de carne morena.

Percebe-se, pois, que Drummond destaca repetidamente a impossibilidade amorosa, descrevendo amantes ambíguos ou frustrados. O clima é normalmente nebuloso e feito de meios-tons, onde a passividade das personagens divide espaço com frases evocativas e

¹² *Para Todos*, 16 jun. 1923.

¹³ *Ilustração Brasileira*, nov. 1922.

lânguidas. Tudo envolto em muita melancolia e intimismo, que são, segundo Norma Goldstein¹⁴, a tônica da estética penumbrista.

Tal ambiente turvo e brumoso, desvelando cores e silêncio, rendeu, no começo de sua carreira, muito ar para o fôlego poético de Carlos Drummond de Andrade. Uma das fontes, já citada, inclusive, é o *modus operandi* apreendido por meio da leitura que o poeta então realizava da obra de Álvaro Moreyra, um dos principais representantes da vertente penumbrista que apareceu nas nossas letras nos anos que antecederam a semana de vinte e dois. O próprio Drummond, em vários textos, chega a revelar sua admiração:

O Sr. Álvaro Moreyra vê diferente. Para compreendê-lo, é imprescindível possuir um espírito irmão do seu e estar vinculado à sua família espiritual, sua obra, autêntica obra de arte, é uma criação dos raros apenas. Nela, como num jardim fechado, passeiam os espíritos melancólicos que amam a beleza e a graça.¹⁵

A fórmula do gaúcho, carregada um pouco mais na dose sentimental que o poeta de Itabira, é bem aquela assumida pelo autor de *Alguma Poesia*: Moreyra situa a felicidade apenas em outro lugar, sempre inatingível. Regina Zilbermann¹⁶ destaca o ambiente sentimental e pesadamente subjetivo como o preferido por seus textos. Outro poeta, de voz bem mais possante que a do editor, certamente pesou nas opções de Drummond: Manuel Bandeira.

Certamente, em 1922, Drummond já lera e relera *A Cinza das Horas e Carnaval*, lançados às expensas do autor em 1917 e 1919. Os dois volumes, envoltos pelo que Gilda e

¹⁴ Norma Goldstein. *Do Penumbrismo ao Modernismo*. SP: Ática, 1993.

¹⁵ Apud John Gledson. Op. Cit. P. 29.

¹⁶ Regina Zilbermann. *Álvaro Moreyra*. RS: IEL, 1990.

Antonio Candido chamam de “atmosfera algo difusa”,¹⁷ enchem-se do mesmo ambiente de nuvens, saudades, melancolias e perdas. Apenas uma olhadela em seus textos, como na seguinte estrofe de “Volta”, dão conta disso:

Porém, já tudo se perdeu
No olvido imenso do passado
Pois que és feliz, feliz sou eu.
Enfim te vejo.¹⁸

Comum aos dois autores, ainda, é a ostensiva presença do olhar, ele mesmo, já que pressupõe a distância, cuida de assegurar a separação com relação ao objeto amado. N’ *A Cinza das Horas*. Bandeira compõe um poema em que, tendo por base a antiga tópica do tempo que estraga a beleza, deixa em primeiro plano a questão do olhar:

A vez primeira que te vi
Eu era menino e tu menina
Sorrias tanto... Havia em ti
Graça de instinto, airosa e fina.
Eras pequena, eras franzina...
[...]
Quando te vi pela segunda vez
Já eras moça, e com que encanto
A adolescência em ti se fez!
Flor e botão... Sorrias tanto...
E o teu sorriso foi o meu pranto...
[...]

¹⁷ Gilda e Antonio Candido. “Introdução”. In: *Estrela da Vida Inteira*. RJ: Nova Fronteira, 1993.

¹⁸ Manuel Bandeira. “Volta”. *A Cinza das Horas*.

Vejo-te agora. Oito anos faz,
Oito anos faz que não te via...
Quanta mudança o tempo traz

Em sua atroz monotonia!
Que é do teu riso de alegria?¹⁹

A atração esboçada na primeira estrofe não se consuma e o poeta, ao notar a beleza que despontara na infância tornar-se encantadora na adolescência, chora ao ver o objeto amoroso sorrindo, marca clara de descontentamento perante a distância que os separa. Anos depois, ao avistá-la novamente, a beleza parece ter sido degradada pelo passar do tempo. Mais uma vez, o que resta é pesar e saudade perante a perda.

Em 1923, Drummond publica um texto em que, livre da ação devastadora do tempo, também deixa em primeiro plano a sugestão dos olhos, que observariam baudelaireamente o objeto de encanto passar, despertando emoção no poeta. Aqui, o fluir do tempo é sugerido pelo desenrolar das estações do ano:

Vi-te na manhã de primavera... Na manhã de primavera, como os pássaros cantavam! E meu coração sentiu-se feliz, embora passasses por ele e não ouvisses... E fugiste na manhã de primavera.²⁰

Novamente surgindo no verão, o ser amado, aqui identificado apenas pelo uso da segunda pessoa, caminha sem notar os olhos que o observam. No outono, sugestivamente quando as folhas que nasceram ou foram vistas na primavera começam a cair, pela primeira vez a passante percebe que está sendo vista. Por fim, no inverno, quando finalmente há a

¹⁹ Manuel Bandeira. "Três Idades". *A Cinza das Horas*.

²⁰ "E tu passaste...". *Para Todos* 7 jun. 1923.

disposição para a consumação amorosa, o tempo se foi e parece tarde demais para qualquer coisa:

Vi-te pela última vez na manhã de inverno... Meu coração tiritava de frio [...]. Então passaste por ele e quiseste levá-lo – mas já era tão tarde! Meu coração tiritava de frio, meu coração tiritava e morria...

Mesmo, portanto, quando há a disposição para o amor, o desencontro surge para inviabilizá-lo através do descompasso entre sujeito e objeto. Tal descompasso é, aliás, segundo Mirella Vieira Lima, um dos motivos da tensão afetiva que viria a surgir na pena drummondiana²¹.

Quando há o encontro, o casal parece unir-se apenas para afastar a solidão e não para consumir qualquer sentimento amoroso. A conclusão de “O que Ficou de um Romance”²², deixa isso bem claro:

Vimos por um caminho muito longo, de onde os rumores e as criaturas se foram ausentando, pouco a pouco... E por aqui ficava os dois, solitários, um diante do outro, um abraçando o outro, um confundindo o seu desalento com o desalento do outro...

A lâmpada, agora, silhetisa na parede os nossos desalentos abraçados... Lá fora, ouves? – há um ruído de gente a perseguir o amor, pelas ruas doidas...

O abraço, que talvez pudesse ser uma marca de união, consiste aqui apenas em uma fuga da loucura que é, para o poeta, a procura amorosa, deixada lá fora, no desatino das ruas.

²¹ Mirella Vieira Lima. *Inconfidência Mineira*. SP: Pontes/Edusp. 1995.

²² *Ilustração Brasileira*, dez. 1922.

Quando resvala na questão erótica, Drummond não abandona, na maioria das vezes, a matriz penumbriada. Sintomaticamente trazendo uma epígrafe de Remy de Gourmont²³, o texto “Sob a Luz Ambígua”²⁴ parece abrigar toda a cenografia de que o poeta fazia uso: perfumes fortes e o cheiro de violeta envolvem o quarto de Marion, supostamente a amante do narrador. O casal conversa, e o assunto é o tédio, naturalmente. Na descrição do corpo de Marion, o autor se permite algum erotismo:

Nua; Marion está nua. Corpo esbelto e lânguido, as feridas do seio muito agudas, e a linha sinuosa das ancas feita para os inconcebíveis mistérios. As coxas são colunas orgulhosas, e tanto nas coxas quanto nas pernas, há o desejo dos movimentos que prendem e libertam, e que são caprichosamente vários.

No entanto, no momento de consumá-lo, o casal suspende o jogo erótico e se distancia. O poeta deixa claro que a realização não combina com aquele universo de artificialismo: “Repelimos as sensações elementares....”

Quase sempre, Drummond idealiza o corpo feminino: “A sós com um lindo corpo de mulher, nós nos convencemos da miserável inutilidade de tudo: arte, sonho, trabalho... Tudo esquecemos e tudo perdoamos, porque nada mais nos atinge: aquele corpo é uma realidade feliz [...]”²⁵ Desta forma, qualquer contato físico se tornaria uma agressão à perfeição que representa a mulher. Como o amor, o encontro sexual só é permitido no

²³ “Mi-devetue, il la prit sur genoux et le jeu des doigts en promenade signalait à mesure la localisation des Correspondences.”

²⁴ *Para Todos*. 10 jan. 1925.

²⁵ “Mulher...”. *Para Todos*, 29 set. 1923.

sonho e se revela na saudade de algo que nunca aconteceu:

[...]
Sonhei que era o espelho em que te refletes
[...]
Sonhei que era a túnica de que te vestes
[...]
Sonhei que era a água em que te banhas
[...]
Esta noite sonhei três sonhos esplêndidos
E acordei com a saudade do teu corpo.²⁶

O texto “Bilhete a Teu Corpo”²⁷, por sua vez, enquadrar-se-ia perfeitamente na fórmula de idealização erótica que Drummond vinha praticando se, na última linha, o poeta não surpreendesse: depois de destacar a exuberância do corpo da amada (e o sangue que o torna vivo), surge a advertência de que, talvez, a Liga Pela Moralidade não gostasse muito daquilo.

Afora a pertinência do julgamento das senhoras católicas, que não nos importa, é interessante aqui perceber que, desde 22, ao lado de poemas de tom indiscutivelmente penumbrista, Carlos Drummond de Andrade pratica outros em que o humor, que viria a desaguar na leveza graciosa de diversos poemas de amor de *Alguma Poesia*, já pode ser sentido. É evidente, portanto, que o poeta, nesses anos de formação, tateia as diversas possibilidades estéticas, ainda que prefira a segurança, na maioria das vezes, do ideário penumbrista.

²⁶ “Espelho, túnica e água”. *Para Todos*, 25 out. 1924.

²⁷ *Ilustração Brasileira*, dez. 1922.

Mário de Andrade chega a perceber o tom sutil e cheio de filigranas de diversos poemas de *Alguma Poesia*²⁸. No entanto, ao tentar desvendá-los, acaba explicando o relativo intimismo do primeiro livro de Drummond por meio de uma chave excessivamente psicológica.²⁹ Partindo para uma discussão mais propriamente estética, é possível identificar nesses poemas, rescaldo, ainda, do penumbrismo praticado por Drummond nos anos que antecederam a publicação do seu primeiro livro.

A questão sexual, outras vezes, toma o caminho da anormalidade e da bizarria. Em “Suprema Noite de Bodas”³⁰, por exemplo, o narrador entra em um quarto, a princípio, típico: silencioso, de luz fraca e parede branca. No entanto, ao abrir as cortinas da alcova da amante, o narrador revela que não voltará do encontro carnal que está prestes a acontecer: terá uma noite de bodas com a morte. No poema “Filha de Osíris”³¹, também, o poeta declara ter a impressão de que está beijando uma múmia. Evidentemente, ainda que haja eco de um certo romantismo tardio, filtrado pela releitura pós-simbolista, o elemento bizarro surge para sustentar a máquina que Drummond quer fazer funcionar: é impossível qualquer realização amorosa estável e livre de culpas ou desajustes.

Entre todos esses textos, apenas um foi aproveitado por Drummond em *Alguma Poesia*: “Sentimental”³². Mesmo ele, contudo, guarda alguma semelhança com os que apresentamos: ao tentar compor o nome da amada com as letras de macarrão, o eu-lírico descobre que lhe falta uma letra. Ao mesmo tempo, uma voz pede para que deixe de imaginar coisas. O desfecho é categórico: não se pode nem mesmo sonhar.

²⁸ Mário de Andrade. *Aspectos da Literatura Brasileira*. SP: Martins, 1974.

²⁹ Cf. Roberto Scharwz. “O Psicologismo na poética de Mário de Andrade”. In: *A Sereia e o Desconfiado*. SP: Paz e Terra, 1981.

³⁰ *Para Todos*, Rio de Janeiro, 8 mar. 1924.

³¹ *Ilustração Brasileira*, jun. 1925.

³² *Para Todos*, 15 ago. 1925.

No entanto, e talvez por isso mesmo tenha acabado em *Alguma Poesia*, “Sentimental” destoa do tom penumbriista. Ao trazer para a poesia expressões como “sopa” e “letras de macarrão”, Drummond opera com maestria a mescla de estilos que, segundo José Guilherme Merquior³³, viria a marcar sua produção modernista. Eco disso, talvez também possa ser encontrado na menção à Liga pela Moralidade citada anteriormente. No mais das vezes, o tratamento amoroso e erótico de Drummond é evocativo, melancólico e voltado para encontros frustrados.

Merquior, ainda, lembra bem que um dos poemas de “*Alguma Poesia*, ‘Sweet Home’ é dedicado a Ribeiro Couto, um dos mestres do lirismo penumbriista, isto é, do intimismo neo-simbolista e crepuscular da Belle Époque [...]” Ao publicar *Alguma Poesia*, entretanto, o intimismo é de algum modo minado por dentro”.³⁴ Ao deixar para trás, no seu primeiro livro, os textos mais propriamente penumbriistas, Drummond indica que sua inserção no movimento modernista não é natural³⁵, mas, sim, realizada de maneira consciente, após inúmeras tentativas em diversos estilos e estéticas.

³³ José Guilherme Merquior. *Verso Universo Drummond*. RJ: José Olympio. s/d.

³⁴ Idem. P20.

³⁵ Ao contrário, portanto, do que afirma o próprio Merquior: *Do ponto de vista do estilo, as obras de Murilo e Drummond surgiram, juntas e diversas, prontissimamente modernas, na primeira grande partenogênese da literatura modernista*. “Notas para uma muriloscopia”. In: Murilo Mendes. *Poesia Completa e Prosa*. RJ: Nova Aguilar, 1999. P. 11.

QUEM FOI QUE APITOU³⁶

Estou preso à vida e olho meus companheiros.

Reunimos em uma seção, também, o grupo de textos, predominantemente de cunho narrativo, em que Drummond procurou, por meio da sua ótica peculiar, expor situações e contar acontecimentos que tivessem por centro, ou um indivíduo, ou um grupo deles. Evidentemente, como já destacamos, os temas se entrelaçam e, por vezes, a presença do amor, ou ainda de outros que pretendemos apresentar, pode ser sentida. No entanto, se o amor surgir nesse grupo de textos, não será em primeiro plano, mas sim como elemento acessório à criação de uma ou de várias personagens.

Em vários textos, por outro lado, algumas marcas que apareciam no grupo anterior, de maneira distinta, continuam bem claras neste: o homem que Drummond cria está, na maioria das vezes, em conflito e procura por algo. O caminho, porém, é longo e quase sempre inconcluso. As personagens de Drummond, pois, parecem estar perseguindo um fim que, além de não saber qual seja, nunca é alcançado. No texto “O Homem que andou muito...”³⁷, por exemplo, um tipo messiânico, à semelhança de Antônio Conselheiro, surge

³⁶ Verso de “Lanterna Mágica”, poema de *Alguma Poesia*. A epígrafe está em “Mãos Dadas”, de *Sentimento do Mundo*.

³⁷ *Ilustração Brasileira*. Abr. 1923.

sem dizer muitas palavras e, por onde anda, atrai um grupo de pessoas que, mesmo sem entender muito bem o porquê, dispõe-se a segui-lo.

Nesse caso, contudo, apesar da falta de razões certas, o caminho não é árido e a busca, ainda que inconclusa, impõe felicidade aos que aceitam participar. Por fim, o guia morre e seus seguidores, todos mulheres de destacada beleza e alegria, descobrem que nem o nome dele sabiam. Estavam ali apenas para caminhar. O poeta parece, desta forma, sublinhar a importância da procura, mesmo sendo ela sem muito destino, como uma das possibilidades de se aproximar de alguma realização.

Em diversos outros trabalhos, também eles de tom penumbrista, Drummond cria pequenos textos de cunho moral, bem à maneira, aliás, do que Álvaro Moreyra praticava religiosamente todos os meses nas revistas que dirigia. Os exemplos são vários e, todos, constroem-se por meio de uma espécie de fábula, ela mesma sem muita profundidade, cuja conclusão tenta deixar ao leitor uma prenda para reflexão. Característico disso é o texto “Felicidade...”³⁸:

O homem que inventou a primeira anedota era gordo e feliz. Sobretudo, era muito feliz, e ria desabaladamente. Ria tanto que suas feições, não raro se congestionavam, e todos temiam que o homem arrebentasse.

[...]

Contar anedotas talvez seja o único meio de ser feliz... Ou talvez não seja. Talvez não haja nenhum meio de ser feliz. E talvez haja uma porção deles...

³⁸ *Para Todos*. 6 out. 1923.

Curiosamente, o poeta alia a felicidade à gordura em outro texto: apesar de ser considerado feliz, um senhor obeso não consegue sentar-se confortavelmente no cinema e, depois do filme, arranjar um espaço no bonde. Nem matar-se, aliás, o homem feliz consegue, tendo que viver para sempre com a companhia da sua felicidade gordurosa.

Esse homem drummondiano, portanto, vive à procura de solução para seus dilemas, sem jamais, contudo, encontrá-la. Tal contínuo tormentoso, naturalmente, gera personagens em crise, como o narrador de “Um Rei”³⁹ que, ao notar o caráter passageiro das coisas e a durabilidade de si mesmo, perturba-se:

Somente eu não passo, eu que me contemplo através do escoamento das imagens, e estou no fundo de todos os tempos! A bem dizer, acho incômoda essa eternidade. Mas, que fazer? O espírito transforma seus dons em instrumento de tortura.

O que, no entanto, deixa-o irritado é, justamente, a consciência da temporalidade humana:

E o meu espírito é um velho demônio. Deixá-lo jogar. Sou grande e miserável pelo meu espírito.

Resta, ainda, algo essencial que o interessa, ele mesmo:

Prefiro falar sobre o meu ser, eterno e mutável, fixo e inconsistente. Eu perduro e me transformo. Não sou eu mesmo dois minutos seguidos, mas a minha essência continua.

³⁹ *Para Todos*. 7 fev. 1925.

Por fim, o narrador conclui que apenas o intelecto, demoníaco e desequilibrador, segundo ele, pode proporcionar algum prazer:

Todos os conquistadores são cerebrais. Volúpia? Não há volúpia maior que a de ser casto e criar luxúrias do pensamento.

Assim, é possível resgatar aqui aquele mesmo ser passivo que conhecia a impossibilidade de realização amorosa plena. Reunindo-o com esse, que sabe que o prazer reside bem mais no pensamento que na prática, percebemos que o homem – ou melhor, um deles – drummondiano dessa época parece conformado com o papel de observador distante, na penumbra, para usar uma expressão comprometedora.

Com outro tom, contudo, e construído através de ferramentas distintas, a personagem observadora volta a aparecer em outros textos, mais coloquiais e irônicos, que se identificam um pouco mais com o Drummond modernista. No texto “Esperança...”⁴⁰, por exemplo, expressões como “vá-lá” e, “ó, vida apertada!...”, típicas da fala oral, aproximam-no do receituário pregado pela semana de vinte e dois. Mesmo aqui, contudo, a realização não é completa:

Hoje ela [a felicidade] veio fazer-me uma deliciosa visita. Dia de sol, dia de luz e até de felicidade. Mas, desgraçadamente, foi uma curta visita. Um desejo ia florir no meu quarto pobre... E logo uma voz irrompeu lá fora, espantando a pobrezinha: - ó vida apertada!...

⁴⁰ *Para Todos*. 29 set. 1923.

No caso, contudo, mais que a passividade da personagem, é a sociedade que não permite um desenlace feliz. Antonio Candido, inclusive, ao discutir os primeiros livros de Carlos Drummond de Andrade, nota que, nesses textos, “a sociedade oferece obstáculos que impedem a plenitude dos atos e dos sentimentos”.⁴¹

A questão social, naturalmente, aparece como um agente de perturbação e desconforto para a trajetória das personagens drummondianas. Álvaro Lins, aliás, chega a identificar certa inclinação do poeta pelo sentido trágico da vida⁴². Nestes primeiros textos, o poeta parece perplexo diante das diferenças sociais. No conto “Maria da Rua”⁴³, por exemplo, descreve a situação de um homem que, ao se deparar com uma mulher “muito magra, muito insignificante, [...] um farrapo humano”, resolve levá-la para casa, um pouco apaixonado, outro pouco por consternação.

Como iria depois sugerir no “Poema de Sete Faces”, Drummond tenta colocar a culpa da situação no álcool, mas a mulher é rápida ao responder-lhe que “não, meu menino, não foi absolutamente o absinto, foi a vida...” Desde já, conforme assinalou Afrânio Coutinho, Drummond não se rende e aceita seu papel de testemunha da dor do mundo⁴⁴. Em outro texto da coletânea, “Morrer”⁴⁵, um conto de sete páginas, o mais longo de todos, aliás, Drummond descreve machadianamente as reflexões de um homem que se suicidara. Aos poucos, o leitor é apresentado a Wenceslau, homem simples que passou a vida desejando enriquecer. Preso à rotina de funcionário de terceira classe, erra de pensão em pensão, humilhado pela inúmeras obrigações desagradáveis que tem que cumprir. Há em

⁴¹ Antonio Candido. “Inquietudes na Poesia de Drummond”. In: *Vários Escritos*. SP: Liv. Duas Cidades, 1977. P. 103.

⁴² Álvaro Lins. “Humor e Poesia”. In: *Jornal de Crítica*. 3. Série. RJ: José Olímpio, 1944. P. 70.

⁴³ *Para Todos*. 22 mar. 1924.

⁴⁴ Afrânio Coutinho. “Nota Preliminar”. In: *Fortuna Crítica – vol. 1*. RJ: Civ. Brasileira, 1978.

⁴⁵ *Ilustração Brasileira*. Jan. 1925.

tudo certo ar de abandono e estagnação. O final do conto, direta e ironicamente invocando o Brás Cubas, parece resumir bem a situação da personagem: “Ele era franzino e os vermes devem tê-lo comido em pouco tempo”.

Mesmo solidário com o drama da personagem, o artista critica certo comodismo que vê como uma das causas da sua miséria. Tal crítica, aliás, voltaria outras vezes nos textos dessa época, como no poema “Quantas anedotas interiores...”⁴⁶:

Por que foi
Que muitas vezes nossas mãos levantadas
Caíram molemente, lentamente
Sem forças para nova tentativa
E a palavra que nossa boca murmurava
Não se repetiu?

Por que foi
Que muitas de nossas palavras (as melhores) saíram
[abafadas
Do fundo da garganta,
Ou, já nos lábios, se transformaram
Em palavras banais?

A primeira pessoa do plural, a mais universal das do discurso, denuncia claramente a opção totalizante do poeta: ele está falando de todos nós, homens, da existência humana, para ele, caracterizada sobretudo por uma meia-atitude, ou, então, por ações que apenas se ensaiam e nunca se concretizam. Além do gesto, tudo parece congelar antes de nascer, inclusive a própria palavra, preciosa para um artista que faz dela, justamente, sua matéria-prima.

⁴⁶ *Ilustração Brasileira*. Mar. 1926.

O poeta procura a razão da banalização das palavras que, quando não mortas na garganta, surgem abafadas e sem poder. Naturalmente, coloca em jogo as próprias possibilidades poéticas, elas também submetidas a todas as limitações da razão humana. O homem parece, sem explicação clara, todo ele paralisado por atitudes que negam, além da expressão, a própria plenitude humana.

Sebastião Uchôa Leite chega a identificar o comodismo como uma das *bêtes noires* de Drummond⁴⁷. Nestes primeiros textos, contudo, mesmo identificando a situação social e se solidarizando com suas vítimas, o poeta parece um pouco distante, como se a ele bastasse reconhecê-la e descrevê-la, de acordo com Antonio Candido⁴⁸. Um exemplo disso é o texto “O Conto da vida”⁴⁹, quando Drummond conta a aventura de um homem no deserto à procura de um lugar para escrever sua história. Muito de longe, descreve a situação e procura sondar o interior de sua personagem. Recusa-se, porém, a aproximar-se e participar do drama.

Não há aqui, ainda, portanto, o artista que futuramente tomaria parte nos dramas coletivos, na expressão de José Guilherme Merquior.⁵⁰ Por enquanto, Drummond identifica a dor da questão social e manifesta certa solidariedade, mas ainda não mergulha no fato. Distante, parece querer observar bem para, depois, refletir e aderir ao “sentimento do mundo”.

⁴⁷ Cf. Sebastião Uchôa Leite. *Participação da Palavra Poética*. RJ: Vozes, 1966.

⁴⁸ Antonio Candido. “Inquietudes na Poesia de Drummond”. P. 95.

⁴⁹ *Para Todos*, 26 abr. 1924.

⁵⁰ José Guilherme Merquior. *Razão do Poema*. RJ: Civilização Brasileira, 1965.

ENTROU A TOMAR PORRES⁵¹

A noite caiu na minh'alma.

Reunimos aqui um pequeno grupo de textos em que o poeta, um pouco mais descontraído, tematiza a vida boêmia e noturna dos salões que então despontavam nas grandes cidades, na esteira dos modernos *boulevard's*. Agrupamos a seu lado, ainda, alguns escritos cuja matéria central é descrita por meio de alucinações ou delírios dos protagonistas. O que aproxima tais textos é a presença de um agente de desequilíbrio, normalmente o álcool ou alguma outra substância narcotizante.

Aliás, é justamente através de tais substâncias que o artista abre espaço para uma comedida realização das personagens. No conto “O Esplêndido Festim”⁵², por exemplo, um grupo de pessoas, todas embriagadas, tem a visão de uma mulher, surgida no centro da mesa que, pronta e sintomaticamente, apresenta-se como a “Vida”. Após repreendê-los por nunca terem procurado-a, a “Vida” anuncia que “o verdadeiro prazer é uma orgia íntima, uma orgia da alma, de pensamentos e de sentimentos”. Na mesa, então, os amigos, enfim, têm a oportunidade de sentir a “majestade do grande momento”.

Como quando recorria a um mundo onírico, o artista lança mão agora do álcool (outra vez deixando para o leitor a lembrança do “Poema de Sete Faces”) para transportar

⁵¹ O título está no poema “Política” e a epígrafe em “Cantiga de Viúvo”. ambos de *Alguma Poesia*.

⁵² *Para Todos*. 23 set. 1922.

seus protagonistas desta para outra realidade. A cena, aqui, é ainda mais forte: é neste outro universo que, finalmente, eles encontram a “Vida” e podem gozá-la. Parece claro, portanto, que Drummond de fato se preocupa em expressar a impossibilidade de qualquer realização satisfatória na realidade direta das personagens. Por enquanto, acha como solução, invariavelmente, a fuga.

Uma marca interessante de tais textos é a presença ostensiva de termos como *carro*, *boulevard's* e *cabaret's*, caracteristicamente ligados ao processo de modernização que, desconfiadamente, Drummond testemunhava. Em “O Homem das Anedotas”⁵³, dois amigos caminham, no vazio da noite, aparentemente pelo que seria uma grande avenida. Subitamente, um automóvel passa em grande velocidade e os acorda de um estranho estado de torpor. Nesse momento, um dos colegas põe-se a recordar a cena que, minutos antes, tinham vivido em um *cabaret*: embriagados, têm a impressão de que a dançarina, os outros convivas, todos tinham acabado de se transformar em mármore.

Cabe ressaltar, de passagem, que o poeta instala sentimentos de solidão, justamente, em centros urbanos, locais onde o crescimento desmedido, desde a década de vinte, gerava, sob seu ponto de vista, homens angustiados. No caso, primeiro despertos e incomodados pelo ruído de um veículo, uma das marcas mais características da modernidade, e depois oprimidos entre o público de um *cabaret*, os dois protagonistas observam, quase em estado onírico, a coreografia das dançarinas. Cada vez mais, o ambiente incomoda e os torna frágeis.

Imediatamente, surge o homem drummondiano, exasperado e angustiado na voz

⁵³ *Para Todos*. 25 ago. 1923.

agoniada da personagem: “tomou-nos um grande pavor... o pavor de nós mesmos, da nossa insignificância e do nosso isolamento”. A solução, outra vez, vem de maneira irônica, com a inesperada resposta da outra personagem que, até ali, mantivera-se calada: “você não pode beber, fica logo a dizer tolices”.⁵⁴ É, aliás, por conta da crítica à modernização descontrolada que Antônio Houaiss situa Drummond, após os poetas de combate mais direto de vinte e dois, como o autor que melhor representou a modernização brasileira.⁵⁵

No texto “A Terceira”⁵⁶, por sua vez, uma caveira surge na direção de um automóvel que cruza paisagens em grande velocidade. Drummond substitui, pois, a personagem cheia de angústia por outra, agora bizarra. Em um ou outro caso, porém, não há nem tranquilidade, nem reações normais frente à modernização. Tudo, pelo contrário, fica na esfera da desconfiança e inquietação. Por fim, esse pequeno grupo de textos serve para ilustrar, entre copos de vinho, velocidade e dançarinas, toda a reserva com que o poeta via o processo de crescimento tecnológico e urbano, tratado por muitos, na época, com grande euforia.⁵⁷

⁵⁴ Notar vestígios no “Poema de Sete Faces”, outra vez, seria muito repetitivo...

⁵⁵ Cf. Antônio Houaiss. “Sobre Carlos Drummond de Andrade”. In: *Poetas do Modernismo – vol. 3*. GO: INL/MEC, 1972. P. 148.

⁵⁶ *Para Todos*. 8 mar. 1923.

⁵⁷ José Guilherme Merquior chega a afirmar, mesmo, que, na obra de Drummond, a modernização nunca é por si mesma matéria de apologia; ela não é celebrada, é sofrida. O progresso começa com a brutalização dos costumes. Op. Cit. P. 18.

EU TAMBÉM JÁ FUI POETA⁵⁸

Meu verso é minha consolação.

Antonio Candido, em texto já citado, percebe que o eu, na obra drummondiana, mesmo incomodando o artista, é muito presente⁵⁹. De fato, desde os anos vinte, o autor trata de seus dilemas interiores, às vezes de forma direta, outras obliquamente. O texto “Eu, escritor...”⁶⁰, cujo título já denuncia a intenção confessional, tematiza a dificuldade que o autor encontrava para situar-se frente à escrita. Não se trata, aqui, da comum falta de assunto. Pelo contrário, o artista tem-no à frente: pretende contar a história do “semeador de cinzas”.

O que o angustia, porém, parece ser a validade das palavras. Tanto que, de início, enche o tinteiro com seu próprio sangue, atrás de termos fortes e representativos que deixassem claro que tinham vindo de dentro do artista. A prática, porém, não dá certo. O escritor não desiste e lança mão de um tinteiro comum. Desta vez, o ambiente ao redor o distrai e ele não consegue a concentração que julga necessária para produzir um texto adequado. Por trás da janela, vem um ruído que o atrai para fora de casa. Ao sair, ele descobre que a *rua vibrava*.

⁵⁸ Verso do poema “Também já fui brasileiro”, de *Alguma Poesia*. A epígrafe foi retirada do poema “Explicação”, do mesmo livro.

⁵⁹ Cf. Antonio Candido. “Inquietudes na poesia de Drummond”. P. 97.

⁶⁰ *Ilustração Brasileira*. Abr. 1925.

A conclusão não é surpreendente: o autor admite que não escreveu o que pretendia, nem o tema, nem a força expressiva que objetivara, mas conseguiu uma “página mortal”. Desde já, o poeta demonstra certa desconfiança com a força da palavra escrita. Naturalmente, tal desconfiança não é a mesma que se perceberia nos seus livros de maior sopro, quando a crise chegaria a colocar em xeque até mesmo a validade do fazer poético⁶¹. Para o Drummond anterior a *Alguma Poesia*, a crise parece resolver-se, momentaneamente, com a dessacralização do trabalho do autor, atitude, aliás, dividida com muitos outros escritores que aderiram ao Modernismo.

No texto ‘Os Lábios Fechados’⁶², publicado dois anos antes de “Eu, escritor...”, Drummond é ainda mais claro ao admitir seus limites quanto às possibilidades de expressão:

Minha boca se fechou, pronunciava uma frase e bruscamente se fechou. Porque se fechou a minha boca? Porque não concluiu essa frase? Em torno de mim, há ouvidos irônicos escutando, e esses ouvidos querem escutar até o fim. E porque desejarão escutar até o fim, se eu nada lhes poderei dizer?

Não passa em branco, para Drummond, a expectativa do público perante a voz do artista. No entanto, e naturalmente isso é motivo de conflito, o poeta não pode atender ao que dele é esperado. Pelo contrário, desconfia mesmo que, talvez, o dito nem valha a pena:

Uma frase que não acabou...

⁶¹ Cf. Iumna Simon. *Drummond: Uma poética do risco*. SP: Ática, 1978. P. 144.

⁶² *Para Todos*. 4 ago. 1923.

E para que acabar? Deveria acaso ser dita? Qual a frase que eu deveria dizer? Quem sabe se eu deveria calar-me...

Cheio de incertezas, o poeta termina por se igualar ao público, como dissemos, equiparando sua capacidade expressiva à da média:

Mas já tinha os lábios abertos, e a fala regressa... Estava dizendo uma frase, interrompi-a, porém, agora, farei outras. Vou dizer as frases vulgares de todo dia... as palavras de todo mundo, poeira anônima do espírito... Ouvidos irônicos me escutam. Que os importa se a frase não acabasse? Eu sou como os outros, e tenho os lábios abertos à vulgaridade...

Dignos de nota, ainda, são os textos desse grupo que o poeta rememora o passado, lembrando, por exemplo, seus tempos de infância, como em “Dentro do Baú”⁶³. Em primeira pessoa, o artista descreve, a princípio, aspectos de sua personalidade, bem drummondianos, aliás: “fui menino calado, triste, fraquinho”. Ensimesmado, lembra que fora uma “criança literária” e tem saudades daquele tempo. Conta, então, a paixão que sentira pela “história de Robinson Crusóé”, sublinhando, inclusive, que preferia ficar lendo a a viver aventuras com outros garotos. Imediatamente, o leitor sente ecos do famoso poema ‘Infância’, o segundo no índice de *Alguma Poesia*. De fato, os dois textos guardam diversas semelhanças: além da presença do livro de Defoe, há a velha preta, no poema fazendo café e no texto do *Para Todos*, cachimbando. “Dentro do Baú” conclui-se melancolicamente, de um lado evocando o menino que se esquivara da infância para ler, e de outro manifestando saudade daquele tempo.

⁶³ *Para Todos*. 23 jul. 1927.

A princípio, poder-se-ia estranhar textos de caráter memorialístico em um autor ainda jovem. No entanto, o caso parece ser, mesmo, de manipulação de certa fatura poética, com o poeta já tratando de temas que, daí em diante, seriam constantes em sua obra. É possível notar, portanto, que o recurso da memória na obra de Carlos Drummond de Andrade serve para, muito além da mera rememoração, praticar as questões mais caras ao autor.

Na maioria das vezes, o eu que se sobressai é melancólico e triste. Bom exemplo disso é o “Epigrama para Emílio Moura”⁶⁴, publicado depois, em *Alguma Poesia*:

Tristeza de ver a tarde cair

Como cai uma folha.

(No Brasil não há outono
mas as folhas caem).

Tristeza de comprar um beijo

Como quem compra um jornal.

Os que amam sem amor

Não terão o reino dos céus.

Tristeza de saber um segredo

Que todos sabem

E não contar a ninguém

(que este mundo não presta).

Para o ensimesmado poeta, a falta de particularidade e ênfase dos sentimentos é agente de tristeza. A tarde que cai sempre, o beijo que tem o mesmo valor que uma comum folha de jornal e o segredo conhecido por todos, aparentemente, resumem a banalidade

⁶⁴ *Para Todos*, 14 mai. 1927.

envolvida nas questões íntimas do artista. Depois disso, e dita entre parênteses como se fosse um sussurro, há já uma precoce constatação: “este mundo não presta”.

Mesmo que o acompanhe pelo resto de sua carreira, transformando-se livro a livro, o último verso resume aqui, sem exageros nem diminuições, o retrato interior de um poeta que se coloca melancolicamente perante o mundo que, por enquanto, apenas o entristece. Em “Máscaras da Alegria e da Tristeza”⁶⁵, Drummond celebra uma estranha “tristeza louca”. No quarto abandonado, onde da amante resta apenas a lembrança de sua caveira e um conseqüente arrepio, o artista celebra “uma dolorosa voluptuosidade, que vai florescendo nos meus sentidos...”

Também sozinho, o poeta ouve, de dentro de um quarto fechado, o som do ar batendo na folhagem do jardim, no texto “Poema do Vento Noturno”⁶⁶. Aos poucos, a natureza vai trazendo o retrato do que deve ser a amante perdida. O poeta, enfim, deixa-se invadir por um sentimento de nostalgia e melancolia. Com ele, o jardim também acaba ouvindo “canções de arrependimento”.

Não importa aqui dizer que, nos últimos textos, o caráter excessivamente piegas das descrições faria o autor de *Claro Enigma* corar. Parece-nos interessante, sim, perceber que na década de vinte há um Carlos Drummond de Andrade contemplativo e excessivamente sentimental, bem diferente, portanto, do poeta posterior que, no olhar de Álvaro Lins, “não tolera em si mesmo qualquer abundância supérflua, qualquer sentimentalismo, qualquer exaltação verbal”.⁶⁷

⁶⁵ *Para Todos*. 8 nov. 1924.

⁶⁶ *Para Todos*. 13 out. 1923.

⁶⁷ Cf. Álvaro Lins. *Jornal de Crítica – 3. Série*. RJ: José Olímpio, 1944. P. 84.

Otto Maria Carpeaux, diria que, mais tarde, a melancolia dessa época terminaria por se transformar na angústia que acompanhou o poeta⁶⁸. Percebe-se, ainda, que o eu drummondiano, à medida que o artista manipula suas ferramentas poéticas, torna-se menos individual, aderindo, aos poucos, à coletividade.

⁶⁸ Cf. Otto Maria Carpeaux. "Fragmento sobre a poesia de Drummond." In: *Ensaio Reunidos*. RJ: Topbooks, 1999. P. 440.

*AS CASAS ESPIAM OS HOMENS**Vivia jogado em casa.*

Quando há calma no universo cotidiano trabalhado por Carlos Drummond de Andrade, nos textos que recolhemos, uma segunda leitura, mais atenta, permitirá ao leitor notar que, por trás da aparente normalidade das cenas, reside um mundo inesperado e, algumas vezes, incômodo. Sérgio Buarque de Holanda⁶⁹ conclui, ainda além, que justamente o que há de atemporal oculto por trás das acomodações de superfície do espetáculo diário e convencional consiste na matéria por excelência do autor de *José*.

Muito embora não apresente situações por demais perturbadoras, preferindo enveredar pelo caminho do pitoresco bem humorado, o poema "Fantasia"⁷⁰, publicado, depois, em *Alguma Poesia*, é um bom exemplo da inclinação de Drummond pelo que está além da superfície. O ambiente noturno, na primeira estrofe, é caseiro, construído por meio de imagens imóveis e silenciosas.

Logo na estrofe seguinte, porém, os anjos da guarda surgem para afastar a imobilidade, espantando mosquitos e velando o sono da família. A figura do diabo, mesmo que leve, causa alguma tensão ao aproximar-se da imagem dos anjos. Enquanto esses

⁶⁹ Sérgio Buarque de Holanda. "O Mineiro Drummond I". Op. Cit. P. 558.

⁷⁰ *Para Todos*. 15 jan. 1927. Evidentemente, a questão amorosa pode ser sentida entre os versos do poema. No entanto, de maneira geral, o que sobressai é principalmente os aspectos cotidianos do universo noturno familiar.

últimos guardam, aquele espia. Bem no meio do poema, um dístico deixa clara a atenção do poeta para o que vai além do superficialmente rotineiro:

Que silêncio honesto no paraíso
Que barulho lá embaixo!

Enquanto São Pedro descansa, para continuar a oposição céu-inferno, o diabo espreita. Por trás do silêncio, suspiros de amor, e não roncos, ecoam na noite. O poeta, por fim, descobre algo que se move na madrugada: enquanto anjos guardam sonos púberes, em outro lugar o diabo testemunha corpos se enrolando e a carne penetrando na carne, para usar de suas expressões.

Também Murilo Mendes, outro poeta da geração de Drummond, procurou mergulhar no cotidiano, através de imagens que desfizessem a aparente impressão de organização do dia-a-dia. José Guilherme Merquior⁷¹ vê em Murilo Mendes a presença de uma lente de aumento que lhe permite destacar detalhes do mundo inacessíveis a olhos menos atentos.

No entanto, se realizam o mesmo salto atrás do inesperado, o ponto de chegada para os dois poetas é diverso: Murilo passa pelo insólito para chegar, com assombro, ao sobrenatural e ao surrealista; por sua vez, Drummond permanece na materialidade das coisas, procurando o olhar raro sem se evadir da realidade, como no poema “O Vulto

⁷¹ José Guilherme Merquior. “Murilo Mendes ou a poética do visionário”. In: *Razão do Poema*. RJ: Civilização Brasileira, 1965.

Pensativo das secretárias”⁷², de 1925, em que já se anuncia o poeta brincalhão e tecnicamente livre de *Alguma Poesia*. Mesmo muito timidamente, Drummond começa a praticar uma versificação mais livre e, quando quer ousar, imprime um forte traço prosaico aos seus temas:

Secretárias de Estado, ao luar!
Sois humanas...
Pareceis meditar
Nos graves destinos da pátria.

(Os guardas rondam com sono ao longe das secretárias).

Dentro de vós, a esta hora noturna,
Dormem os papéis burocráticos nas prateleiras,
Os tinteiros, as canetas sobre as mesas,
Os tapetes sobre o chão humilde
E os grandes retratos humorísticos na parede.

(As secretárias estão cansadas de trabalhar).

Retratos de ministros com bigodes brancos.
Chefes de seção, de beneméritos da Pátria.

Secretárias de Estado, ao luar!
Meditando solitariamente
Coisas de alta metafísica.

(Doce metafísica das secretárias...)

O poeta, ele mesmo funcionário de uma autarquia do governo federal, convida as secretárias oficiais para um descanso ao ar livre. A primeira estrofe constrói a imagem das

⁷² *Para Todos*, 7 nov. 1925.

sérias funcionárias debruçadas sobre a grande responsabilidade com que carregam os “destinos da Pátria”. Ironicamente, Drummond exclui a classe política da mecânica administrativa, relegando-a a um papel simbolicamente ridículo de retrato na parede, como deixa claro o último verso da segunda estrofe.

Assim, a vida prática nacional recolhe-se à figura da secretária, lembrada aqui noturnamente com uma leve sugestão erótica. Sugestão, aliás, que não se consuma, pois se elas são observadas, são apenas solenemente de longe pelos guardas que parecem somente, e sem grande preocupação, proteger a burocracia nacional. A própria imagem da secretária confunde-se com o material de escritório que toma conta do lugar de trabalho, desde as canetas sobre as mesas e os tapetes no chão, até os já citados retratos de políticos na parede. O ambiente carrega-se de imagens estáticas, muito bem construídas pelo poeta à procura de uma impressão de cansaço e tédio burocrático.

A confirmação disso aparece no verso seguinte: “as secretárias estão cansadas de trabalhar”, cuja função parece ser não só a de marcar claramente a fadiga da hora de fim de expediente, como, também, fazer um maroto contraponto à próxima estrofe, quando o poeta lista os cargos beneméritos da nação: ministros e chefes, sugestivamente figuras que trabalham pouco. Aqui, o poema parece atingir seu objetivo: com leve humor, denuncia que os homens importantes, os ridículos donos de bigodes brancos na parede, não trabalham como as secretárias, cansadas no começo da noite, elas sim responsáveis pelo movimento administrativo da nação.

O poema recolhe com felicidade alguns dos temas que futuramente estariam presentes na espinha dorsal de *Alguma Poesia*: ao traço erótico reúnem-se a bem humorada crítica política e um retrato levemente irônico da vida nacional. Tudo construído através da

lição da poética modernista, de onde Drummond certamente retirou, para seu poema, o verso livre, o ritmo irregular e a distribuição heterogênea das estrofes.

Aliás, é o último verso que esclarece definitivamente, por meio do revelador adjetivo “doce”, a disponível simpatia do poeta pela figura feminina da secretária. Novamente, ao convidá-las ao luar, na estrofe conclusiva do poema, o artista fixa a imagem da funcionária burocrática do governo: quase uma estátua meditativa. No entanto, rapidamente o poeta afasta uma possível solenidade que poderia surgir nessa imagem, qualificando ironicamente o objeto de preocupação das secretárias de “alta metafísica”. A conclusão parece irônica e, a princípio, redutora da posição importante que, em outros momentos, o poeta reservara à figura da secretária. Todo o monte de papéis, o trabalho extenuante e a responsabilidade com os graves destinos da pátria se reduzem à incerteza que representa qualquer metafísica, ainda mais aquela, ironicamente qualificada de alta pelos poetas tão ligados ao mundo concreto e prosaico como os modernistas.

Drummond, porém, recupera a imagem da secretária, retirando o inconfundivelmente irônico adjetivo “alta” e reservando à metafísica preocupada daquelas mulheres o terno e paternal “doce”. Por fim, o poeta parece sinceramente interessado na imagem daquelas mulheres fatigadas pela burocracia cada vez mais crescente nos anos da República Velha, cuja importância é desmerecida pelos já populistas retratos de políticos na parede. O poema é quase uma natureza-morta. Não fosse a figura humana da funcionária cansada de cuidar do futuro nacional e da sombra, lá longe, do guarda que garante a segurança sonolenta dessas mulheres, tudo nele seriam objetos descansando às vistas de paredes imóveis e de olhares inúteis pendurados nas paredes.

O poema torna-se ainda mais interessante se notarmos, como já dissemos, que o próprio Drummond viria, anos depois, assumir um cargo burocrático no governo. Ao que

parece, sua conhecida e festejada habilidade arquivística serviu-lhe para garantir o sustento como funcionário público, lotado burocraticamente por muitos anos no Ministério da Educação. Também ele ofuscado (embora seja preciso dizer que deve ter sido justamente essa sua vontade...) por retratos de homens importantes, Drummond parece ter encontrado parte de sua fuga dos tinteiros e canetas sobre as mesas, como diz seu verso, no trabalho poético. Aliás, como o poema sugere, o poeta nunca deixou de criticar os entraves da vida política brasileira, embora tivesse trabalhado para ela por muito tempo.

Entre o mesmo grupo de textos, há ainda alguns que se aproximam de uma das faces mais conhecidas da obra drummondiana: a inclinação social. Naturalmente, o artista ainda não pratica a crítica empenhada ou participativa que tomaria conta da sua obra no final da década de trinta e toda a de quarenta. Mais do que registrar a mera pobreza das personagens, Drummond investe em narrar situações que, lateralmente, denunciariam uma situação de vida simples material e espiritualmente. Um bom exemplo é o texto “Maria da Rua”⁷³, já analisado em outro ponto dessa introdução. O conto “Enterro na rua Pobre”⁷⁴, também trata de tais questões.

Desde o início, percebe-se certo ar pitoresco tomando conta da cerimônia de funeral e enterro de uma senhora, habitante da casa em frente, de duas janelas e alpendre modesto. Apesar dos funerais, a rua toma-se por uma multidão barulhenta e buliçosa. Crianças fazem festa e um senhor resolve contar piadas pornográficas. O viúvo surge nos braços de dois amigos e, logo, uma moça desmaia no meio da confusão. Antes do final, ainda, há a simpática menção ao caráter da falecida: era tão boa, tão econômica. Assim que o carro parte, a rua silencia: já não há mais razão para a festa e o divertimento dos populares.

⁷³ *Para Todos*. 22 mar. 1924.

⁷⁴ *Para Todos*. 8 mai. 1926.

Com exceção de um ou outro adjetivo, quase nada nos textos aparece para demarcar a condição social dos protagonistas. Drummond prefere registrar o ambiente cotidiano, resgatar hábitos e comportamentos e, sobretudo, compor uma crônica de costumes, lançando mão do pitoresco e do bem humorado. Nesses momentos, faz lembrar, consideradas as devidas diferenças, as cenas dos famosos contos de Antônio de Alcântara Machado.

Em “Veículo n. 1”⁷⁵, por fim, perduram algumas dessas notas. Mesmo que muito curto, o texto consegue, através da astuta e inteligente capacidade narrativa do autor, resgatar pequenos detalhes do cotidiano de duas crianças para compor um retrato de certa infância:

Um caixote de cerveja Antártica, sem tampa. Num dos ângulos, há um prego enferrujado, e nesse prego está enrolado o barbante que o dono do armazém forneceu. Um menino de dois anos, vestido de camisola, está sentado no caixote, que funciona como carrinho. Outro menino, já de calças, puxa o barbante e corre. O caixote vai aos trambolhões, pela rua cheia de cascas de laranjas, brinquedos nacionalistas.

É fácil notar, nesse caso, que Drummond esforça-se para trabalhar dentro da linguagem proposta pelos modernistas. Entre cortes cinematográficos, ligeiros e bem construídos, o tom leve revela o ambiente das brincadeiras infantis. O brinquedo, feito à mão e funcionando aos trambolhões, revela o recorrente pitoresco a que o poeta costumava

⁷⁵ *Para Todos*. 9 mai. 1925.

mergulhar nessas situações. O clima, porém, nunca escorrega para algo áspero ou grave. Ao contrário, o ambiente parece bem adequado à simplicidade da linguagem utilizada pelo artista. Aliás, artifício muito usado por outro autor próximo, Oswald de Andrade, para quem, por sinal, o texto é dedicado. Ademais, se já identificamos certo parentesco do primeiro Drummond com Álvaro Moreyra, Manuel Bandeira, Murilo Mendes e, mais distante, Alcântara Machado, é impossível deixar de lado o nome de Oswald, cujo diálogo pode ser sentido, mais diretamente, na coleção de epigramas que o autor de *Alguma Poesia* praticou na década de vinte e que pretendemos apresentar a seguir.

*FIOS NERVOS RISCOS FAÍSCAS*⁷⁶

Um grito pula no ar como foguete.

Entre 1922 e 1925, Carlos Drummond de Andrade publicou um grande número de aforismos, cuja marca principal é a despreensão e a comunicação ligeira e fácil. De fato, entre os mais de cem instantâneos, poucos parecem ser graves ou carregados de uma preocupação maior que o rápido conselho moral ou a pílula de humor. Em um desses raros exemplos de gravidade, publicado um mês antes da Semana de Arte Moderna, Drummond antecipa o anjo benjaminiano ao antever a catástrofe acumulada por trás da história humana:

Viver neste século é sofrer a tortura do esmagamento por um número pasmoso de séculos de civilização. A felicidade vai diminuindo com o acréscimo das eras; e de tal jeito que, no último dia, a última catástrofe encontrará todos os homens absolutamente desgraçados⁷⁷.

A visão de progresso do poeta, mais que pessimista, conduz o homem a um futuro de destruição, já que o passar dos anos condena-o a uma felicidade cada vez mais rarefeita.

⁷⁶ Verso de "Lanterna Mágica", de *Alguma Poesia*. A epígrafe está em "Construção", do mesmo livro.

⁷⁷ *Pura Todos*. 14 jan. 1922.

No mais das vezes, contudo, Drummond contenta-se em criar instantâneos despidos de gravidade, sem o peso das constatações por demais sérias. Há um amplo grupo de frases de cunho aconselhativo, bem voltadas para o quê, anos antes, vinha praticando o escritor Álvaro Moreyra, cuja presença nesse momento da obra de Drummond já constatamos. As frases não procuram qualquer profundidade, ao contrário, parecem querer demonstrar que sua eficácia reside justamente na rapidez despreziosa:

Calá-te. O mistério da vida é infinito. Escuta. O rumor do mistério é infinito⁷⁸.

É preciso viver, viver intensamente, correndo o risco de ser atropelado pela vida⁷⁹.

Se o leitor não estiver disposto a continuar com essas mínimas instruções para a vida diária, pode, ainda, acompanhar os pequenos instantâneos de sabedoria da pena drummondiana:

A maior decepção é ainda a que nos espera... a decepção que nunca chegará!⁸⁰

A natureza é um cochilo da arte, num dia de tédio.⁸¹

Palavra de palhaço. Sou o maior caricaturista da dor.⁸²

⁷⁸ *Para Todos*, 21 jan. 1922.

⁷⁹ *Para Todos*, 4 fev. 1922.

⁸⁰ *Idem*.

⁸¹ *Idem*.

⁸² *Idem*.

Muito dessa frasística compõe-se pelo gosto do jogo de palavras, aproximando vocábulos cujo sentido é distante, por vezes oposto, para através da estranheza semântica, obter algum efeito:

A alegria é uma tristeza convencional... ou talvez a meia tristeza sem máscara...⁸³

Viver - é o mais triste dos verbos... O que não impede que a vida seja o mais alegre dos substantivos⁸⁴.

A tua triste alegria! Tu és como o salgueiro que se pusesse a rir⁸⁵.

Poucas vezes, Drummond arrisca um avanço além do mero conteúdo de sentido das palavras. Na última frase, o poeta ensaia um mergulho na imagem do salgueiro, árvore conhecida como "chorona". Qualificando o interlocutor como dono de uma "alegria triste", o poeta compara-o à árvore que, tendo o choro no seu nome, contraria sua característica mais marcante, e se põe a rir. No entanto, o artifício pára por aí, sem qualquer mergulho mais profundo que, aliás, talvez fosse até inadequado para a forma praticada por Drummond.

Além dessas frases moralistas, cujo fundo, não é demais repetir, parece estar muito na obra de Álvaro Moreyra, um outro grupo de instantâneos aparece para, distanciando-o do penumbrismo do amigo e editor, irá aproximar Drummond de um dos aspectos da arte modernista: o humor ligeiro, arquitetado por meio de flashes

⁸³ *Para Todos*, 19 jan. 1924.

⁸⁴ *Idem*.

⁸⁵ *Idem*.

conhecidos como pílulas. Para esses, o poeta reservará uma certa dose de irreverência e graça:

Suicidei-me hoje. Morto, bati à casa da morte. Um esqueleto veio atender-me: "A senhora não está, saiu agora mesmo..." Voltei à vida, desanimado.⁸⁶

- Tenho medo de ti!
- De mim?
- Sim, do teu fantasma...
(E foram tomar sorvete)⁸⁷.

- Guerra Junqueira, hein? Grande poeta!
- Quando...⁸⁸

Não é difícil notar, nessa face da obra aforismática de Drummond, o diálogo com Oswald de Andrade, o modernista mais interessado no humor rápido e na irreverência despreziosa. Ambos se unem pela presença de uma linguagem telegráfica, interessada exclusivamente em transmitir o essencial sem adornos ou dificuldades a mais para uma compreensão que deve ser imediata. O texto é instantâneo e será vitorioso se conseguir conquistar o leitor pela facilidade da mensagem.

A principal diferença entre a prática aforismática dos dois, contudo, reside na presença, ou ausência, do elemento histórico: enquanto em Drummond, a história poucas vezes aparece, e quando o faz é de maneira grave e carregada; Oswald, por outro lado,

⁸⁶ *Para Todos*, 4 jan. 1922.

⁸⁷ *Idem*.

⁸⁸ *Idem*.

parece estar atrás do que Roberto Scharwz⁸⁹ chamou de “miragem do progresso inocente”, presente com força no *Pau Brasil*:

A noite caiu com a licença da Câmara
Se a noite não caísse
Que seriam dos lampiões?

Além da história, aliás, as relações humanas, como o amor, são para Oswald, também, leves e despidas de qualquer peso:

Que alegria teu rádio
Fiquei tão contente
Que fui à missa
Na igreja toda gente me olhava
Ando desperdiçando beleza
Longe de ti.

Drummond, por outro lado, se encontra motivo de graça no amor, nunca o faz de maneira leve, ao contrário, obtém o humor por meio da quebra, um pouco amarga inclusive, de expectativa, encontrando soluções, no mínimo, inesperadas:

- Meu amor!
- Meu amor!
- Bom dia!
- Você, como vai?
E caíram na banalidade.

⁸⁹ Cf. Roberto Scharwz. “A Carroça, o bonde e o poeta modernista”. In: *Que horas são?* SP: Companhia das Letras, 1989.

Assim, conforme a linha que apresenta em outros textos do autor, a história e as relações humanas continuam voltadas para um fim irrealizável, aqui terminando pouco depois de começar, com um fundo bem humorado. Oswald e Drummond, portanto, parecem muito próximos quanto ao estilo telegráfico e à facilidade do texto. Por outro lado, distanciam-se no que toca ao tratamento do assunto, quando Drummond, na maioria das vezes, dá oportunidade ao humor, inclusive ao gracioso, mas sem aderir demasiadamente à euforia e à ingenuidade oswaldiana. Como balanço, por fim, resta uma visível inclinação, mesmo que se façam sentir, algumas vezes, ecos penumbristas, ao molde modernista, principalmente quanto à liberdade das formas, assunto que, aliás, estaria no centro de alguns textos críticos que Carlos Drummond de Andrade publicaria no mesmo período.

O FATO AINDA NÃO ACABOU DE ACONTECER⁹⁰

Fazia isto, dizia aquilo.

Mário de Andrade é um dos primeiros a notar, além da privilegiada inteligência do poeta mineiro, o cuidado que Carlos Drummond de Andrade impõe aos assuntos críticos. Ao avaliar um texto enviado por ele, Mário, na primeira das muitas cartas que viria a escrever ao itabirano, adjetiva-o largamente: “está muito bem pensante, refletido, sereno, acomodado, justo, principalmente isso, escrito com grande espírito de justiça.”⁹¹ Contudo, a excessiva seriedade com que Drummond compunha sua crítica, se por vezes soava irônica, por outras parecia artificial.

Aliás, é provável que o esforço que Drummond fazia para tornar sua crítica a mais séria e profunda possível, tivesse como objetivo impressionar não só seus leitores comuns, como também as lideranças do movimento modernista. Há uma carta de Manuel Bandeira a Mário de Andrade, saborosíssima, em que é impossível deixar de notar a força que o poeta mineiro fazia para tentar impressionar; intenção, ao que parece, malograda:

⁹⁰ Verso de “Poema de Jornal”. A epígrafe está em “Também já fui brasileiro”, ambos de *Alguma Poesia*.

⁹¹ Mário de Andrade. *A Lição do Amigo*. P. 22.

*O Drummond juntou conosco. Feinho pra burro. Implicantinho. A gente não faz fê. [Ribeiro] Couto deu um esfregu de verve nele.*⁹²

Apesar de censurar a desmesurada e mal vestida máscara intelectual com que Carlos Drummond de Andrade tentava garantir seu lugar no palco literário, Bandeira não deixa de destacar, ainda de forma um tanto jocosa, o talento poético do jovem implicante: achou os poemas “Ouro Preto”, “Cantiga do Viúvo” e “Infância”, enviados de Belo Horizonte, “deliciosos, perfeitos, definitivos”, nas suas palavras. Conclui, assim, a carta para Mário afirmando que Drummond “é feinho mas é de fato”.⁹³

Encomendado por Mário de Andrade, Drummond escreve para o jornal *A Noite* um texto que foge um pouco ao padrão sério e culto que tentava reservar para seus momentos críticos. Nem mesmo a linguagem, outras vezes construída por meio do mais rigoroso cuidado formal e normativo, escapa da feição coloquial com que tenta criticar o excessivo apego do gosto brasileiro à tradição:

*E considere que não há lição nenhuma no passado. Que a única mestra da gente é a vida. Que a vida nos ensina é tocar para frente.*⁹⁴

Bem mais próximos dos ataques rasgados que Oswald de Andrade andava desferindo então do que suas reflexões costumeiramente sisudas, o crítico não poupa

⁹² Marcos Antonio de Moraes(org). *Correspondência*. SP: Edusp/IEB, 2000. P 274.

⁹³ Idem.

⁹⁴ Carlos Drummond de Andrade. “Taf”. In: *O Mês Modernista*. Homero Senna (org.). RJ. Fundação Casa de Rui Barbosa. 1994.

adjetivos para desqualificar o que ele entende por passado inútil e exótico:

Os antepassados são cacetes, teimosos, convencidos. Embirrei com eles. (...) Agora, que diabo posso descobrir senão exotismo, numa besta que morreu há 500 anos e nem sequer deixou nada para mim?⁹⁵

Por fim, chega a identificar qualidade no trabalho justamente daqueles que, como os modernistas estavam tentando fazer (e Drummond fazia questão de estar entre eles), tiveram coragem de romper com o passado:

Mas gênio é tradição? Pelo contrário. Pois se você gosta deles é justamente porque desrespeitaram a tradição, tiveram a coragem bonita de espirrar com o próprio nariz! Você é hipócrita, leitor. ⁹⁶

Chega a causar espanto o qualificativo final, quando Drummond menciona a resistência do público perante a arte modernista e, em apenas um adjetivo, deixa clara a incoerência daqueles que admiram os grandes gênios mas jogam ovos nos renovadores de vinte e dois.

Tanto no conteúdo quanto no tom, Drummond publica, no *Para Todos*, dois textos completamente diversos desse que apresentamos acima. O primeiro estampa claramente a seriedade e a inteligência detectadas por Mário de Andrade: escrito em linguagem solene e severamente culta, demonstra que o rapaz de apenas vinte e dois anos quer demonstrar que tem maturidade (ou ousadia) suficiente para citar, além dos nomes de Claudel, Max Jacob e Roman Rolland, a obra de William Shakespeare.

⁹⁵ Idem p. 77.

⁹⁶ Idem. P. 78.

Drummond, circunspecto, começa constatando uma nova onda no ar: “Parece que há um novo critério em crítica literária: o critério da modernidade”.⁹⁷ Imediatamente, estabelece a precariedade da medida, alegando que só há uma forma de identificar um escritor moderno: reconhecendo-os naqueles que se fazem lidos apenas por meio da revolta. O exemplo, de resto utilizado por quase todos os modernistas, ansiosos por se livrarem de sua inconfundível influência, é o futurismo de Marinetti. Drummond acredita que tal escola, estéril e sem a menor base intelectual, não passará do período de vida de seu fundador e quase único praticante. Para o poeta, a qualidade literária repousa no ajuste da obra com as que a antecedem na linha de manifestações privilegiadas do espírito humano:

Entretanto, Marinetti é quase fóssil, ao passo que Shakespeare continua atual. A razão é, talvez, que Shakespeare representa um elo na grande cadeia dos espíritos universais, que se desenvolveram sem intuítos de renovar o espírito das coisas nem arregimentar discípulos em torno de uma doutrina estética.

Ora, evidentemente, Drummond não faz nada mais do que reservar lugar central, e de destaque, para a mesma tradição que, um ano depois, iria desbancar jocosamente, como vimos na análise do artigo publicado n’*A Noite*.

O poeta reconhece, contudo, que “nada caracteriza tanto o chamado espírito moderno quanto a liberdade (muito embora liberdade continue a ser uma palavra que se deva pronunciar em voz baixa), um escritor moderno será – um escritor livre”. Logo, porém, deixa claro que liberdade, de forma nenhuma, é um ponto determinante da qualidade de uma obra literária. Com naturalidade, cita os contemporâneos

⁹⁷ “Aproximações”. *Para Todos*. 11 out. 1924.

Claudel e Max Jacob, então duas das maiores figuras das letras francesas, cuja filiação francamente católica, a exemplo de Apollinaire, não foi empecilho algum para a realização de suas obras magistrais.

Por fim, conclui seu artigo com sisudez:

Somos forçados a reconhecer que a liberdade tem no espírito moderno um papel puramente formal, e que esse espírito, longe de repudiar a tradição, procura antes moldá-la à sua necessidade e aos seus anseios. E isto não é passadismo: é apenas o velho drama do espírito humano, dobrado sobre si mesmo, já que não pôde dobrar-se sobre o vácuo.

Parece claro, ao poeta, que a chamada revolução modernista, ainda quente e com as frentes de batalha nas ruas, não reivindica nada mais que uma liberdade formal para adequar suas obras às novas exigências que a história, aos saltos e sempre à toda velocidade, impõe. No mais, vale destacar outra vez a preocupação que Drummond revela, agora em relação aos pares escritores, com aquilo que chama de “velho drama do espírito humano”. Assim, através da piada, ou por meio da crítica sisuda, de um jeito ou de outro já se pode antever palidamente a preocupação com o coletivo que marca sua obra de maior fôlego.

Mais grave ainda é o tom que empresta ao artigo “Sobre a Arte Moderna”, publicado quinze dias depois. Com certa amargura, Drummond enxerga nas atrocidades da Primeira Grande Guerra a raiz da nova maneira de sentir do homem moderno:

A guerra nos deu uma mentalidade dolorosa, em que se refletem agudamente as irregularidades, os absurdos e as loucuras da arte moderna. Os homens não se transformaram; longe disso... Não se fizeram melhores nem piores do que antes. Nem essa guerra foi diferente das outras. Mas a soma do sofrimento foi infinitamente maior, e a dor universal gerou novos arrepios de sensibilidade...⁹⁸

A violência do conflito fez modificar, inclusive, os paradigmas de sustentação dos modelos artísticos vigentes:

Ontem, nós sorriamos com despreocupada alegria, e a arte era um brinquedo para os espíritos ágeis. Agora, há em nossas máscaras um rictus inquieto, e, em nossos gestos, um anseio triste de libertação.

Drummond chega a afirmar que a nova arte é, até mesmo, “cheia de angústia, de sofrimento e desesperação”. Assim, um dos motivos que justificam a agressão aos antigos parâmetros é, justamente, “um prazer magoado” em bater naqueles que representariam um passado cuja principal manifestação foi, o poeta não se cansa de lembrar, um conflito de proporções horrendas.

Uma das marcas do presente, localiza o poeta, é a ausência de mestres. A princípio, isso pode ser divertido e irreverente, mas também denuncia que “a arte moderna propaga-se como um incêndio”. Para espanto de Drummond, até no Brasil, lugar onde os homens estão apenas interessados em ter uma bela mulher à sombra de uma árvore frondosa, os movimentos perturbadores chegaram:

⁹⁸ “Sobre Arte Moderna”. *Para Todos* 27 out 1923.

De cima a baixo, pela nossa literatura, anda uma grave desordem, a desordem das prateleiras desarrumadas, dos catálogos subvertidos e das convenções reduzidas a roupa branca...

Sagaz, percebe que basta uma mudança leve de atitude para que o artista se transforme: “da pele de parnasianos arcaicos andam a florir brotoejas modernistas.”

Quanto às fórmulas, afirma que só existem mesmo para cobrir uma falta de adequação às abstrações a que está condenada a inteligência brasileira. Por isso, então, foi necessário dividir os homens em passadistas e futuristas. Não se sabe, contudo, se tal dicotomia persistirá, continua Drummond, ou se novamente se dissolverá quando os espíritos se amainarem. Desafiador, pergunta com clareza:

Permanecerá a arte nova somente enquanto for o desequilíbrio social a única verdade de fácil constatação? Ou restabelecido o sossego dos homens, continuará ela como uma sublime vitória do espírito sobre o tempo?

Evidentemente, o escritor não tem respostas. Sabe, porém, que mesmo os espíritos mais festeiros de então, encerram instantes de grave “tortura coletiva”. O futuro, conclui pesadamente, deve ser entregue ao destino que, como sempre, o tratará com amarga indiferença.

Mais do que apenas um escritor deslumbrado com o colorido das brincadeiras inconseqüentes e da agitação dos anos vinte, os textos críticos de Carlos Drummond de Andrade revelam um espírito culto e atormentado. Se às vezes se deixava levar pela blague tão presente nas primeiras manifestações do nosso modernismo heróico, em outros momentos Drummond já revelava o pendor arguto e dilacerador das angústias que iriam mover sua poesia.

ESTES POEMAS SÃO MEUS⁹⁹

⁹⁹ Verso de “Consideração do Poema”, do livro *A Rosa do Povo*. Para a fixação dos textos apresentados a seguir, que nos servem também de ponto final, adotamos as normas ortográficas vigentes atualmente. Nos textos publicados em *Alguma Poesia*, anotamos as eventuais alterações. As seções seguem a ordem e o título da nossa apresentação. Dentro de cada seção, os textos estão dispostos cronologicamente.

E OS CORPOS ENROLADOS

História Simples que recomeça...

Ilustração Brasileira, fev. 1922.

Era pequeno, de cabelos anelados e claros, já com uma indecisa tristeza nos modos, e um ar de alheamento, de ausência... Ela, ao contrário, mais velha um ano, tinha, nos olhos morenos, duas fontes de alegria mal reprimida.

Brincavam muito. Eram amiguinhos, queriam-se para marido e mulher, tinham sempre as mãos unidas, numa efusão ingênua.

- "Quando eu for homem... você casa comigo?..."

- "Caso, sim ..."

E, numa ingênua efusão, tinham as mãos unidas, felizes, como bons amiguinhos.

Aquilo durou uma infância. No colégio, ele sentia um certo rubor, ao lembrar-se do idílio infantil e incoseqüente. No colégio, ela rezava orações, fazia belos desenhos, crescia.

Até que uma vez ...

O encontro foi num domingo de Dezembro, um Dezembro de férias, na casa de D. Mariazinha.

Seria que os dois continuassem os mesmos? Não continuavam, - mas os olhos dele se abriram para os olhos dela, e, fitando-se, a história recomeçou...

Ele era romântico, e, sobre as roupas escuras, a cabeleira clara, em anéis, parecia uma coroa de ouro.

Ela sabia versos, e a história se complicou com versos e romantismo.

Regressaram aos estudos, cada um levando flores, retratos. Os retratos envelhecera na ternura dos dois; foram destruídos com as flores secas...

Agora, é de vez, - pensaram.

Mas a história recomeçou ainda, nova e diferente.

Viram-se numa grande cidade, dentro de um grande jardim, à beira de um pequeno lago.

Os pais estavam presentes, os pais dela, mas foi como se não estivessem.

Soube que era noiva de outro, - não lhe importava o nome.

Na conversa, reticenciada e longa, os dois passados se abraçaram, e ele teve um medo incrível de perdê-la.

Quis possuí-la de novo...

O casamento não demorou.

Unida ao outro, ela amava o amiguinho de infância.

E, em silêncio, crescia neles uma afeição medrosa e envolvente, amor de duas criaturas que se possuem apenas na imaginação, e que, por isso mesmo, se adoram mais, muito mais...

Uma barreira de inevitável, outra de impossível, - até que um dia ele saiu, num vapor, a viajar.

Viajou terras, a Europa, lugares estranhos, embalando as idéias e os sentimentos, narcotizando a alma.

- "Lá me esqueceu ela, certamente... Cá estou a esquecer-me, também..."

Quando voltou, grisalho e melancólico, viu, no cais, de rosto pergaminhado e vestido preto, a antiga menina de olhos alegres.

As mãos se procuraram e caíram, sem forças, para um aperto. Os cabelos brancos falavam melhor que os lábios pendidos e murchos.

Tomaram um carro. Foram-se. Mas a história não recomeçou mais...

(Nota da Revista: *Carlos Drummond é um dos novos escritores mineiros, que, como tantos outros da sua geração, estreou feito, com um modo pessoal de sentir e contar as coisas. Esta página prova bem o que dizemos.)*

AQUELE POBRE DESTINO

Ilustração Brasileira, nov. 1922.

Subiu ainda uma vez. Depois desceu. Tornou a subir. Nada. Apenas uma janela a destacar-se na sombra, recortando a luz do aposento. E era a do aposento em que ela dormia, em que talvez estivesse a dormir, àquela hora ... Ergueu o pulso, viu o relógio: onze horas. Estava ali desde as nove!

Desceu, num enorme desalento. A rua tinha uma aparência confusa, cheia de árvores sombrias, onde focos elétricos projetavam, a espaços, jatos de uma luz pálida e quieta. Fitou com ternura o casarão adormecido do seu amor; pela fachada subiam três colunas muito altas, chegando à varanda, cujas portas envidraçadas refletiam em chapa a claridade escassa da rua. Casa inatingível aquela! E, bruscamente, lembrou-lhe o pai, severo e violento, com ares de velho fidalgo arrogante, a defender um expadagão na destra firme, o seu castelo feudal e a sua condessinha... Teve um sorriso de triste ironia. E foi andando.

Já na esquina, volveu a cabeça, numa esperança última; viu apenas o vulto monstruoso da casa, enfrentando o arvoredado escuro, e o céu longínquo, onde uma lua idiota sorria com a placidez das pessoas definitivamente felizes e imbecis.

Não! Ele não voltaria mais! Jurava-o por tudo deste mundo e do outro. Pelo seu grande amor até ... Não voltaria ... Para quê? Se ele não era mais que um ridículo brinquedo nas suas mãos ... Verdade que, a princípio, só desejava isso. Pedira-lhe mesmo, numa carta lírica: "Sombra adorável, toma posse do meu desejo. Faze de mim qualquer coisa de pequenino e humilde, que tuas mãos guardarão como oferenda. Que eu seja em tuas mãos como um pouco de argila. Como um pouco de argila, e mais nada..."

Depois, aquilo mudara. Já se não contentava com platonismos inconseqüentes; queria ser amado e vencer aquele frívolo desdém, aquela inconsciência feminina. E o que sentia é que ela não se entregaria jamais, e o seu desdém ia a envolvê-lo todo, qual imensa muralha de gelo...

(Como se é miseravelmente banal às onze horas da noite, depois de uma inútil peregrinação por uma rua deserta! Chega-se a sofrer com desdém, que são muralhas de gelo...)

E ela não era melhor que a outra, nem mais inteligente nem mais graciosa. Tinha, é certo, uma beleza desvairante, uma carne morena cheia de perfume, uns olhos verdes muito redondos, e uma cabeleira estranha semi-loura... A outra, ao contrário, convidava aos devaneios calmos, sobre a espreguiçadeira, num crepúsculo de andorinhas. Uma graça infantil, de tão ingênua, punha-lhe doçuras, piedosas no olhar. E que divina bondade, a sua. Perdoava sem esforço todas as

faltas que ele diariamente cometia; dava-lhe conselhos de irmã, indicando-lhe o caminho, sofrendo as suas dores, rindo com a sua alegria, ardendo com a sua exaltação. Era a de quem ele precisava, assim boa, assim amiga...

E o seu pensamento voou mais uma vez para os dois olhos verdes da primeira, frívola e desdenhosa. Imaginou-os cerrados num sono profundo, ali, a alguns metros de distância, num quarto iluminado. Mas dormiria, de fato? E de supô-la assim tão perto do seu desejo e tão longe dos seus braços, uma angústia dilacerante o invadiu num momento. Saiu-lhe dos lábios qualquer coisa parecida a um gemido surdo, um uso bárbaro de criatura abandonada ao seu desespero.

O baile... Quem sabe se ela não fora ao baile do clube? Parecia-lhe, agora, que devia ter ido: com certeza que fora... Pela manhã, os dois haviam conversado:

- Você vai ao clube esta noite?

- Não.

- Por quê?

- Porque não.

- Diga o motivo.

- Não há motivo, não vou.

- Então, não acredito.

- Não acredite. Eu não vou.

- Mas, criatura ...

- Ora, Paulo, eu juro que não irei.

- Não precisa jurar, isso não tem importância.

Agora tinha certeza. Ela mentira pela manhã, como todos os dias, como sempre... Mentira, talvez, sem querer, como um velho costume, um hábito. Devia estar no clube. Onze e dez. Ouvia o piano, depois viu o prédio aceso em luz, dois ou três vestidos claros na sacada, alguns vultos que espiavam embaixo. Teve ímpetos de invadir o salão e gritar bem alto a sua raiva impotente. Sossegou. Não faria nada...

- Olá, Paulo, como vai?

- Mendes, como está?

- Você chegou tarde.

- E você saiu cedo, não gostou do baile?

- Dancei demais, meu caro. Saí porque embarco amanhã para o Rio, e as malas estão num profundo desarranjo intestinal.

- Quem está lá em cima?

- Uma porção de gente. O salão assim (e enclavinava os dedos). Todos os imbecis encasacados que andam por aí. Todos os decotes que pompeiam na capital. O comendador Esteves...

- Com as filhas, aquele duplo trambolho?

- Com as filhas. Dois torresmos é que elas são. As Duarte, riquíssimas de jóias; cruces de ouro, anéis de ouro, pulseiras de ouro. Ouro até nos dentes!

- Desgraçado! Você bem que procurou agarrar a mais nova. Despeito de quem não conseguiu nada ...

- Quem?! Eu despeitado? Histórias, meu velho. Não gosto de joalherias ambulantes. Ah! Estão também as Ribeiro Costa. Francamente, não sei... Que acha você das Ribeiro Costa? Aquelas meninas são sérias?

- Sei lá! Pergunte a cada uma em particular. Quem mais?

Mendes ergueu os braços tragicamente:

- A sua Leonora, meu caro! É linda, linda...

Não ouviu mais. Tartamudeou qualquer coisa, um adeus rápido, e entrou no clube.

E ela estava lá dentro... Girando nos braços de um rapaz lânguido e abonecado, que lhe dizia coisas perturbadoras... Girando e sorrindo... A luz tornava mais esplêndida a sua beleza, dando-lhe à carne morena um tom fulvo, e aos cabelos quase louros um brilho seco, de metal polido... Ficou-se a contemplá-la, numa raivosa adoração. A música silenciou. Leonora, um tique nervoso nos lábios, pousou numa cadeira. Parecia tocada por uma felicidade inconsciente, e olhava todo o salão como se ele não mais que fosse uma indecisa miragem. Sorria sempre, com um sorriso ideal e longínquo das pessoas que descem da terra por uma divina indulgência... Paulo, num ângulo de parede, insistia em fitá-la; os olhos dos dois encontraram-se. Ela não denunciou a menor perturbação íntima, nem deixou de sorrir... Naturalidade dos sorrisos postiços, ó admirável criação feminina!

Alguém sorriu diante dele, era Lucien, confidente de seus desvairios sentimentais, um amoroso e um triste. Lucien parecia aborrecido; falou em sair, e os dois caminharam para uma escada. Chamou-os uma voz.

- Esperem, eu também desço com vocês.

Era Nelson, um terceiro amigo, um cético de vinte e dois anos, que duvidava de tudo e possuía todas as boas qualidades de um crente.

Três criaturas novas diante da vida. Três criaturas sofrendo diversamente o choque da vida. Paulo, um espírito ardente num corpo magro de enfermo; Lucien, o mais lírico dos poetas e o mais cheio de pudor entre eles; Nelson, a máscara fatigada e irônica de um homem que viu tudo e não quis ou não pôde exaltar-se...

- Para onde vamos?

- Para a noite...

- A noite é insuportável sem um pouco de conforto, lembrou Néilson. Proponho que tomemos um Studbaker.

Um Studbaker. E o auto desliza pelas ruas quietíssimas, onde o luar escorre, enlivedecendo a folhagem dos troncos mais altos. A noite profunda e erma. O latido de um cão, muito vibrante.

- Afinal, sempre a mesma coisa : lua, noite, árvores, cães...

- O que é de utilíssimo efeito, corrigiu Nelson, com displicência. Imaginem vocês o que não seria uma noite a mudar ininterruptamente de forma, como o Fidelis de atitudes ... Eu gosto da lua, porque desde criança estou a vê-la assim mesmo, pálida e indiferente. Eis aí o que se me afigura ser o amável repouso da uniformidade. Nada me parece ser tão delicioso como isso... Peço-lhes, pois, que não reformem esse velho cenário noturno.

Lucien começou a dizer qualquer coisa de Samain. Qualquer coisa de grave e melancólico, numa surdina lenta, infinitamente suave.

Depois o cabaré. E no cabaré, o tristíssimo ambiente do vício alegre. Sentaram-se os três, Paulo pediu uma droga forte. Bebeu-a uma só vez, num ilimitado desejo de atordoamento. Outra dose e mais outra. Néelson tentou interromper a série. Mas Lucien também estava sombrio, oprimido por algum desgosto, e veio um novo cálice, uma nova dose. Paulo tinha os olhos muito fixos no salão, onde havia pares ondulando na vertigem de um tango. E já com o espírito perturbado, começou a ver uma porção de Leonoras na sua frente... Leonoras infatigáveis, dançando sempre, não com bonecos de clube, mas com um vulto ciprestal, dezenas de vezes repetido; e esse estranho bailarino contraía as feições maceradas, numa tortura ridícula e diabólica. O seu destino! Leonora bailava com o seu destino... E entre rodopios, o corpo de Leonora tinha flexibilidades eletrizantes, no dorso moreno; tremiam-se os seios, velados por uma seda diáfana; ora se entregava toda, inclinando a cabeça para trás, boca entreaberta, olhos semicerrados; ora fugia, com um sorriso indecifrável nos lábios ardentes...

Paulo engoliu outra dose, já muito trêmulo. Lucien tinha os olhos no chão, revolvido intimamente pelo seu pesar oculto. Nelson disse um "coragem, rapazes!" e, travando-lhes os braços, levou-os para fora.

Paulo não resistiu, mas, abandonando os amigos, correu à pensão da Ivone, foi direto ao quarto de uma criatura que lhe era conhecida e pediu-lhe éter.

No quarto fechado, ele e a sua pobre amiga entregaram-se voluptuosamente a uma *reverie* doida...

Pelo éter, vestia de espiritualismo a angústia imensa daquele amor incompreendido. E pelo éter, despojava Leonora de todas as suas pequeninas misérias, hipocrisias e falsidades, e era então que ele a possuía de verdade, apaziguando nas curvas de sua carne morena a agitação amarga de seu desejo...

Como no seio calmo de um rio, a sua alma docemente mergulhou nos abismos consoladores do éter... Docemente... Muito docemente ...

Saiu cambaleando na noite que se desfazia em cinza. O frio da madrugada transia as árvores. Carroças batendo as pedras da rua. O grito cantado de um padeiro. O primeiro bonde... Tomou o primeiro bonde.

Desceu na praça da liberdade. Esparramou-se num banco. O perfume sutil não o abandonara de todo. E ali ficou entre desvairado e sonolento... Os minutos passavam, passavam os bondes... Sete horas, talvez ... E foi quando passou a outra, encolhida no seu banco, para o trabalho de todo o dia... A outra que não freqüentava bailes, nem sabia mentir, e em que ele não pensara nem uma vez nas horas alucinadas! ...

Viu o bonde desaparecer numa rua próxima, e continuou ali, pregado ao banco, sonolento e desvairado ... até quando? até quando? Pois esta história não tem fim? Mas que fim pode ter uma história destas?...

DE UM TEMPO DE FADAS...

Para Todos, 9 dez. 1922.

Vieste de um tempo de fadas, em que todas coisas eram azuis, e de que carregas a saudade no azul de teus grandes olhos amigos...

Há em ti uma ressurreição de eras fanadas, uma lembrança de países longínquos, onde já ondulaste através de jardins silenciosos...

Pelo teu corpo anda a vibrar, evocativa e monótona, certa melodia d'antigamente, enovelando-se-te nos cabelos, descendo, como um fio pelas linhas plácidas do teu rosto, e caindo, caindo mais, a contornar-te os seios, e a espalhar-se, a diluir-se no teu dorso...

Vejo-te num velho cenário de legenda, com vestidos longos e flutuantes, pisando rosas quase murchas, sob um céu onde há recortes tranqüilos de asas quietas...

Chegaste tão tarde! Hoje, todas as fadas morreram, o mundo perdeu os seus amados fantasmas, e há, nas almas boas, uma tristeza de exílio e de venturas perdidas...

E tu, que és toda azul, toda azul, não mais terás cânticos ingênuos, adorações de crentes primitivos, olhos que te contemplem num êxtase, braços que te ofereçam punhados de flores... Anda, volta depressa, chama um taxi e manda tocar, tocar desvairadamente, para muito longe...

O Que Ficou de um Romance

Ilustração Brasileira, dez, 1922.

Não me faças mal, meu amor, não toques mais ao piano essa melodia de felicidade e ternura, essa grande e perturbadora melodia que encheu o nosso passado perdido...

Eu quero que a nossa mágoa flutue indefinidamente sobre nossas cabeças, pairando, como um pássaro melancólico, acima deste mau destino...

Não me faças mal, meu amor: toca ao piano qualquer coisa de angustiosamente triste, sufocante ... Devemos viver e amar a nossa dor, essa dor que será - quem sabe? - a nossa única e eterna alegria...

Já viste a paisagem sobre a qual anda a cair a luz arroxeadada do nosso crepúsculo?

Um outono indeciso espalhou cambiantes de ouro velho nas folhas das árvores; sombras viúvas vagueiam pelas alamedas cinzentas, sofrendo o abandono dos sentidos. O ar adoeceu de cansaço e os nevoeiros longínquos diluem cada vez mais a mancha longínqua das montanhas...

Tudo, em torno de nós, recebe a influência desse crepúsculo d'alma ... Todas as coisas espelham a nossa tristeza. E a nossa tristeza anda a espelhar todas as coisas, tristemente...

Acende a lâmpada e escuta, meu amor: Lá fora, a gente sofredora e inquieta persegue a felicidade, pelas ruas doidas... Cá dentro, espiritualizamos a nossa mágoa, fazendo-a mais casta, e gozando o contato de sua sombra amortecida.

Vimos por um caminho muito longo, muito longo, de onde os rumores e as criaturas se foram ausentando, pouco a pouco ... E por aqui ficamos os dois, solitários, um diante do outro, um abraçado ao outro, um confundindo o seu desalento com o desalento do outro...

A lâmpada, agora, silhetisa na parede os nossos desalentos abraçados... Lá fora, - ouves? - há um ruído de gente a perseguir o amor, pelas ruas doidas...

BILHETE AO TEU CORPO

Ilustração Brasileira, dez. 1922.

Que lindo é o teu corpo! É uma estátua vivendo... é uma alegria em forma de beleza... é um instante de perfeição... Dir-se-ia que não és propriamente mulher... ou, antes, que és muito mulher..., mas muito, e diversa das outras ... O teu corpo é a tua única alma, e que alma fascinadora ! Há ritmos quietos na tua carne. Há harmonias caladas no teu corpo. Escuto-as e sinto a sinfonia de tua nudez...

Dentro do teu corpo, como o sangue há de circular contente! e como são felizes os teus sentidos! e que feliz és tu, pela glória do teu corpo! Só de imaginá-lo num leito juncado de rosas...

- Não escreva isso, moço! Olhe a Liga pela Moralidade!!

POEMA DO ANATOMISTA

Para Todos, 1 dez. 1923.

Apaixonei-me por uma caveira!

É verdade! Nunca ninguém fez semelhante coisa! Nunca ninguém se apaixonou por uma caveira!

A minha amante é misteriosa na sua alegria — mas, como beija! mas, como morde!

É redonda, lisa e fria. Não sei de caveira mais fria...

Nem mais lisa.

Nem mais redonda.

Quem diria que eu havia de apaixonar-me por uma caveira!

Alta noite, quando a vida adormece, eu me debruço na mesa em que ela descansa...

A minha linda caveira!

Suas órbitas vazias adquirem uma luz pálida, e logo lhe brilham os olhos fantásticos; e essa luz, que vem da lâmpada pensativa, escorre voluptuosamente pela ossatura da minha amante noturna...

Não sei de caveira mais linda, quando lhe bate a luz, e ela se ri. Ri-se perdidamente, como alguém muito desgraçado; ri-se diabolicamente, como alguém muito feliz!

Não a compreendo, mas sinto que ela é natural, que ela se diverte comigo, e que é superior à minha miséria...

Os dentes muito brancos, a boca muito rasgada; a boca vive a beijar-me, e os dentes a morder-me. Tenho os lábios numa ferida, e os olhos num incêndio... Sinto-me apaixonado por essa caveira!

Foi uma linda mulher, essa caveira cujo amor venceu a morte! E tão divinamente sensual que os seus ossos causam desejo!

...Vou apagar a luz, minha caveira... e possuir-te na sombra...

Quase Noturno em Voz baixa

Ilustração Brasileira, mar. 1923.

Tuas mãos envelhecem
na prata fosca do silêncio.

O silêncio, pelo crepúsculo,
é um arminho
onde as mãos repousam com doçura.

Tuas mãos, no silêncio,
pelo crepúsculo, são mais finas
e mais leves.

O silêncio, o doce silêncio
cobriu de cinza transparente
as tuas mãos, pelo crepúsculo...

Matinal

Ilustração Brasileira, mar. 1923.

Seios aromados do meu amor,
na manhã cheirando a lírios!

Volúpia das flores, volúpia das almas!

Um vento leve nas folhas,
um céu de porcelana, muito fino,
e a manhã cheirando a lírios!

A vida é bela porque sois belos,
e sorri ante a vossa beleza,
ó brancos e redondos
seios aromados do meu amor...

E TU PASSASTE...

Para Todos, 7 jun. 1923.

Vi-te, na manhã de primavera... Na manhã de primavera, como os pássaros cantavam! E meu coração sentiu-se feliz, embora passasses por ele e não o visses... E fugiste, na manhã de primavera...

Vi-te, depois, na manhã de verão... Na manhã de verão, o sol era como um menino contente, um menino contente brincando com a luz... E meu coração riu de alegria, embora o roçasses e não desses por ele...

Vi-te, ainda, na manhã de outono... Na manhã de outono, as folhas caíam, sem rumo, sob um vento que rezava orações pelo arvoredo... E tu, passando por meu coração, vagamente o olhaste, e ele vagamente se inquietou...

Vi-te, pela última vez, na manhã de inverno... Na manhã de inverno, que desconsolo humano na paisagem! Meu coração tiritava de frio; meu coração era como uma pobre criança doente... Então, passaste por ele e quiseste levá-lo — mas já era tarde! Meu coração tiritava de frio, meu coração tiritava e morria...

O POEMA DO AMOR QUE NÃO DESEJA
PARA ABGAR RENAULT

Para Todos, 16 jun. 1923.

— “Ah! Nunca hás de saber o que vai dentro de mim, o que vai de ternura humilde e piedosa devoção, no recesso de minha pobre alma...

Se soubesses... Porém nunca hás de saber que fiz de ti o meu sonho mais querido, o sonho da noite azul que há no meu coração... Nunca hás de saber quanto minhas mãos unidas e meus joelhos tombados imploram por ti ao bom Deus de todas as criaturas, e quanto eu te respeito, e quanto eu te julgo divina!

Não saberás jamais como eu me fiz mendigo e crente, na ânsia de tua felicidade, e no desejo perdido de sempre te ver bela, embora sempre te veja distante...

Agora, eu olho o mundo todo, os seres feios e maus, e as coisas tristes e feias, com o mesmo puro olhar e a mesma encantadora ternura, e somente por ti, somente por ti, somente porque estás em todas as coisas, embelezando-as, e sorrindo...

Tu me fizeste bom, e a minha bondade se ajoelha na adoração e no êxtase de tua beleza.

E nunca saberás disso! E nunca saberás disso!

Entre nós, há todo o impossível dos destinos que jamais se confundirão no mesmo estuário — o teu suave destino, e o meu, pobre destino indiferente...

E eu, que compreendo e sinto tudo isso, nem sequer te desejo para os meus braços — meus braços te profanariam; nem sequer te desejo para o meu sonho — meu sonho é um importuno conviva...

Nunca serás minha! Nunca serás minha!

Esse pensamento vibra dentro de mim como o dobre longo e longo de um sino, que não se lamenta, mas que chora, chora, chora infinitamente...

Sê bendita, entre todas as mulheres! Bendita! Sê bendita!

Agora, é o mesmo sino dobrando, o mesmo sino que chora, mas que te abençoa, pela felicidade triste que me deste...

E nunca serás minha, e nunca saberás como eu te amo...”

OFERENDA

Para Todos, 1 set. 1923.

Na tarde maravilhosa,
minhas mãos vão tecendo
uma coroa de violetas
para a tua cabeça.

No azul muito puro
da tarde maravilhosa,
um rumor de flautas anda chorando
a nostalgia dos céus gregos...

Porho na tua cabeça
esta coroa de violetas.

POEMA GRIS

Para Todos, 27 out. 1923.

Toda de cinza, na manhã cinzenta — foi assim que ela me apareceu aos olhos cansados... O vestido cinzento dava-lhe um encanto novo à fisionomia, e os olhos, de um negro tranqüilo, esbatiam-se sob o cinzento do chapéu...

Toda de cinza, de azul que se fez cinza, evocativo e caricioso... E logo me transportei a um país de muito longe, sem sol nem ruídos, país de árvores cinzentas e pedra. O bem que ela me fez! O bem que ela fez ao meu tédio! Acompanhei-a de olhos extáticos, a contemplar o milagre de sua presença, que ia encinzentando mais os seres e as coisas... Ela se confundia com a manhã cinzenta. E os seus gestos, doces e imprecisos, derramavam cinza sobre tudo... sobre tudo... somente cinza... na manhã e nas almas...

MULHER...

Para Todos, 29 set. 1923.

Num corpo de mulher há muitas coisas finitas, muitas infinitas, outras misteriosas e outras ainda de um alto sentido. Um corpo de mulher é um trecho de terra, um pequeno parque, onde o imprevisto nos espia. Ele nos poderá dar alguma coisa maior que a felicidade: o prazer, que às vezes se confunde com a dor, e está sempre na volúpia. A sós com um lindo corpo de mulher, nós nos convencemos da miserável inutilidade de tudo: arte, sonho, trabalho... Tudo esquecemos e tudo perdoamos, porque nada mais nos atinge: aquele corpo é uma realidade feliz, entre mil fantasmas dolorosos. Afinal, um corpo de mulher é todo o nosso destino...

SUPREMA NOITE DE BODAS

Para Todos, 8 mar. 1924.

Tenho medo de penetrar na tua alcova, esta noite; há demasiado silêncio e demasiado mistério nas dobras do teu leito. A lâmpada tem uma luz que não ilumina; os espelhos nada refletem; as paredes são desesperadamente brancas e pensativas. A noite encheu de mistério a tua alcova, feriu a tua alcova com a lâmina do silêncio.

Que importa que os teus braços me chamem, numa ânsia de estátua que bruscamente despertou? Que importa que a luxúria fosforeje no brilho verde dos teus olhos, e a tua boca seja mendiga de beijos? Eu sei que os teus braços não me esperam; sei que na alcova não fecharei os teus olhos nem beijarei a tua boca...

Há qualquer coisa de sobre-humano, batendo as asas, sem ruído nesta alcova! Tenho medo de entrar... Mas a fatalidade me impele... Oh! Eu sei que não encontrarei o teu corpo, sei que a morte me espera no teu leito, e que eu terei uma noite de bodas com a morte!

ESPELHO, TÚNICA E ÁGUA
(MOTIVO DE ANACREONTE)

Para Todos, 25 out. 1924.

Esta noite, sonhei três sonhos esplêndidos.
Sonhei que era o espelho em que te refletes,
e a minha alma
ficou iluminada de alegria.

Sonhei que era a túnica de que te vestes
e a minha alma
ficou vestida de prazer.

Sonhei que era a água em que te banhas
e a minha alma
ficou úmida de felicidade.

Esta noite, sonhei três sonhos esplêndidos
e acordei com a saudade do teu corpo.

PEQUENINO CORPO DIABÓLICO

Para Todos, 13 dez. 1924.

Pequenino corpo diabólico, como eu gosto de ti! De tuas curvas, onde vicejam flores de volúpia, de tuas linhas, onde há nostalgias de mármore velhos...

Como eu gosto de ti, pequenino corpo! Pequenino paraíso em que as minhas garras de Adão insofrido querem colher todos os pomos do desejo... Sonho fugido do cérebro de um escultor desconhecido e nervoso, miniatura de deusa grega, em cujos vasos serpeia um sangue quente de mulher tropical! Deliciosa miniatura, adorável rosa do paganismo, vivendo no século dos beijos cinematográficos e dos perfumes escandalosos...

Como eu gosto do teu cheiro vivo e sadio de carne nova, que me irrita as narinas voluptuosas de fauno moderno! E dos teus movimentos. e das tuas atitudes, e do teu passo, dança leve de curvas, cantando e rindo sobre a negrura impassível do asfalto!

Pequenino corpo diabólico... Desejava reconstituir-te, perfeito e lindo, nesta página de adoração sensual, mas como, senão idealizando-te livre de inoportunos vestidos, nu, todo nu, vestido da tua própria nudez?

E como imaginar-te perturbadoramente nu, se ante essa imagem meus olhos chorariam de inquieto sofrimento: mágoa de te desejar, tristeza de não te possuir?

Prefiro antes animar em teu louvor esse jogo de palavras lascivas e inúteis, tão inúteis como o canto que um pastor sem ovelhas tira de sua flauta melancólica...

Pequenino corpo diabólico! E se acaso escondesses uma alma, pequenina que fosse?...

SOB A LUZ AMBÍGUA
(CONTO ARTIFICIAL)

Para Todos, 10 jan. 1925.

Mi-devetue, il la prit sur genoux et le jeu des doigis en promenade signalait à mesure la localisation des Correspondances.

REMY DE GOURMONT, *Le pèlerin du silence*

Cinco degraus na sombra, num corredor vazio, e um sinal discretamente surdo. Palavras de Marion lá dentro, numa promessa de sedas rasgadas e martirizadas (velhas volúpias sempre novas; o mesmo sol é velho).

Marion faz ranger a chave; o que é meio de dar às chaves alguma importância. A alcova tem um cheiro inquieto de heliotrópio; depois um cheiro apaziguante de violetas murchas. Há uma gradação nos perfumes, escada sutil em que as almas passeiam com uma perversidade romântica. Bravo! O meu adorável pedaço de carne avança para um artificialismo que eu tanto apregôo no seu leito.

— Marion, minha preciosa besta, regozijemo-nos no triunfo da nossa carne miserável; é ainda a única miséria triunfante. Eu confesso que a tua casa me pareceu hoje longínqua, sinal certo de que hoje te amo. Ainda bem. O meu desejo está desaçaimado, à tua procura; corre às soltas, mas vai tão depressa que faz círculos eternos, sem parar junto aos teus seios. Perdoa, Marion. Peripatetizar à beira do divino abismo, eis o que nos cumpre fazer, enquanto o demônio não se quebra contra o teu corpo. É doce, peripatetizar...

Eu olhava para muito longe, sentindo Marion perto das minhas palavras. A deliciosa besta sorria.

— Querido, bem sabes que me aborreces mortalmente. Aliás, também eu me aborreço. Colhi esta verdade há cinco minutos, olhando a lua, que me pareceu escandalosamente redonda. As coisas redondas devem ser como as pessoas redondas: inspiram sempre tédio. É verdade que não exigem nada em troca, mesmo porque não há moeda com que se pague o tédio.

— O tédio não será, porém, um dom fugidio dos deuses! Deve ser. Eu, quando há lua (tu me afirmaste agora que há lua), sinto o malicioso terror de afirmar. Confesso que a lua me penetra com a sua influência ambígua. A lua é um bonito brinquedo, e parece agradável amar os brinquedos bonitos.

Disse, e mergulhei, alma e corpo, num divã. Marion fez cessar o perfume de violetas murchas, e curvando-se sobre mim, um seio à mostra, outro fugitivo, ensaiou uma réplica:

— No entanto, bem sabes que eu sou um bonito brinquedo, e insistes em adorar-me, numa perigosa coerência entre as tuas idéias e os teus atos. O que não é bonito.

— Um filósofo sem doutrina absolutamente nenhuma pode permitir-se até o bom senso. Às vezes, as palavras fazem pressão sobre os atos. Que é a ação? Amemo-nos sem sofismas.

Confesso que essa última frase me feriu como um punhal, apenas saída dos meus lábios. Tirar ao amor os seus sofismas! O arrependimento procurou logo dar-lhe uma cauda; sem sofismas úteis, respeitando os sofismas inúteis; não há nenhum amor amoroso!

Vãs palavras na sombra, as nossas palavras eram como arranhões picando o nosso desejo. Marion entediada é cem vezes bela, e o espelho reflete com preguiçosa lascívia a floração dos seus gestos indolentes. Tenho os olhos no espelho amoroso, em que as imagens bruscamente se precipitam. Seria melhor apagar a lâmpada? talvez — se não fosse o luar, que pode penetrar na alcova e animar as tapeçarias até o absurdo. Contudo, fora melhor abafá-lo, o que tornaria o espelho mais finamente maligno. Nua; Marion está nua. Corpo esbelto e lânguido, as feridas do seio muito agudas, e a linha sinuosa das ancas feita para os inconcebidos mistérios. As coxas são colunas orgulhosas, e tanto nas coxas como nas pernas há o desejo dos movimentos que prendem e libertam, e que são caprichosamente vários.

Erro a esmo pelo quarto, procurando qualquer coisa, uma sensação que me afaste de Marion, a fim de que eu volte a ela para consolar-me. Encontro as suas meias de seda negra: aperto-as entre os dedos — e evola-se da seda uma recordação impalpável e perturbante.

As ligas de Marion, como monogramas de ouro, são dois círculos perversos, que eu amo pôr nos braços, como largas pulseiras.

A camisa de Marion, que o sangue de Xantho não tingiu, é pura como os lírios ingênuos, e há nela o cheiro do corpo de Marion, que é um jardim de pecados.

Amáveis relíquias a depositar num templo secreto! Há nessas meias, nessas ligas e nessa camisa uma infinita maldade, que me faz murmurar: o pecado existe, felizmente! Não é, pois, uma invenção dos escolásticos. A divina besta sorria na sombra. Que fazer! Entregar-me. Agarramo-nos, apertamo-nos, lábios contra lábios, presas do eterno frêmito. Mas, não era exatamente isso que eu procurava. Marion tem o quarto rigorosa e nonchalantemente disposto para as volúpias do céu e da terra. Reaparecem os perfumes, escala de perfumes, do suave ao desvairado, que empresta forma aos desejos. Repelimos as sensações elementares... *et le jeu des doigts en promenade signalait à mesure les localisations des Correspondances.* Depois... Mas, o resto não tem importância.

ETERNOS...

Para Todos, 17 jan. 1925.

O crepúsculo descia. Ainda o crepúsculo! Sentíamos em nós o peso de dois mil anos de poesia. Éramos o eterno par de amorosos, e o nosso desejo o eterno desejo, e a doçura do parque, a eterna doçura. Meus lábios permaneciam fechados, com medo de que se escapasse a palavra inútil; meus olhos perdiam-se no arvoredo... Ela chegou-se mais a mim; os nossos corpos se uniram, e foi um longo beijo, um beijo velho de dois mil anos, pesados de todos os desejos... Erravam no ar perfumes trêmulos.

Lânguidos, depois do perturbante contato, aspirávamos com preguiça o misterioso aroma que vinha das moitas cerradas. Tomou-nos uma vertigem. Uns seios, uns braços — a brancura de sua carne leitosa... Na penumbra, nasciam divinas provocações. O segundo beijo foi cruel, um beijo mórbido e sangrento. E o crepúsculo era doce — o eterno crepúsculo! — e nós dois tínhamos fome e sede de amor — os eternos bonecos!

FILHA DE OSÍRIS

Ilustração Brasileira, jun. 1925.

Tens um pouco de egípcia
do tempo nobre de Tutenkhamun.

Amo-te; e nos meus braços
tua beleza desfalece.
Quando te beijo,
tenho a impressão de que beijo uma múmia
espalhando perfume.

SENTIMENTAL

Para Todos, 15 ago. 1925

Ponho-me a escrever teu nome
com as letras do macarrão¹.
No prato, a sopa esfria, cheia de escamas²,
e, debruçados na mesa, todos contemplam³
esse romântico trabalho.

Desgraçadamente, falta uma letra⁴,
uma letra somente⁵,
para acabar teu nome!

— Estás a sonhar? Olha que a sopa esfria⁶!

Eu estava sonhando...
E há em todas as consciências este cartaz amarelo:⁷
NESTE PAÍS É PROIBIDO SONHAR⁸.

¹ “com letras de macarrão”, em AP.

² sem a vírgula final em AP.

³ sem vírgulas em AP.

⁴ sem a primeira vírgula em AP.

⁵ sem a vírgula em AP.

⁶ Está sonhando? Olhe que a sopa esfria!, em AP.

⁷ “E há em todas as consciências um cartaz amarelo” em AP.

⁸ Em AP, em caixa baixa e entre aspas.

CANÇÃO DO GREGO DESENCANTADO

Ilustração Brasileira, jun. 1926.

Ó tocadoras de flautas nos doces, nos apagados
Festins de Alexandria... Vós que tínheis o corpo branco como um lírio,
E vos perfumáveis de nardo e sândalo e verbenas!
Há muito que vos não ouço, há muito tempo
que, reclinado em meu leito de rosas, aguardo o vosso regresso!

E não vindes... E canta nos meus ouvidos a saudade de vossas flautas
que há tanto tempo me perturbaram... as vossas flautas harmoniosas...
E se tento esquecer, fugir ao vosso fino sortilégio,
Vem e revém aos meus ouvidos a eterna música misteriosa.

Tocadoras de flautas, nuas, entre cochins de púrpura, sob o véu dos
[incensários!
Onde os vossos corpos de iônia espuma? e os vossos frágeis instrumentos?
Onde a coroa de violetas? Há muito que me fugistes e ouço ainda a vossa
música,
e há nos meus olhos a saudade infinita de vossas formas.

Vinde, em teoria, cercar o meu leito desencantado
de grego triste. E modulai as mais puras canções,
e embalai o meu sono, o grande sono em que vou mergulhar,
ó tocadoras de flauta, leves e perfumadas ...

OS TRÊS ESPELHOS DA SALA ABANDONADA

Para Todos, 14 abr. 1923.

Fala o primeiro:

— Era a mim que ela se dirigia, antes de estar com o marquês. Vinha com um sorriso nos lábios felizes e uma alegria sôfrega nos olhos. Eu a refletia na ilusão de que a estivesse beijando. As suas sedas e as suas jóias brilhavam em mim como no seu corpo. E o seu corpo era como um grande desejo...

Fala o segundo:

— Era diante de mim que ela se detinha, quando o marquês a deixava... Havia nos seus gestos uma doçura vaga e melancólica. Estendia-me os braços e tocava em mim a sua imagem. Dormia nos seus olhos um silêncio de abandono. E o seu corpo era como uma grande saudade...

Fala o terceiro:

— A mim, ela nunca se entregou! Não guardo nenhuma lembrança dos seus olhos, nem do seu corpo, nem das suas jóias... Devia ser linda! E eu não a vi nunca... Por que foi que ela morreu? Tenho desejo e tenho saudades dela...

QUEM FOI QUE APITOU

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

Criaturas...

Ilustração Brasileira, jun. 1922.

A Álvaro Moreyra

I. - O QUE SE LEMBROU DE VIVER

Aos trinta e cinco anos, lembrou-se de viver. E saiu pela vida. Caminhando sem rumo, seus olhos decoraram todas as figuras e todas as paisagens. Achou-as vulgares. Encostou a cabeça numa pedra e fechou os olhos.

O mundo abriu-se-lhe então, como uma flor misteriosa. Visões de paraíso cercaram-no rapidamente. Uma grande beatitude o envolveu. E desde esse momento ele começou a viver...

II. - DOIS AMANTES

Dois amantes se separaram, no começo da estrada. Ele ia para muito longe, ela ficava a esperá-lo. Apertaram-se com desespero, num longo abraço. Uniram os lábios na volúpia do último beijo. Depois, ele partiu.

E nunca mais voltou. É que desejava ficar para sempre com aquele abraço e com aquele beijo...

III. - SOB A LÂMPADA SERENA

A lâmpada iluminava a sala quieta, de móveis antigos, e janelas abertas para o jardim cheio de sono. Debruçados na mesa, dois velhos se contemplavam, estáticos, perdidamente. Ele tinha nos olhos quase cegos a lembrança de uma figura de outro tempo, esbatida em longes de saudade. Ela era o fantasma de uma mulher bela.

Sorriram um para o outro, e ele falou, baixinho, para que as palavras morressem docemente:

- "Só agora que eu te amo de veras..."

IV. - ESCREVER

Pegou do papel. Com um cigarro a morrer entre os dedos, pôs-se a enchê-lo. Riscou a página com riscos esquisitos, diversos, atrapalhados... Não eram palavras: eram traços. Traços olhando a direita, quase tortos; para o alto, afilados e pontudos; convergindo para o centro, tranqüilos e curvos.

Depois, com o cigarro apagado, mirou aquilo tudo - o seu lindo poema! - tendo nos olhos um sorriso em que havia um infinito desdém pelas palavras...

V. - UM POETA

O poeta leu, ainda uma vez, o mais doloroso dos seus cantos, aquele em que, num misto de vibração e desconsolo, circulava o seu sangue e floriam os seus cabelos nevados. Achou-o frio e material. E sentiu a angústia de um pai que se não revê no seu filho...

Horrorizado, rasgou o poema em bocadinhos. E ajoelhou-se para apanhá-los. Pegou a todos e, num gesto humano e religioso, foi guardar os destroços de sua obra...

VI. - ÚLTIMO ATO

Morreu-lhe nos braços, devagar, e sem um grito de sofrimento. Os olhos fecharam-se como para dormir. Nos cabelos soltos, errava ainda um suave perfume.

Ele quis experimentar uma grande dor. E não pôde. A dor viera aos pedaços, lenta, rítmica, pisando com uns pés de seda. Não se sentira invadido, num momento, por uma lufada de desespero. E beijou a amante já fria, como se beijasse a amante viva ...

Duas Anedotas Vulgares

Ilustração Brasileira, dez. 1922.

I

Nunca dormia em casa: dormia fora, dentro da noite. Todas as manhãs, fugindo à boêmia das ruas, perguntava ao criado se viera alguma carta. A resposta era sempre negativa, ele sentia um desconso apunhalante.

Um dia, chegou a carta, um pedaço banal de papel nas mãos de um carteiro banal. Foi o seu dia feliz, o seu grande dia. Não saiu. Pela noite, foram-no encontrar pendente do teto, olhos arregalados, boca aberta, língua de fora - enforcado.

A gente deve sempre procurar um motivo...

II

Coitado do homem feliz, coitado do homem feliz! - diziam quando ele passava. E ele passava, triste e humilhado, ao longo das outras criaturas, que não eram felizes. Sua Felicidade era gorda, suarenta e vermelha - e terrivelmente ridícula. Pisava-lhe os calos, amarrotava-lhe a roupa, fazia-o comprar só bilhetes brancos. Ele ia a um cinema - e pensam que sua Felicidade cabia lá dentro? Queria tomar um bonde - e não havia lugar lá no bonde para sua Felicidade. Todos lamentavam a sorte do homem feliz...

Procurou libertar-se de tamanho peso. Uma noite à beira de um cais, fitou as ondas, pensou o último pensamento e mergulhou na água sussurrante. A Felicidade caiu-lhe em cima, puxando-o pelos cabelos, a salvá-lo da morte e a condená-lo à vida. Continuou a viver.

E o piedoso lamento crescia no ar, imenso e fúnebre, como um dobre de sinos, quando ele passava: "coitado do homem feliz! coitado do homem feliz!"

O homem que andou muito...

Ilustração Brasileira, abr. 1923.

O homem que andou muito era um belo homem, de cabelos louros e pensamentos louros. Vestia uma túnica branca, tinha mãos esplêndidas e gestos rítmicos. Amava a água harmoniosa dos rios, a curva torcicolante dos caminhos, o brilho longe das estrelas. E era feliz, de uma felicidade repousada e quieta. Sonhava de olhos miraculosamente abertos, e cantava nos crepúsculos cor de sangue e ouro.

Um dia, ou fosse tédio ou fosse ideal, esse homem pôs-se a caminho. D'antes, contentava-se de errar a esmo, pelos arredores floridos de sua vivenda. Naquele dia, partiu sem rumo certo, sem destino. E andou. Foi adormecer para junto de uma pedra, onde reclinou a cabeça loura, descansando. Na manhã seguinte, entreabrindo as pálpebras, deu com um vulto de mulher que o contemplava, sorrindo. Tão linda! Tão linda! Abraçaram-se e foram seguindo, risonhos e unidos. Iam cantando. Não tinham pressa, porque não sabiam correr. Caminhavam serenamente, como por uma velha estrada conhecida. À beira de um lago em que palpitava o reflexo trêmulo dos chorões, o homem encontrou uma nova mulher. Era bela como a primeira, mas de uma beleza diferente. Ouvindo-os cantar, ela sorriu e os acompanhou. Já se sentiam menos sós; eram três agora, e todos três muito felizes, muito contentes. Riam para tudo. Riam até para as serpentes, e as serpentes não o picavam. Nem havia pedras que lhes sangrassem os pés nus.

Oh! A doçura daquela caminhada preguiçosa, através de bosques e colinas, dentro da natureza e dentro da vida! Todos a sentiam, era certo; e todos a manifestavam em cânticos. À proporção que se adiantavam, esses cantos eram mais melodiosos e mais sentidos. A alma fugia-lhes da boca...

À sombra de um carvalho solitário, outra mulher se lhes ajuntou. Diferente das primeiras e bela ainda. E a essa mulher se seguiram outras, várias outras. Já o bando era uma chusma de corpos, e sempre alegre, como nos primeiros dias. Cantavam os poentes que incendeiam o céu num fogo de rubis, e as alvoradas fascinantes, e os sóis a pino dominadores. O homem seguia na frente, sereno, glorioso. Mais parecia um deus pagão. E a caravana maravilhosa marchava e sorria. Punha-se em êxtase diante da lua, levantava hinos às nuvens, beleza errante dos céus...

Um dia, qualquer coisa de mau aconteceu ao homem loiro que encantava as mulheres. Foi doença, foi talvez febre. Levaram-no para um recanto sombrio, onde as árvores se abraçavam, de unidas. E aí, sob a paz das folhas, todos ficaram mudos...

Já cinco anos durava aquela jornada, e não havia sombra de cansaço. O precursor Era ainda o mesmo homem de mãos esplêndidas e gestos rítmicos. Mas adoecera, estava desgraçadamente à morte.

Olhou, com lentidão, as figuras luminosas que o rodeavam, como num sonho bom. Sorriu, mas tristemente. Ia morrer. Cerrou os olhos, silencioso, e morreu.

As mulheres, alucinadas, olhavam o cadáver, estalando de dor, e assombradas. Levantou-se uma, e perguntou, num choro lento:

- Como se chamava ele? Como se chamava ele? Era tão bom!
E nenhuma delas sabia...

ESPERANÇA...

Para Todos, 29 set. 1923

Hoje, amanheci com esperança... Com esperança de quê? Mas, de tudo e de nada. Há dias em que a gente acorda com a esperança atrás da porta. Abre-se, e entra a rapariga, toda risonha, no seu vestido verde: — Bom dia, Sr. Rodrigues, como vai o Sr.?

— Vai-se indo, minha filha, conforme a vida permite...

— Oh! Não se preocupe com a vida. Olhe, sabe que coisas lhe darei hoje? Dar-lhe-ei um automóvel, ou uma casa entre árvores, ou uma linda mulher... Recusa? Pois então, aceite um bilhete premiado... Se não quer o bilhete, vá lá, a inspiração de um belo poema...

E a esperança fica, longo tempo, a sussurrar-nos coisas amáveis, que pairam um momento no ar, e desaparecem. A esperança é uma boa rapariga. Depois, ensaia um adeus suave, e suavemente se extingue pelo corredor...

Hoje, ela veio fazer-me a deliciosa visita. Dia de sol, dia de luz, e até de felicidade. Mas, desgraçadamente, foi uma curta visita. Um desejo ia florir, no meu quarto pobre... E logo uma voz irrompeu lá fora, espantando a pobrezinha: — Ó vida apertada!...

FELICIDADE...

Para Todos, 6 out. 1923.

O homem que inventou a primeira anedota era gordo e feliz. Sobretudo, era muito feliz, e ria desabaladamente. Ria tanto que suas feições não raro se congestionavam, e todos temiam que o homem arrebetasse

Ignoro se o homem arrebetou. Sei, porém, que deixou uma porção de filhos, e que esses derramaram pelo mundo a graça do homem gordo.

Quantas pessoas, hoje, se dedicam à profissão de contar anedotas? Milhares e milhares. E tais pessoas são extraordinariamente felizes e gordas. Gordas por dentro ou por fora, e todas felizes, muito felizes, pois nada mais delicioso que uma anedota...

Contar anedotas talvez seja o único meio de ser feliz... Ou talvez não seja. Talvez não haja nenhum meio de ser feliz. E talvez haja uma porção deles...

TIA MARTA

A. J. Carlos

Ilustração Brasileira, fev. 1924.

Sempre que chove, gosto de ficar em casa, a conversar com os meus mortos. Peço ao leitor que se não espante: os meus mortos são simplesmente as figuras que me tem povoado a vida, e cujas sombras recolhi com simpatia cordial. Já entre eles muita gente viva, risonha e forte; sei mesmo de alguns que tão cedo não concluirão esse ato dissaborido que é a viagem sobre o planeta. E todos são os meus mortos.

Está o leitor a sorrir: - Bem, são conversas de velho, doces e inúteis. Não acertou. Não chego a ser um velho, infelizmente; e se na alma, de há muito branqueja a flora dos cabelos nevados, o meu corpo é o de um homem de trinta e cinco anos, nem belo nem feio, nem gordo nem magro, nem robusto nem frágil... tenho trinta e cinco anos, e amo revolver o meu passado, quando chove.

Hoje, por exemplo. Está a chover a mais fina das chuvas, e a mais amolecedora ... Na rua, por certo, há silhuetas amáveis de mulheres apressadas, mulheres que, sob a chuva, parecem pássaros transidos. E grandes guarda-chuvas de luto. E poças de água. E tanta coisa que é uma discreta alegria para os olhos ...

Pois é isso, meu leitor e meu amigo. Eu gosto dos dias assim. Obrigam a gente a recuar um pouco, e isso é tão difícil, hoje que vivemos a acotovelar-nos, e cada qual quer passar à frente! Mesmo os que param, como eu, são constrangidos a recuar. Em dias assim, o espírito fica docemente inativo, o corpo pede o repouso cristão de uma espreguiçadeira, - e que as horas deslizem mais devagar ...

Penetro no recinto dos meus mortos. São poucos, não poderiam mesmo ser muitos. Sempre vivi à margem da onda humana, e embora não raro lhe deitasse um olhar curioso, nunca me animei a segui-la. Uma solidão povoada de amáveis fantasmas vale bem mais que as felicidades ruidosas (desconfio que este seja um doce lugar-comum) ...

Penetro no recinto dos meus mortos ... Quanta paz, quanta calma, pelas alamedas! Certo, algumas das sombras que hoje aí dormem fizeram, na minha vida, uma inquieta peregrinação, e desenharam no ar gestos de súplica ou de raiva ... Houve figuras dolorosas, mas agora há apenas sombras tranquilas. E somente essas me apetece recordar.

Vejo, aqui perto, o pequeno túmulo de Tia Marta. Era muito mais velha do que eu, e me infligia terríveis castigos. Não tendo conhecido pai nem mãe, mortos ambos quando era ainda um bebê chorão, coube à Tia Marta a piedosa e difícil tarefa de educar-me. Educou-me de um modo...

Ainda estou a ver-lhe os óculos, muito redondos, no seu aro de prata; óculos que fuzilavam chispas, que dominavam, que feriam ... Tia Marta passara dos trinta anos e não chegara ainda aos cinqüenta. Perdera-se no caminho... Enquanto isso, fazia todo o possível para lá não chegar. Creio que foi inútil, pois morreu aos cinqüenta e oito, porém, não resignada, e a reagir até o fim, usando cremes, pomadas, estranhos filtros...

Queria-me com esse amor especial que têm as tias solteironas, um amor ralo, inconsistente, feito de maternidade falhada, e que se compraz em castigos. Minha infância foi cheia de atribulações, e eu passava do sarampo à chinela com intervalos de beijos. Mas, com a puberdade, vieram dias melhores. Lembro-me que, ao regressar do terceiro ano do colégio, era pouco menos que um rapaz, e tinha espinhas. Essas espinhas ao que parece, alvoroçaram a boa da minha tia, que entendeu de arranjar-me uma namorada, e arranjou-me duas.

Ah! Minha querida parenta, que desastrada foi a senhora! Não se lembra? ... Indicou-me a Laurita Gomes, que ia sempre à nossa casa, em companhia da irmã. Fiz-lhe uma corte bisonha, tão bisonha que estabeleceu-se entre Laurita e a irmã, a esbelta Luciana, um divertido conflito: ambas pensavam ser o alvo das minhas atenções ... Eu não quis (ou não soube) desfazer o equívoco, e realizei a minha primeira experiência amorosa. Resultado: nem Laurita, nem Luciana. Amei-as um minuto, e um minuto possuí aqueles dois pequeninos corações. Antes que a meada se destrinçasse por si mesma, interveio tia Marta – sempre desastrada, senhora minha tia! – e berrou que aquilo era um horror, uma pouca vergonha ... e apressou o meu regresso ao colégio.

Era boa. Era honesta. Creio que era honesta demais, e não perdoava aos outros as faltas que a sua virgindade solitária não pudera cometer.

Logo depois, faleceu, no 58 ano de sua vida, a boa tia Marta, deixando-me imperecível lembrança dos seus óculos redondos e de sua escandalizada intervenção naquele caso.

Meu primeiro negócio de amor foi um negócio falho. E todos os que se seguiram não o foram menos.

Fui estudar Direito no Rio. E só mais tarde observei, com nitidez, que fiz apenas cinco anos de literatura, descabeladamente ... Na primeira pensão que habitei, havia uma criaturinha sardenta, semi-loura, que era filha da proprietária e estudava piano no Instituto. Mlle. Teresa não era o que se pode chamar um gênio musical. Mas tinha dedos finos e ágeis, que corriam com sutileza no teclado, e acordavam em mim sonhos consoladores e mansos. Entrei a fazer-lhe poemas em prosa – o que é que a gente não faz nesse mundo, meu Deus! – e esses poemas eram impiedosamente analisados por meu companheiro de quarto, o excelente Furtado. Furtado julgava-se ser crítico, e eu deixava-o nessa convicção. Tinha os meus poemas na conta de horríveis monstregos, e aconselhava-me rumos novos:

-Deixe esses lírios, deixe esses “gestos de espuma e névoa”! Meta-se na literatura científica. Não há como a literatura científica! Olhe os métodos experimentais, as noções positivas, o documento humano ... Você sabe lá o que é o documento humano? Sabe nada. Leia Taine, meu amigo, leia Taine... Que diabo! Você não está a ver o Zola, o nosso Eça? Pois então, leia Taine!”

Excelente Furtado, infelizmente não li Taine, e continuei a fazer poemas em prosa, legítimos poemas, filhos do meu êxtase ... Declamava-os a Teresa, na sala de visitas, na tranqüila penumbra do entardecer.

Quase sempre era depois de Chopin:

- Mlle. Teresa, toque outra vez a *Walse Brillante* ... Não diga que se esqueceu, ainda a semana passada ouvi-a tocar a *Walse Brillante* ...

Ela tocava, e depois, na sala, era um silêncio bom, de beatitudes físicas, envolventes. Havia uma doçura nas coisas... E eu começava:

- “As tuas mãos são brancas, são mais brancas que o frio. E tão boas... Não sei de mãos que melhor saibam erguer uma oferenda mística, – não sei de mãos tão brancas e consoladoras ... De que país estranho elas vieram? Talvez do céu, de que parecem guardar a nostalgia - talvez do pólo, de que parecem guardar a brancura?... Ah! Eu só quero uma coisa de tuas mãos. Somente uma coisa, de tuas mãos ... Não quero que elas venham-me trazer a coroa: a coroa não brilhará sobre a minha cabeça; não quero que elas venham trazer-me a taça: a taça não chegará à minha boca ... Eu só quero uma coisa de tuas mãos, eu só quero que tuas mãos venham fechar-me os olhos...”

Essas palavras dão a medida do meu lirismo naquele tempo. Confesso que as pronunciava com certo pudor, - não as ouviu algum companheiro de pensão – ou, talvez, com covardia: receio, íntimo receio de que também as ouviu, lá do alto, do paraíso gris das solteironas, a boa Tia Marta ...

E com isso, fazia uma doida ginástica espiritual, debruçando-me sobre as minhas obras e nelas procurando qualquer coisa que me faltava, que me fugia: a consciência da minha personalidade ... E reluziam na minha frente os óculos redondos e faiscantes de minha tia.

Depois... o mundo deu uma volta, e Mlle. Teresa, senhora de mãos tão puras, entregou-as ao Furtado. Formam hoje um casal feliz sem outra literatura que a científica. Excelente amigo! Excelente crítico!

Decididamente, há muita história ridícula, entre os túmulos do meu cemitério ... Segunda história ridícula, terceira história ridícula, etc. Passo em silêncio sobre todos esses acontecimentos. Fiz cinco anos de literatura, e de certo que a tolice pousou muitas vezes no meu quarto. Éramos uma roda grande. Havia o Sebastião, Sebastião não me lembro de que, renovador, ardentíssimo, inimigo de morte dos parnasianos, das mulheres, dos filhos, dos criados e dos cães dos parnasianos. Sebastião não compreendia uma

reforma literária sem derramamento de sangue. "Sangue e pilhagem!", vociferava ele. "Confisquemos os bens da canalha que se apossou dos altos postos da literatura! Esmaguemos! Trucidemos! Sim, é preciso trucidar..."

Nunca trucidou ninguém. Era simbolista como toda a nossa geração, e um simbolista não trucidava um parnasiano, como este não trucidaria um romântico, e etc, Essa geração simbolista falhou. A de hoje ao que me informam, é futurista, e anda a declarar guerra de morte aos velhos valores... Ainda e sempre a vulgaridade da mesma revolta! Por sinal que até agora se combate o parnasianismo... Talvez seja ele um mal necessário... Sebastião (não me lembro de que) era uma boa criatura. Tão boa quanto o Martins, que planejava uma "Vida e Milagres de Sórora Digitalix, a Suavíssima", e que hoje, deputado de uma bancada nortista, vem de publicar uma substanciosa monografia sobre estradas de ferro... Havia ainda o Feliciano Dantas. Feliciano, ao despedir-se de um tio que seguia para a Europa, encomendara-lhe uma garrafa da "água rodembackeana de Bruges". É agora segundo escriturário de uma Delegacia Fiscal. E outros.

Eu passeava entre esses apóstolos delirantes a minha originalidade mofina, assustadiça, que não inspirava muita fé aos meus companheiros de ideal. Sebastião, por duas vezes, acusou-me de traidor: via nos meus poemas qualquer coisa parecida com preciosismos de forma, ornatos sem cabimento, em prejuízo de sua espiritualidade". Sebastião chegava a desprezar a gramática. Tinha ódio às fórmulas, dizia. "Enterremos a última fórmula e seremos felizes. Guerra de morte aos clássicos!"

Martins negava-me a "flamma", e Dantas esperava ungi-me com as águas santas de Bruges, para que eu melhor aprendesse a grandeza do nosso credo. Em resumo: tudo isso me deixava desgostoso e em desequilíbrio com os outros e comigo mesmo, num vago desejo de abrigar-me, em silêncio sob o rosto chupado de minha tia, que enchera minha infância com seus óculos dominadores... O fim do meu curso aproximava-se, e eu não dava por ele. Mantinha escasso comércio com a jurisprudência e dos códigos conhecia apenas a lombada hostil. Mas cumpria bacharelar-me, e assim o fiz, como Brás Cubas e os outros, porém, sem desejar, como Brás Cubas, que a escola se repetisse pela vida inteira ... Bacharelei-me sem nenhuma satisfação íntima. Reconheci logo depois que a minha formatura era também um erro, e sem gravidade. Nem o direito nem a literatura me tentavam. Um editor amigo dos novos recusou o meu volume de prosas decadentes: achou-me demasiado verde, quando eu me supunha definitivamente maduro, o que encerrou por completo o meu ciclo literário. Por outro lado, obtive, com a primeira causa, a primeira derrota: Não consegui retirar da prisão um assassino que lá fora parou em virtude de uma facada certa no umbigo da amante.

Tive um momento de invencível desânimo, e esse momento decidiu de minha vida inteira. Eu não me fixaria jamais; as tentativas seriam inúteis,

e, mesmo, não me sorria despendendo esforços. Disse adeus aos amigos do cenáculo, e voltei ao interior.

Voltei para o interior tentando fixar os vagos liames que me prendiam à casa da infância. Com um pouco de imaginação, cheguei a idealizar, ao longo dos corredores compridos, a figura murcha da tia Marta, de óculos reluzentes e mãos prontas para o castigo ... O doce castigo! Entreguei-me em definitivo à sua tutela, fiz-me de novo criança, com idênticas manhãs e iguais desejos, tornando a sobremesa do jantar em finalidade da existência, e a boa cama com os bons cobertores a maior felicidade matutina. Regressei aos bons tempos da tia Marta. O seu fantasma, invisível a outros olhos, preside a minha solidão de bacharel desocupado. Para maior força da ilusão, mandei ampliar-lhe o retrato, um feíssimo daguerreótipo em que cintilam os seus redondos óculos inquisitoriais. Pus esse retrato no meu quarto. De manhã, ao levantar-me, peço-lhe a benção; à noite, à hora dos lençóis, peço-lhe a benção. Às vezes, saio, e, por fatalidade, chego tarde; então minto a Tia Marta: - A senhora me desculpe, encontrei um amigo que me prendeu até agora ... E Tia Marta perdoa. Depois que morreu, tia Marta perdoa sempre.

É um império suave, o que ela exerce sobre a minha indolência; um império de acordo com a minha natureza ... Não era má educadora, não é mau o seu aspecto, o mais vivo dos que hoje habitam comigo. Foi desastrada, lá isso foi, ao escolher-me como namorada Laurita Gomes, irmã da Luciana Gomes. Ah, é verdade! A Laurita e a Luciana continuam solteiras... Somam hoje 65 anos, as duas: Uma tem 32, a outra um a mais. Ainda agora, passaram pela minha porta, caminho da igreja. Com essa chuva! Mas são devotas, e não perdem a reza. Não lhes farei poemas, porque, ai de mim! lá se foi o tempo. Mas encontro nas duas uma graça melancólica: parecem-me flores de altar ...

A chuva escorre pela minha vidraça. Laurita e Luciana dobraram a esquina. Que diabo, eu também vou sair, eu também vou rezar pela Tia Marta, e, quem sabe? escandalizar - ainda uma vez! - a Tia Marta...

A PRINCESA, ONDE ESTARÁ A PRINCESA?...

Para Todos, 23 fev. 1924.

A Princesa andou por aqui?... Onde estará a Princesa?... Não houve quem a visse ou desejasse acompanhá-la?... - E ninguém sabe onde está a Princesa...

É sempre assim: não há quem lhe conheça a cor dos olhos, nem dê notícia da sombra do seu manto... E, todavia, a Princesa caminha sempre. Deve ter passado por aqui. Quem sabe se ela se deteve à sombra destes plátanos, vendo a água correr?... A água fugidia acorda muitas imagens, e perturba as almas meditativas. Mas, ninguém viu a Princesa?...

A Princesa deve estar longe... Talvez esteja muito longe de nós, em estranhos países, onde tudo tem formas sutis, e vagueia entre o céu e a terra, qualquer coisa de divino... Eu sei que a Princesa ama as formas misteriosas. Há no seu olhar qualquer coisa de velado... Ninguém se lembra da Princesa?...

Os zagais não se recordam do seu vulto; são gente simples, que não sabe mentir. Entretanto, ela deve ter passado, como uma sombra tranqüila, entre as suas ovelhas. Pois não ficou pelo caminho a harmonia abafada do seu passo? Há uma fina música no vento... deve ser o seu canto — pois a Princesa gosta de cantar — deve ser o eco feiticeiro do seu canto... Mas, os pastores não lembram da Princesa.

Deixo cair os braços, desanimado... Não há memória da esquiva Princesa, por essas terras... E se vou à cidade, os homens olham para mim com espanto, imaginando que enlouqueci... Estes homens não viram nunca a Princesa, nem sabem mesmo que ela existe. Estarei sonhando, ou serei do outro tempo? Somente eu me recordo da Princesa... E contudo erra no ar a saudade vaga do seu corpo...

Ah! Ninguém sabe mais onde estará a Princesa!...

MARIA DA RUA

Para Todos, 22 mar. 1924.

- Deveras não me conhece? Não conhece Maria da Rua?

Plantara-se diante de mim, muito magra, muito insignificante. Só os olhos eram grandes, dois olhos em que havia tristeza, espanto e medo. Um corpo de menina, onde sorria uma boca fatigada, e, na cabeça, a desordem convencional de uns cabelos de louro seco. Tive uma piedade desolante.

- Não, meu pequenino amor, não te conheço. Vem aqui, vamos beber alguma coisa.

Sentou-se, num gesto humilde. Alisou as rugas do vestido. Tomou um gole de *whisky*. Pausadamente. Calmamente.

- Maria da Rua... Que tal o meu nome?

- Um nome como tantos. Dize o outro, o do batismo.

- O outro? Já não me lembra, o outro... Talvez seja o mesmo, talvez não. Há tanto tempo! Depois, a vida passou, eu passei também. Não acha lindo o meu nome — Maria da Rua?...

- Calou-se. Ficou contemplando extaticamente a sala cheia, os pares que giravam, a nudez das outras mulheres, a volúpia dos outros homens.

— Maria da Rua, disse-lhe eu, perturbado — quero ser teu amigo, Maria da Rua. Vamos cear, lá fora. Tu me levarás à tua casa, e eu serei muito teu amigo.

Teve um sorriso frio, entre cínico e amargurado. Devia ter ouvido muitas vezes aquelas palavras... Percebia que o seu corpo não inspirava desejo, mas uma compaixão imensa. Levantou-se. Maquinalmente. Calmamente.

Fora do *cabaret*, a noiva tinha uma doçura muito azul, e no céu as estrelas brilhavam como olhos puríssimos. Cá em baixo, o vício parecia-me terrivelmente melancólico, cheio de mulheres tristonhas e de homens enfasiados. Um automóvel cortou a rua, sangrando a penumbra com dois círculos vermelhos. As lâmpadas tinham uma claridade pálida, entre o céu e a terra.

A pobre criatura, agarrada a meu braço, era como um farrapo... pobre farrapo humano, que um sopro lançaria pela noite.

* * *

E , uma noite, essa mulher ensinou-me a vida. Ensinou-me calmamente. Displícitamente.

— A vida, meu menino, não é isto nem aquilo. É tudo o que quiseres... O destino, uma força consoladora, que nós inventamos numa hora de

arrependimento. Ele não tem culpa, a vida não tem culpa. talvez ninguém tenha culpa... Nós somos apenas aquilo que desejamos ser... O que é preciso é ter imaginação. Eu, às vezes sou a bailarina de um *effendi*, outras vezes a flor de um jardim, uma sonoridade, um perfume... Sou tudo, meu menino, sou tudo! Os outros não sabem, ah! felizmente que os outros não sabem...

Acho lindo esse nome de Maria da Rua. É boêmio e desencantado. Tenho outros, porém: Rosahnara, Belkiss, Ofélia, Salomé, Maria Madalena. Tenho tantos nomes e tantas vidas! Ainda há pouco, por exemplo, eu sonhava existir no polo... sim, meu menino, no polo, entre esquimós... E a minha alma era branca, e a minha vida era branca, branca...

Subitamente desatou a chorar. Um choro convulsivo e dramático, muito longo. Ensinara-me a vida, era da vida. E eu sofri por aquela mulher tão literária e tão humana.

Meu pequenino amor, creio que o absinto te fez mal...

— Não, meu menino, não foi absolutamente o absinto, foi a vida...

O CONTO DA VIDA

Para Todos, 26 abr. 1924.

O homem se recolheu ao deserto, para escrever o conto da vida. Mas no deserto havia o sorriso de um oásis, em que palmeiras de uma beleza semelhante à beleza das mulheres vestiam a areia de sombra. O homem aproximou-se, e percebeu ali outros homens, que se reclinavam nos braços de mulheres jovens. E os outros homens lhe falaram, com um sorriso aceso nos lábios:

— Vem para a nossa companhia, vem gozar este amável recanto da terra. Encherás o vaso de tua existência com todos os venenos sutis e doces da alegria, e darás de beber às tuas paixões. Vem para a nossa companhia, vem.

O homem abandonou-os, e voltou à solidão do deserto, para escrever o conto da vida. Concentrou-se, retesou as cordas de sua alma. De súbito, foi até ele o rumor longínquo da vida, feito de orgias e sofrimentos. E o papel continuou virginalmente branco, nas mãos do homem solitário.

Então, o homem tirou de suas vestes um pequeno espelho, e levou-o à altura do rosto sereno. Viu que o rosto ficara extremamente pálido, da palidez dos círios fúnebres, e abandonou o deserto.

Numa viagem sem destino, foi parar a uma cidade morta, onde havia um grande canal silencioso. Inclinando-se sobre o canal, a fadiga de seus olhos percebeu alguma coisa na água. Debruçou-se mais... E viu que em lugar do seu reflexo na água do canal estava escrito o conto da vida.

COCAÍNA, E UM CAVALHEIRO QUE A TOMAVA

(Nesta página, o leitor verá que a abstinência nem sempre é virtude, e que o vício é, muitas vezes, imbecilidade)

Para Todos, 20 dez. 1924.

Ele então, baixando um pouco a voz, confessou-me que tomava cocaína. Muita. De três a quatro gramas por dia. Que era um vício antigo, uma paixão, a sua única paixão, aliás. Tinha vinte anos, era bacharel e solteiro. O pai quisera casá-lo com a filha do cunhado de um primo de um vizinho, mas ele se opusera valentemente. Não amava ninguém. As mulheres não lhe pareciam dignas de atenção. Sabia até uma frase de Schopenhauer, lida em "Forjaz de Sampaio"... Queria ser livre — livre como os pássaros. E tomava cocaína que era um horror.

— O senhor compreende... a gente precisa consolar-se de haver nascido. Eu sou pessimista. Ah! Comigo é ali: pessimista negro. Este mundo não presta, o senhor sabe disso. Eu também sei, e por isso cheiro a minha cocainazinha. E olhe que sou feliz, porque a cocaína é consoladora.

Ficou algum tempo fungando. Só então percebi que ele usava bigodes e bengala com castão de ouro. Quis fugir. Era tarde.

— É consoladora. E depois, é proibida, quero dizer, duas vezes apetecível. A cocaína é um vício *chic*, sim senhor, um vício elegantíssimo. Pois então o senhor não sabe que no Rio...? Sabe, sim, ora essa, tenho certeza que sabe. Dá gosto comprar um vidrinho de coca. Mas, um vidrinho só é muito pouco. Eu, por exemplo, tenho dois, aqui. O meu caro amigo não aceita um?

— Muito obrigado.

— Não faça cerimônias. Aceite, que lhe ofereço com satisfação. Eu não sou desses viciados egoístas, que não prendem os outros porque não podem. O senhor também gosta dos cristais, estou vendo. Aceite um vidrinho.

— Muito obrigado. Não tenho o hábito.

— Impossível! Ou quem sabe se o senhor gosta é de morfina?

— Também não.

— Ópio?

— Também não.

— Éter?

— Ainda não.

— Ah! Ah! Ah! Tem graça, tem muita graça! Um cavalheiro de boas maneiras, civilizado, honesto, que não toma cocaína, nem morfina, nem ópio, nem éter! Ora conte isso a outra pessoa... A mim, não acredito. Ora, o senhor! O senhor, que é literato, eu sei, e literato dos mais distintos...

— É exagero seu.

— Dos mais distintos, pois não, eu estou informado, eu vejo nos jornais. O senhor, que escreve versos tão modernos! Ora essa! Não toma cocaína! Isso é lá possível?

— Afirmando-lhe que é verdade.

— E não é que insiste? É boa! Como se eu fosse tolo. Ora, cavalheiro, a pilhéria, quando repetida, já não tem graça. Vai fazer-me a fineza de tomar uma pitadinha. Uma pitadinha só.

— Agradeço-lhe ainda uma vez, mas não aceito. Eu não sentiria nenhuma sensação agradável, pois não tenho o costume.

— Não faltava mais! A primeira vez, concordo, o amigo não sentirá grande coisa. Mas há de acostumar-se, homem, de Deus, e verá o que é bom. O que é bom, não, não, o que é divino. Porque este pó é divino.

— Acredito que o seja, mas não desejo experimentá-lo. O meu amigo diz que a cocaína é consoladora. Eu também suponho tal coisa, mas acontece que nunca senti necessidade de ser consolado, e portanto...

— Quer dizer que é feliz?

— Não digo tanto. Pelo contrário, sou tão feliz como os outros, isto é, não o sou de modo algum. A vida é má, eu a julgo péssima, e divirto-me com ela.

— Esquisito! Palavra que não compreendi. Então, o senhor também é pessimista?

— Nem pessimista nem otimista. Eu vivo, compreende o senhor? E para isso, que é um exercício tão fácil, não preciso recorrer aos tóxicos. Penso mesmo que se recorresse, complicaria a situação sem nenhuma vantagem. Os tóxicos não adiantariam ao meu caso. Eles consolam, diz-me o senhor. Mas consolam aos que precisam ser consolados... Consolam como os mitos e as fantasias religiosas consolam aos crentes. Cada um cultiva como pode a sua ferida. Os mais simples procuram eliminá-la de uma vez, e recorrer ao suicídio. Já o amigo pede consolo aos paliativos. Eu por minha vez, encaro com resignação a minha parte de sofrimento. Chego mesmo a divertir-me com ela, palavra! E para que havia de tomar cocaína? Uma sensação deliciosa, talvez... Mas, se justamente eu fujo de todas as sensações fortes, e procuro evitar a alegria e a dor como dois estados perigosos, e dissolver-me na mediocridade! Só na mediocridade me será fácil contemplar a amargura universal sem horror nem volúpia. Porque eu me divirto, como já lhe disse, mas sem perversidade: como alguém que observa um desenho de nuvens... Já vê que, se não tomo cocaína, está longe de ser devido a razões de moral, e é antes por uma razão imoral.

— O amigo é muito fino! Mas, estas coisas não adiantam. Vamos, recusa ainda uma vez o meu oferecimento?

— Recuso com pesar.

— Adeus; já vejo que não quer mesmo. É porque o senhor não sabe! É porque o senhor não sabe!

— E talvez, ele tenha razão, talvez eu não saiba mesmo. Enquanto isso, todo mundo acha que sou um viciado terrível, e ele, o cavaleiro de bigodes e bengala com castão de ouro, o mais puro cidadão da República...

RETRATO

Para Todos, 24 jan. 1925.

Ele fazia a contradição discreta. Nunca teve opinião, ou antes, teve todas as opiniões, mas pelo avesso.

— Como eu gosto de Victor Hugo!, dizia-lhe um senhor apoplético.

Ele concordava, achando Victor um gênio, mas zombando preguiçosamente dos gênios. E se vinham dizer-lhe (sujeitos magros, quase sempre) que Victor Hugo era uma besta, concordava ainda, mas achando “traços empolgantes” no porte daquela imensa cavalgadura romântica.

E com isso, todos vivam contentes com ele, julgando-o o mais cordato dos homens, quando era o menos tolerante de todos.

Tinha um sorriso para a dúvida, e sabia embrulhar as negações entre as dobras de uma anedota.

Passou pelos homens distribuindo *sins* maliciosos, com uma cauda de reticências que era como um protesto sem escândalo.

À força de divertir-se com os outros, acabou por divertir-se consigo mesmo, experimentando na intimidade do espírito o punhal de dois gumes da dialética. E ao morrer, já não distinguia a própria sombra entre o círculo de sombras que o rodeava.

Sorriu de si próprio, fez pilhérias com as suas idéias mais puras e as suas emoções mais generosas, refletindo-se em todas as posições na face de todos os espelhos, avivando, apagando e torcendo as linhas de sua personalidade. Assim, havendo possuído por tantos anos o demônio da ironia, acabou entre as suas garras, confuso e impotente.

Uma lamentável verdade, esta: os jogos do espírito são mortais.

MORRER

Ilustração Brasileira, jan. 1925.

Pá, pá, pá, pá ... Eram torreões de terra que os coveiros atiravam sobre seu caixão. E, lá dentro, ele sentia tudo aquilo, no temor de que a terra, tão do alto e com tamanha força jogada, rompesse as tábuas que o envolviam e fossem macular-lhe a roupa, aquele terninho novo, feito dois meses antes da sua morte. Era o diabo, se a terra o sujasse... Porque, em suma, não havia ali os recursos de uso em tais circunstâncias: uma escova, um pouco de água e um ferro de engomar. Pá! pá! pá! E a terra caía em baques surdos.

Teria trazido um cigarro? Com certeza se esquecera disso. A gente morre tão depressa! Ele, então, mal tivera tempo de vestir a roupinha nova, alisar os cabelos, botar as coisas no lugar, e despedir-se, num minuto de muda e alanceada contemplação, do pequeno mundo que o cercava e que o vira partir sem um soluço. Porque as coisas não choram. As coisas são indiferentes, e acabou-se.

Contudo, pensou em revistar o paletó, a ver se achava o cigarro. Foi um custo erguer o braço direito à altura da tampa, e, depois de mil tentativas frustes, atingir, com a ponta dos dedos já frios, o bolso do paletó. Sacou lá de dentro o quer que fosse – ali no escuro não enxergava nada – e que, afinal, não era um cigarro, mas uma chave. Uma chave! E com isso um desejo súbito varou-lhe a noite do espírito, o desejo de que aquela chave correspondesse àquele caixão, e que lhe permitisse voltar à vida que ele repudiara e agora lhe parecia tão longe! Tão cheia de sol! e tão divina!

Mexia-se obcecado. Já não largaria a idéia, mesmo que a chave não prestasse. Que não prestasse! Quebraria as tábuas do caixão, revolveria a terra com punhos ardentes, e regressaria à luz que o chamava para melhores dias, e mais sábios. Sim, porque ele levaria outra vida, logo se escapasse. Deixaria a cidade em que sofrera e, depois ... Ficou algum tempo hesitante; onde se fixaria? Talvez nos Estados Unidos. Dizem que nos Estados Unidos o trabalho conduz à fortuna, e lá a gente trabalha com uma alegria brutal. Precisava era disso. Trabalhar corajosamente, e até mesmo um pouco barbaramente, sufocando os vizinhos. Os vizinhos nasceram para ser sufocados. Mas nisto pensou nos outros que, como ele, estavam estendidos no cemitério, sob o peso de pensamentos iguais, numa possível sociedade que o amedrontava. Que faziam os seus vizinhos de cova? Meditavam um

projeto de fuga ou consertavam talvez algum secreto plano de guerra subterrânea, em que cadáveres se atirassem sob cadáveres, angustiados e lívidos, numa sede de extermínio? Qual! E riu-se. A maioria já morreria de fato, pois aquela vida, naquelas condições, não podia durar muito. Viviam apenas os que, como ele, aí estavam de fresco, no máximo dez dias. Razão de mais para que se apressasse: ainda algum tempo e morreria de vez! Era fugir à toda. Mesmo porque já se sentia com mau cheiro.

O mau cheiro era o menos. A gente suporta com facilidade o próprio mau cheiro; o dos outros é que é o diabo. Importunava-o mais aquela ferida junto do coração que ele fizera com as suas mãos, um dia antes, e que o matara. Já o sangue lhe não escorria do buraco fundo que se abrira no peito, mas a dor era a mesma, senão mais cruel, porque continua, e trazendo em si a soma de todos os sofrimentos que o golpearam após aquele desvairado gesto. Como lhe doía o coração! A bem dizer, não doíam tanto as misérias morais que o empurraram ao suicídio: eram, na maioria, misérias da alma, padecimentos metafísicos de homem que se angustia porque pensa: tolices! Que idéia, a sua: matar-se! Matar-se, porquê? E todo o quadro de sua vida desenrolou-se, rápido, aos seus olhos, numa sucessão de lances dolorosos, mágoas, decepções, injúrias, o pão difícil, o amor esquivo, a realidade dura. Mas era tão pouco! Admirava-se da mesquinhez e da insignificância de tudo aquilo, considerado como devia ser, e não como antes o havia feito. Matar-se por meia dúzia de bagatelas! Ó suprema imbecilidade!

Era tempo de agir. O mau cheiro continuava, aumentava. Falta de ar, não sentia. O que sentia era um abandono de tudo, um abandono gelado, ao redor da sua ferida que não fechava. – Ainda se eu tivesse um cigarro! Desgraçadamente, não se lembrara dos cigarros.

Ah! Fora um grande fumador, no seu tempo. De um a dois maços por dia. A ponto de que o médico, de uma feita que estivera mal do peito, lhe proibira terminantemente o fumo: – Porque o senhor sabe, ou o senhor acaba com ele, ou ele acaba com o senhor. Era persuasiva a linguagem daquele médico! Depois, ele não esperara que o fumo desse cabo de sua carcaça: acabara-se com as suas próprias mãos.

Dia memorável, aquele! E fato ainda mais memorável. Fora um suicídio trágico, mas discreto. Nenhuma carta à polícia. Pouco cinematográfico. Sim, porque ele não gostava de filmes. Mas era preciso agir. Nada de pensar no que foi, antes pensar no que havia a fazer, e era experimentar a chave.

Experimentou a chave. Ou melhor: tentou apenas. Está claro que a chave não serviu. Naquela emergência, havia de ser romanesco! Ele mesmo ia pensar isso, ia convir que seria demasiado forte, mas não pensou nada, sentiu apenas uma dor maior, a dor do supremo abandono. Estava tudo perdido! E sentiu a escuridão mais escura, a ferida mais aberta, mais diabólica.

Em cima, fizera-se um grande silêncio. A terra já não caía, em pancadas fundas: pá! pá! de maneira que ele supunha o enterro acabado, o seu magro enterro. Enterro de gente pobre, e, além do mais suicida, isto é: um cadáver sobre que o padre não lançou a benção de nosso Senhor, e que os médicos retalharam e coseram à pressa, no mármore do necrotério. Apenas três pessoas o acompanharam até ali, e isso mesmo enfatiadas, mandando às favas o imbecil daquele rapaz que importava os outros até na hora da morte: dois vagos amigos e um ainda mais vago representante da repartição onde trabalhava. Àquele hora, deviam já estar em casa, comentando a loucura dele. E, na manhã, seguinte os jornais noticiariam... Mas, ai!, Não leria esses jornais. A sua possível celebridade, à luz da outra, não chegaria, com doces bafejos, até o seu túmulo perdido, a lisonjear-lhe a sede de renome. Tanto é certo, como lá diz o outro, que a glória é o sol dos mortos, e não alumia aqueles que consagrou.

“Suicidou-se ontem, por motivo ignorado, o Senhor Wenceslau Targino de Almeida, distinto amanuense do Ministério da Agricultura, residente à pensão Estrela, na rua do Catete, número tantos. O extinto foi muito cumprimentado...” Não era isso, caramba! Onde estava com a cabeça? Essa era mais ou menos a fórmula de uma notícia que um matutino dera, no ano passado, a respeito do seu natalício. Muito interessante aquele matutino. Era um jornal independente e criterioso. A notícia comovera-o pela simplicidade.

“Suicídio – um homem põe termo à vida com uma bala no coração – Ontem, às sete horas da manhã, uma pensão da rua do Catete foi teatro de uma cena de sangue que ...” e por aí adiante, no mesmo teor. A notícia podia ter umas trinta e cinco a quarenta linhas. Achava pouco. Os jornais podiam dedicar mais atenção aos suicídios. Seria uma homenagem póstuma e delicada. E ele, Wenceslau, bem merecia ter a crônica de sua vida e de seu gesto minuciosamente registrada nas folhas.

Wenceslau nasceu pobre e morreu pobre. O que aconteceu a muita gente mas que aconteceu de um modo particularmente penoso a Wenceslau. Sua incapacidade absoluta de atingir fortuna era flagelada por um infinito desejo de adquiri-la. Não pela fortuna em si, o que é um ideal de avarento, e Wenceslau não era miserável, mas pelo que a fortuna traz consigo, esplendores, mulheres, cumprimentos. Tinha uma visão material do triunfo; sabia que, quando vencesse, não fumaria mais cigarros, mas excelentes charutos, com suas iniciais a ouro na cinta; que teria muitos ternos para roupa; e que finalmente, fundaria um harém para seu gosto próprio, onde ele, sultão Wenceslau I e único, possuiria as melhores odaliscas do mundo. Além de uma formidável mesa de jantar, ia me esquecendo dizer. Ah! Wenceslau não sabia que quando se chega a enriquecer, é-se irremediavelmente dispéptico, abstêmio, dissaborido e impotente. Eis o que pagamos pelas riquezas. E Wenceslau, faminto e

desejoso, abria grandes olhos para o charuto, a casaca, e a mulher dos outros homens, um charuto tão caro! uma casaca tão direita! uma mulher tão perturbadora!

Foi desejando e crescendo. Aos vinte anos, desejava tudo, menos o sol, porque não sabia o que fizesse dele. Aos trinta e quatro, matou-se. E entre os vinte e os trinta e quatro apoiou os cotovelos sobre uma escrivaninha do Ministério da Agricultura, humilde entre os humildes, mas ardente como um cavalo árabe.

Até os trinta e quatro é exagero... Porque nós não desejamos impunemente. E breve, todo aquele ardor se foi chocando, amolgando-se às arestas da vida, de jeito a fazer Wenceslau experimentado a caricatura de Wenceslau primitivo, ainda faminto e já ridículo na sua fome, ostendo garras inúteis, presas que se decidiam a morder. Nunca deu o "salto da onça". Vivia desconfiado no seu canto, receando surpresas e armadilhas, antes de si mesmo, que se não conhecia, do que dos outros, que o desprezavam. O martírio de ser pequeno até entre os pequenos, quanto mais entre os grandes! Se pudesse analisar-se, de certo acharia semelhança entre a sua condição e a dos cães que se arrastam entre as pernas dos homens. Também ia de rastos, contemplando a botina e o sapato dos outros, que nem mesmo o repeliam, porque tinham pressa ou por outro motivo que fosse. E andando assim tão baixo, nem podia morder: faltavam-lhe ganas; nem sequer podia ladrar: faltava-lhe voz. Não tinha forças para a revolta, aí está.

Ah! Wenceslau revoltado. Havia de ser cômico. Por exemplo: aquele dia em que o chefe da seção encontrara-o de bruços no papel, sonhando com o rei Creso, o rei Salomão e outros reis magníficos. – O senhor é um indolente, um preguiçoso relapso! O senhor é uma excrescência no organismo desta tenda de trabalho! Se não quer servir à pátria, retire-se, abandone o cargo que não quer respeitar, e caia na devassidão! Aqui eu não admito! Eu não admito!

Ele se ficara a olhar. A olhar estúpida e bestificamente o pince-nez apoplético do chefe, numa renúncia de todas as forças, incapaz de dizer qualquer coisa, desaforo ou explicação... E serenada a fúria do seu superior, que sofria dos nervos e também dormia sobre os papéis, sentou-se grave e silenciosamente, cismando: - Deixa estar, canalha! Um dia você me paga. Serei Ministro da Agricultura. Não chegou a ser ministro. Nem mesmo foi outra coisa além de amanuense. Na imaginação, foi amanuense, ministro, chá, pachá, sultão, bey, grão vizir... Um grão vizir que não tinha poder para decepar a cabeça da dona da pensão, quando ela, gorda e zangada, vinha requisitar o pagamento de dois meses. Pelo contrário. O que lhe saía era uma fieira de reticências: - D. Joaquina, eu sinto imenso ... Mas o pagamento está atrasado ... Até os jornais já reclamaram, a senhora pode ver ... Eu não estou mentindo ... Nem é má vontade, absolutamente, mas o pagamento está atrasado ...

- Pois se o pagamento está atrasado, trate de procurar outra pensão, pois eu não posso esperar pelo pagamento!

E ele mudava de pensão, mas não mudava de índole. Gostava de ler, tinha os seus livros. A princípio, Gorki, Kropotkine, um ou dois escritores portugueses de mau gosto, romancistas que falavam em "lama social", e poetas que cantavam o "protoplasma". Depois, a pouco e pouco, foi-se-lhe refinando o espírito, de sorte a ler e a preferir os franceses cétricos ou maliciosos, e chorar nas últimas páginas de "Le désir de Jean Servien".

Começavam a penetrá-lo vagas melancolias sem origem, que se formavam e dissipavam sem motivo aparente, e lhe enchiam o espírito de nuvens. Mais do que o seu caso particular, atormentavam-no dores anônimas, secretas mortificações que adivinhava em tudo, mistérios de que a vida está cheia e que perturbam o menor dos nossos passos. Ah! os livros, os livros! Eles nos fazem sofrer infinitamente. Eles fizeram sofrer Wenceslau, ensinando-lhe e ocultando-lhe uma porção de coisas, e baralhando outras, entre consoladores e pérfidos. Sua amargura confundia-se com outras amarguras menos reais, porém não menos opressivas. Onde acabava o seu tormento, onde começava o dos outros? Sua alma devia ter raízes em almas desconhecidas. Por outro lado, acordavam nele impulsos que lhe eram estranhos – como uma vez que beijou um quadro numa galeria, perturbado ante a beleza da mulher que aí figurava; como outra vez que, ouvindo música, perdeu a noção das coisas, e sentiu-se dissolver num ambiente imaterializado.

E crises, longas crises de abatimento, de que saía mais pálido, mais magro, no seu isolamento de rapaz pobre.

Amigos? Não tinha amigos, apenas conhecidos de pensão, de repartição e da rua. Conhecia também duas ou três mulheres que não amava, e a quem deixava dinheiro sobre o toilette, após uma noite de amor. De uma feita, deixara mesmo uma nota de cinqüenta mil reis, o que era um preço excessivo para aquela mulher. Ele mesmo não sabia o que fizera, não foi por uma súbita generosidade, antes para penetrar-se da ilusão de que era rico e podia permitir-se prazeres caros. E, durante uma semana inteira, privou-se até das coisas elementares: cigarros, café, jornais, a fim de compensar o sacrifício.

Havia perdido a simplicidade animal do desejo. E pequeninos desastres tingiam-lhe a vida de escuro. Pouco a pouco, foi caindo numa apagada, morna insensibilidade. Já não era o Wenceslau de olhos rebrilhantes que parava às vitrines dos joalheiros, comprando tudo mentalmente. Momentos havia que seu desejo único era partir para muito longe, tão longe que lá não chegasse nunca, de sorte a morrer no meio do caminho, ignorado; outros em que fixava os olhos no relógio da sala de trabalho, só os despregando quando eram quatro horas e ele saía a esmo, errante como um mendigo. Não pensava, não sentia. Pegando um jornal,

corria-lhe as páginas sem saber o que lia, nem mesmo se estava a ler. E deu para repetir as palavras que ouvia, entre estúpido e maquinal.

- Morreu hoje o Silva, aquele que gostava da Zizinha e mancava de uma perna, falava-lhe um companheiro de pensão.
- Mancava de uma perna, balbuciava Wenceslau, com ar distante. Mancava de uma perna.
- Você não vai ao enterro. Coitado! Era um homem simpático e muito alegre. Se for, iremos juntos.
- Mancava de uma perna, repetia Wenceslau. E não saia disso.

Entraram a julgá-lo doido, pouco se lhe deu. Não destruiu a suposição, mesmo porque não sabia nada de positivo a respeito de si próprio. Não se conhecia. Mas não estava doido, estava simplesmente morto. E continuou morto até aos trinta e quatro anos. Foi então que lhe veio um reumatismo, acompanhado de algumas dúvidas e de um amor inexplicável pela Zizinha. Zizinha era filha de um coronel reformado que residia em frente à pensão. Wenceslau nunca pensara nela, e ela pensava ainda no Silva, razão porque não correspondeu ao amanuense. Tudo isso, de vortilhão, acendeu e turbou-lhe a sensibilidade, e Wenceslau se achou, um dia, com um revólver na mão, prestes a disparar. Disparou no peito. Caiu e não deu mais sinal de si. Correu gente, chamaram a assistência, a polícia, uma confusão. O médico da Assistência, ao chegar, teve apenas que registrar o óbito e ordenar a remoção do cadáver.

Percebeu que se achava estendido sobre uma larga mesa de mármore, rodeado de vultos com aventais brancos. Nada lhe lembrava: o que fizera, porque estava ali e o que significava aquilo tudo. Depois, com uma lentidão desesperadora, a memória foi-lhe voltando e com ela o conhecimento das coisas. Matara-se! Contudo, não estava morto. Pois se até raciocinava. Os defuntos terão consciência da morte? Então, não são defuntos. Terrível problema. E que faziam aqueles homens de branco, um de óculos, outro de barbas e um terceiro a mexer com ferros? Quis mover-se: não pôde; falar não pôde; fechar os olhos: não pôde.

Morto! Estava morto! E pensava somente isso: Estou morto! Estou morto! Parecia-lhe que essa palavra o enchia inteiramente, e que todos os seus membros estavam penetrados dela, e todos especificamente mortos, resultando dessa harmoniosa destruição a morte absoluta do seu organismo. Estava morto! Estava morto!

Então, os médicos começaram a chagar-lhe ainda mais o peito lacerado, revolvendo-lhe impiedosamente as víceras. Não se mexia. Estava morto! E daí, que lhe importava aquilo? Estava morto! Estava morto!

E quando finalizada a autópsia, lá o deixaram, no salão onde outros sentiam em paz a sua condição, ele retomou o fio perdido de seus pensamentos. Com que então, era uma terrível blague o suicídio! E não

só o suicídio, como todas as mortes, desde as serenas até as delirantes. Ninguém morria, quer dizer, ninguém deixava de ser. Imobilizava-se, apenas, continuando a gozar ou sofrer o espetáculo das formas e das aparências, em eterna ciranda, em eterno rodopio. A vida, sempre a vida, através de reações milagrosas e de confusas decomposições. O ser era indestrutível. A morte era uma forma extravagante da vida. E a vida se projetava e se refletia em mil espelhos, e milagrosamente se desdobrava, floria, murchava e refloria, num ritmo certo de onda. Ele não estava morto, ninguém estava morto.

Teve vontade de rebentar em gargalhadas. Não rebentou. Nem sequer uma leve contração de músculos na face.

Que seria dele, santo Deus! Bem no fundo da cova, presa de vermes repugnantes, apodrecendo eternamente e eternamente vivendo? Nunca o seu espírito se libertaria daquela miserável argila em que se encerrara. Nunca transporia as estreitas paredes de sua carne, e tão pouco as paredes da terra. Pensara em aniquilar-se com o suicídio: fora um gesto vão, o espírito é imortal. Ainda se o espírito fosse livre! Só o atormentava agora a sensação daquele obscuro e perpétuo cativo, nas entranhas angustiosas da terra.

A noite caía. No grande salão onde quatro cadáveres desenrolavam o fio diabólico de uma nova existência, prontos para o cemitério, havia um confuso de sombras. E sob a luz triste dos focos elétricos, os cadáveres inanimados.

Enterro simples e vulgar. Apenas um tanto incômodo para Wenceslau... O carro era de última ordem, e os solavancos atrapalhavam a posição severa do corpo. "Lá fora, a vida está esplêndida! pensava o morto. Ontem fez muito calor; mas, mesmo assim, pela manhã havia uma brisa deliciosa ... Tomara que não chova muito na minha cova."

Foi o seu primeiro desejo regularmente formulado após o suicídio. O segundo foi o de fumar um cigarro, já enterrado. O terceiro, de abrir o caixão e pôr-se ao fresco.

Nem se pôs ao fresco, nem fumou um cigarro ... Quanto à chuva, caiu mediocrementemente sobre o seu túmulo, no tempo das chuvas; cessado este, foi generosa e não caiu mais. E tornou a cair, e tornou a retirar-se. A chuva e o sol são ambos indiferentes. Wenceslau continuou a viver a sua estranha vida subterrânea, mas desconfio que esta foi curta. Ele era franzino, e os vermes devem tê-lo comido em pouco tempo.

UM REI

Para Todos, 7 fev. 1925.

— Oh! Não me falem das mulheres! Estou cansado esta noite. Estou soberbamente cansado... Parece que vivi muitas idades de homem, e que fadigas milenares pesam sobre a minha cabeça. Não me falem das mulheres. As mulheres passam. Somente eu não passo, eu que me contemplo através do escoamento das imagens, e estou no fundo de todos os tempos! A bem dizer, acho incômoda essa eternidade. Mas, que fazer? O espírito transforma os seus dons em instrumentos de tortura. E o meu espírito é um velho demônio. Deixa-lo jogar. Sou grande e miserável pelo meu espírito. Minha vida é uma tapeçaria de imaginação! Sou feliz. Quem ousará dizer-me que não sou feliz? Dizem que há lágrimas em meus olhos pálidos... Não importa: a felicidade sabe a lágrimas, e eu sou um velho demônio pervertido. Prefiro falar sobre o meu ser eterno e mutável, fixo e inconsistente. Eu perduro e me transformo. Não sou eu mesmo dois minutos seguidos; mas, a minha essência continua. O meu destino é feito de argila dócil. Que importância tem o meu destino? Sou um oleiro maravilhoso. Ah! o que eu realizei! o que eu sofri! E quero realizar e sofrer mais. Basta-me a vontade. Todos os conquistadores são cerebrais. Volúpia? Não há volúpia maior que a de ser casto e criar luxúrias do pensamento. Festins! Corpos enlaçados! As minhas taças de ouro! O mágico licor da vida! Tudo isso a minha chama interior vivifica e destrói, no mais rápido e fugitivo dos segundos. Sou um homem perigoso. Tenho medo de mim mesmo! E se me destruísse? Se destruísse todos esse potencial de força, de glória, de sonho e de loucura? Dizer-se que caibo dentro de mim, que estou nas minhas mãos, que me possuo inteiro — ó miséria! Ó deliciosa miséria: ser o dono e o escravo de si mesmo. Não há alturas para o meu trapézio, nem tablados para minha dança.

ENTROU A TOMAR PORRES

O ESPLÊNDIDO FESTIM

Para Todos, 23 set. 1922.

... e pálidos, diante da mesa enorme, onde os cristais brilhavam sob um chuveiro de luzes, eles sentiam a loucura do grande momento, a majestade do grande momento!

E nenhum deles erguia o braço para levar a taça ao lábios abertos; e nenhum deles fazia o esboço de um gesto de volúpia; e nenhum deles afastava os olhos daquela visão extraordinária!

Estavam todos embriagados, um minuto antes; o vinho corria-lhes n'alma, enchendo-os de uma delícia fluida, e, nas suas cabeças, havia coroas de rosas, brancas, muito brancas!

Ah! Tudo mudara de súbito! E agora, pálidos, imobilizados, infinitamente pálidos, imobilizados no supremo prazer, sentiam chegar o momento da suprema revelação!

Diante deles, ao centro da mesa enorme e atulhada de cristais, surgira a nudez feminina e pagã de um corpo maravilhoso!

E essa mulher assim lhes falou, aos pálidos convivas:

— "Eu sou a Vida, e andei a procurar-vos por todos os caminhos, e só agora vos encontro — ó meus loucos queridos!

Amo-vos com todo o meu ódio apaixonado, quero-vos com toda a fúria do meu ódio apaixonado!

E, entretanto, nunca me procuraste, nunca me desejava, nunca, nunca!

Chegou a hora trágica de nossos esponsais, a hora em que possuireis, e em que todos unificarei no espasmo sagrado das grandes luxúrias!

Meu amigos, eu sou a Vida! E estou nua diante de vós! E a minha nudez é como um divino convite aos vossos sentidos agrilhoados!

Chegou a hora sobre todas imensa, a hora de nossas bodas! Quebrai todas as taças, fechai bem os olhos, fechai bem os olhos, e beijai-me na boca!

Eu sou a Vida, meus amigos! Eu sou a vida, e os meus beijos têm um sabor fantástico, de vinho de veneno, e a minha nudez acende chamas no vosso delírio!

E a minha carne é um templo sem deus, e o meu sangue é todo um incêndio, e a minha é uma sublime irrealidade!

Convido-vos ao verdadeiro prazer! O verdadeiro prazer é profundo, ignoto e silencioso! O verdadeiro prazer é uma orgia íntima, uma orgia da alma, de pensamentos e de sentimentos! É doloroso, e é diabolicamente divino!

Eu sou a Vida!"

... e pálidos, diante da mesa enorme, onde os cristais brilhavam intensamente, e onde aquele corpo de mulher era um cristal mais luminoso ainda, eles sentiam a loucura do grande momento, a majestade do grande momento!

O HOMEM DAS ANEDOTAS

Para Todos, 25 ago. 1923.

— Íamos silenciosos, pela avenida deserta... Não te recordas? Parecia que um medo nos tomava: era o medo de nós mesmos, talvez o terror da nossa própria sombra... Caminhávamos num medroso silêncio. Tu não erguias os olhos, e eu tinha os olhos baixos, os olhos muito baixos, postos na calçada... E a nossa sombra como que se prolongava; prolongava-se até dentro de nós, até o mais fundo de nossa alma... Tu não dizias palavra. Eu seguia calado. Íamos num angustioso automatismo, os passos iguais, e um igual medo, um fino, um penetrante medo sobrenatural... Ninguém, pela avenida. A cidade dormia o sono cansado da meia-noite. Os nossos passos ecoavam numa cadência monótona... E se os precipitássemos? Seria a desgraça! Não nos pertencíamos: éramos a presa do nosso pavor silencioso. Um automóvel riscou o vazio da avenida, rapidamente. Estremecemos. Foi um longo, um diabólico estremecimento... E foi quase uma agonia. A nossa vida estava despedaçada! Fora interrompido o nosso destino! Uma força não deveria projetar-se, e esta força se projetara... O automóvel desapareceu, e nós seguimos, cambaleando...

Outra vez — não te recordas? — foi numa grande sala iluminada... Uma sala de *cabaret*. Nós nos deixávamos embriagar pela volúpia que errava no ambiente... Deixávamo-nos prender pela volúpia banal. Em teus olhos, o reflexo das luzes tinha um brilho mau, e em meus olhos flutuava a forma perversa dos dançarinos... Por último, o *jazz-band* desvairou-nos. Acordou em nós a festa dos sentidos... Subitamente, sentiste qualquer coisa de estranho... Parecia — não parecia? — que as luzes começavam a empalidecer, e que as dançarinas desfaziam o ritmo dos seus movimentos numa cadência arrastada... Parecia que as dançarinas se imobilizavam. E que as luzes se iam apagando. Ficamos a contemplar aquele doloroso festim de corpos marmorizados — o festim do silêncio e da sombra... Nenhuma voz chegava aos nossos ouvidos. Tinhas os olhos bem abertos, e eu tinha os olhos arregalados. Tomou-nos um grande pavor... o pavor de nós mesmos, da nossa insignificância e do nosso isolamento. Não víamos nada! Não escutávamos nada! E um grande pavor feria o nosso isolamento... Não me lembro como saímos dali... — Você não pode beber, fica logo a dizer tolices!...

A TERCEIRA

Para Todos, 8 mar. 1924.

Um esqueleto vai guiando o automóvel... É um esqueleto muito fino, muito alto, e tem os ossos do crânio cobertos de pó de arroz... É um esqueleto desvairado, e vai precipitando o automóvel, na noite cheia de sóis, pelos desfiladeiros infinitos... O auto corre através de abismos de lábios escancarados, derrubando árvores antigas e formidáveis, riscando em sulcos fundos a água dos rios impetuosos...

A fúria do *chauffeur* fantástico, no auto fantástico; dentro da noite fantástica!

Ao vento que uiva, chora e se lamenta, dilacerante como uma voz humana em desespero, as estrelas tremem no rosto do céu, como rosas que se vão desolhar... E sobem da terra as impressões da humanidade em delírio, farta dos gozos sem proveito e dos sofrimentos ilimitados... Como que tudo se estorce nos paroxismos de uma dor terrivelmente suprema... E há maldições trágicas enchendo o espaço de gritos, e berros que partem do fundo de gargantas ensangüentadas, e prantos de ocultas fontes inestancáveis...

Cego, surdo, indiferente, o *chauffeur* fantasmagórico impele o auto, ébrio de gasolina, para a treva dos precipícios sem fundo... A máquina é como um sonho de loucura, fugindo entre os dedos da noite... fugindo numa carreira eterna, sob as lamentações histéricas do vento...

O automóvel ébrio de gasolina... o esqueleto ébrio de velocidade...

Gargalhadas trágicas no arvoredo... crispações de Tântalos nas raízes... e um rumor surdo, longínquo, de prédios que se esboroam uns sobre outros, um rumor que se aproxima e se faz forte... Agora, há trovões cataclísmicos atroando na face da terra...

Desmoronam-se edifícios imensos, e há um rolar de tábuas, de pedras e de corpos... Corpos nus, enlaçados em doloroso espasmo, ardentes de volúpia, e jorrando sangue...

De repente, tudo branco. Tudo muito branco, geladamente branco. Até os rumores. E o frio... Oh! O frio... Que frio branco e silencioso... O silêncio... O silêncio branquíssimo...

— Ai, a minha terceira grama de cocaína...

DOIS FRAQUES

Para Todos, 1 ago. 1925.

Um esquivo minuto de perfeição. Eu vivi esse minuto, quando ela passou por mim, no tumulto da rua confusa. Ela passou por mim. Homens corriam, homens voltavam. Tudo era breve e ruidoso, tudo era humano e vulgar. Bruscamente, ela passou por mim, roçando o corpo nos meus sentidos. Senti um estremecimento na rua; mas o meu ser permaneceu íntegro — a rua convulsionou-se, homens rolaram uns por cima dos outros — permaneceu íntegro, quando ela passou por mim.

Ela passou tão bela e tão perfeita — harmonia palpitante, carne cheia de ritmos, saudade viva da Grécia! — tão gloriosa e tão serena, que eu vivi um minuto de perfeição. Um esquivo minuto. Perto, um fraque marrom dizia para o meu êxtase: — Porque você sabe, comigo é ali! É no duro!

— Queres ouvir uma história elétrica? É só o tempo duma chávena de chá.

Uma bailarina, um bailado e um pianista de fraque negro. Quando o bailado morreu, foi como se a sala ficasse deserta. O último acorde fugiu, longo e trêmulo, com doçura ondulante duma fumaça. O último gesto, o último ritmo... A sala ficou vazia de tudo.

Mas o pianista continuou em frente ao piano, calmo e duro, na insensibilidade negra do fraque. Ele animara as visões sutis do bailado, mas era tão calmo e tão duro, vestia um fraque tão negro, que o não tocara a magia daqueles instantes. E quando ele se virou para o lado, a pedir-me um cigarro e a caixa de fósforos, o que eu lhe dei, numa loucura vertiginosa, foram cinco tiros de revólver, sim, quatro ou cinco tiros, não me lembro bem!

— ? ! ! ! ..

— Perdão, não foi exatamente isso, eu tive apenas vontade. Mas, não é verdade que ele os merecia?

ÚLTIMA ENCARNAÇÃO DE PIERROT

Para Todos, 14 fev. 1925.

— Pierrot! Afinal te encontrei!

— Qual o quê. Encontrou nada. Eu não sou Pierrot. Fui. Hoje, tenho uma porção de almas. Sou até funcionário público. Menos Pierrot.

— Como está mudado! Não quero que digas isso, meu amor...

— Digo. Eu digo tudo. Estou um pouco tonto, você não repare: é do éter, e do champagne. Que baile mais sem-graça. O *jazz*, tristíssimo. Eu odeio as músicas tristes. Música foi feita para remexer.

— Pierrot... Meu Pierrot...

— Hein? Seu? Eu sou de todos. Perdão: de todas... Comigo é assim. Olhe. Pierrot com vergonha não vai. Hoje em dia, a gente não pode mais ter vergonha. A época é de sentimentos baratos. Você dança comigo?

Não. Quero falar-te, falar-te muito...

Ora! Você tem cada uma! Enfim, pode falar, eu não escuto. Enquanto você fala, bebo mais uma taça. Nem sei quanto já bebi hoje! Hoje, ontem, antes de ontem e amanhã. Não é tristeza, isso não! Pelo contrário. Porque eu estou alegre, muito alegre, infinitamente alegre... Ah! Ah! Ah! Não é nada, não, é uma coisa que me lembrou agora. Sabe que foi? Marquei um encontro com um dominó, para meia-noite... e já passa de uma hora! Ela deve estar fula! É para não ser boba. Palavra de Pierrot vale alguma coisa? Nada. Você está escutando? Mas, que cara aborrecida é essa? Continuando, eu dou o fora. E é já. Dou mesmo. Não suporto caretas... Se quer chorar, fuja para o jardim, para o silêncio da noite. Ou então, acabe com isso numa vez, tome lysol, ácido fênico, uma droga qualquer...

— Pierrot! Sê bonzinho comigo... Tem pena de Colombina!

— Pena de você? Pena de você, por quê? Você é alguma criança? Olhe, minha filha, trouxa é que eu não sou. Colombinas, tenho quantas quiser. Ao alcance da mão. E de uma vez para sempre: se você continuar a telefonar-me, implorando um pouco de amor, de coração, e mais isso e mais aquilo... eu não sei o que faço. Tome juízo. Juízo, sim, como eu, que há muito me regenerarei. E se não conseguir, repito, pingue um ponto na vida...

— Meu querido demônio!

— É isso. Pingue um ponto na vida. Agarre-se àquele pobre-diabo que vive a mergulhar insônias no álcool, por sua causa. Aquele romântico de pouca sorte, aquele imbecil... Como é mesmo que ele se chama? Ah, já sei: aquele pobre Arlequim.

REFRÃO DO IMORTAL DESESPERO

Para Todos, 4 jul. 1925.

— Dois olhos parados em minha frente. Um gato, um bruxo, ou um fantasma? Dois olhos parados em minha frente.

A princípio, não via nada. A escuridão era profunda como um poço. Como um poço fundo! A escuridão era profunda. E eu me debatia com mãos desvairadas, girando em torno de mim mesmo, tropeçando, caindo, recomeçando. Minhas mãos arranhavam a escuridão. Minhas mãos tinham raiva. Súbito, uma vibração elétrica riscou a noite, e dois olhos ficaram parados em minha frente.

E são absurdamente verdes, esses olhos! Desde então, esse momento de espanto é ainda o momento em que vivo. O passado e o futuro descolaram-se de minha consciência como uma gravura se descola do quadro. Em vão tento recomeçar a corrida pela treva pegajosa. Os olhos verdes não deixam. Estão parados em minha frente, desde sempre e para sempre.

E a literatura me alucina. “Uma voz, uma voz para gritar!” A palavra de Poe badala nos meus ouvidos. E eu não grito! Sinto-me rodeado de relógios imperturbáveis, marcando todos o mesmo eterno minuto. E eu não grito! Minuto de aço e de horror. Debato-me e retorço-me. Tenho as mãos banhadas, trêmulas, zig-zagueantes, desenhando ainda (desenhos inúteis) um gesto de libertação. Só a voz não sobe da garganta. Dois olhos que não perdoam estão parados em minha frente.

Sinto que a morte não vem, com passos abafados e mãos abafadoras, e que inutilmente hei de debater-me (todos os relógios gritam: para sempre!) neste poço fundo, profundo! É que sempre me perseguirão dois olhos implacáveis, parados em minha frente, dois olhos que são talvez os meus olhos, meus próprios olhos apavorados!

Depois, deu uma gargalhada e pediu uma xícara de café.

DE FIM DE ANO

Para Todos, 1 dez. 1925

Sinto a meu lado o sorriso irônico duns lábios cansados. Lábios impunemente cansados, por que viestes até aqui? Duvidais? Não devíeis ter vindo. Sorrides com mofa e ironia? Fora melhor que vos fechásseis, ou melhor, que vos abrisseis, entoando o divino canto, o canto embriagado, voluptuoso, do ano que vai nascer! Todos os olhos se voltam para a sua sombra anunciadora. Breve, todos os olhos contemplarão o infante radioso, nu, todo nu, que nos dará a felicidade. A felicidade ou a sua ilusão — o que é tudo a mesma coisa.

Eu também espero, com o saco cheio de desejos — como eles gritam, santo Deus! — e quero ser dos primeiros a pedir-lhe a misericórdia dum sorriso. Bem vindo seja o infante radioso! Ele virá apaziguar a chusma inquieta dos meus desejos. Os endiabrados esperneiam, pulam, brigam no fundo do saco. E lá no fundo — bem no fundo — sinto que está a morrer um desejo humilde, o mais ingênuo de todos: o desejo sem fé de que, lá um dia, eu acredite nas palavras de esperança que estou a escrever, com mão trêmula...

DEPOIS DA ORGIA

Ilustração Brasileira, jun. 1925.

Na taça,
na taça de ouro, desprezada
sobre a mesa,
ficou um resto de vinho.

E na saudade do festim,
há nesse vinho
a saudade da alma de Dionísios.

EU TAMBÉM JÁ FUI POETA

DIÁLOGO EM FRENTE DOS ESPELHOS

Para Todos, 5 ago. 1922.

Eis-me só diante de mim mesmo, interrogando os meus mais íntimos pensamentos e as minhas ânsias mais profundas. Em torno de mim, só há espelhos; grandes espelhos calados, refletindo a minha solidão. Ouço uma voz que pergunta...

— “De onde vieste, meu amigo? Trazes n’alma o cansaço de caminhadas inúteis por caminhos estéreis. Sentiste muito, e, agora, bocejaste muito. Há em ti qualquer coisa de vagamente perdido e angustiosamente procurado. Dir-se-ia que tens saudade do teu ser primitivo...”

— “Ah! Eu vim de não sei onde, por caminhos deslumbrantes, de olhos arregalados para as coisas! Havia pedras por esses caminhos, e farpas e empecilhos cruéis. Eram deslumbrantes, contudo: ardiam na sombra como paraísos intermináveis...”

O tempo envelheceu o meu engano, destruiu a minha exaltação, algemando-me os sentidos. Depois que o vento levou, num instante, as miragens tumultuosas, reconheci a minha pobre alma: estava coberta de pó, e chorava baixinho...”

A amargura desse diálogo sombrio!

— “Andaste tanto! E não trouxeste nada, nada?”

— “Não trouxe nem a minha sombra...”

— “E é desespero ou desânimo, o que sentes agora?”

— “É tédio, tédio infinito, tédio irremediável...”

— “Como tu queres mal à Felicidade! Nem sequer tu sofres, meu amigo...?”

— “Nem sequer eu sofro, meu amigo!”

OS LÁBIOS FECHADOS

Para Todos, 4 ago. 1923.

Uma frase que não acabou...

Parece que comecei a dizer uma frase, parece que ia revelar qualquer coisa... Que coisa era essa, e que frase foi essa?

Minha boca se fechou; pronunciava uma frase, e bruscamente se fechou. Por que se fechou a minha boca? Por que não concluiu essa frase? Em torno a mim, há ouvidos irônicos escutando; e esses ouvidos querem escutar até o fim. E por que desejarão escutar até o fim, se eu nada mais lhes poderei dizer?

Uma frase começou a ser dita... Uma frase somente, uma frase banal. Ou talvez uma frase definitiva, que viria explicar todos os mistérios da terra; e, todavia, os mistérios continuam, e a frase não acabou.

Uma frase que não acabou...

E para que acabar? Deveria acaso ser dita? Qual a frase que eu deveria dizer? Quem sabe se eu deveria calar-me...

Mas, já tenho os lábios abertos, e a fala regressa... Estava dizendo uma frase; interrompi-a, porém, agora, farei outras. Vou dizer as frases vulgares de todo dia... as palavras de todo mundo, poeira anônima do espírito... Ouvidos irônicos me escutam. Que importa que a frase não acabasse? Eu sou como os outros, e tenho os lábios abertos à vulgaridade...

(ENTRE PARÊNTESES)

Para Todos, 4 ago. 1923.

(A estupidez humana é sempre alegre... Nem há, mesmo, nada mais alegre que a estupidez... E isso por uma razão muito simples: os imbecis não envelhecem nunca... Os imbecis não passam jamais dos vinte e quatro ou vinte e cinco anos... Eternamente jovens. E, em consequência, eternamente alegres. Uma felicidade sem amargura enche de riso os lábios que só se abrem para a tolice... E é esse o único riso não corrompido pela tristeza do tempo. Eles riem, os bem-aventurados!, da irremediável inteligência e do incorrigível espírito dos outros homens... E são felizes. Absolutamente felizes. Quando me encontro com um imbecil, tiro-lhe o chapéu. Mesmo que o não conheça. E fico a pensar, melancolicamente, que ele bem poderia fornecer a sua camisa ao coitado daquele rei, aquele pobre reizinho do conto, não se lembram?, que sofria de um mal incurável, etc. e tal... Fecho o parênteses)

QUALQUER COISA...

Para Todos, 8 dez. 1923.

Pobres pensamentos que nunca ninguém pensou, migalhas humildes da sabedoria, anima-se no meu espírito, nestas “orgias silenciosas” que o padre Coignard tanto amava... Sinto-me outro, sinto-me diferente, nesses instantes. Longe das grandes verdades, como dos grandes perigos, bem longe das idéias de todo o mundo, exibidas por todo o mundo... E fico a brincar com esses pobres pensamentos. É um gozo íntimo, despido de malícia e ironia. Enquanto os outros procuram a grande, a luminosa Verdade, aqui estou, em silêncio, no convívio dessas humildes verdades — dessas consoladoras mentiras... E sou feliz, meus irmãos!

*

É preciso extrair do tempo alguns motivos de felicidade. Extrair da cinza das horas uma poeira luminosa, provocadora de encantamentos e beatitudes. Nenhuma hora é perdida... Nenhuma hora se vai inteiramente. Deixando-nos mais velhos, todas nos deixam mais identificados com a vida, e mais irmanados no mesmo sentimento de resignação. Resignados e ainda iludidos — mas felizes...

*

“Meu amor!” Às vezes, esta exclamação brilha em nossos olhos, ao passo que nossos lábios continuam imperativamente fechados... E nem sempre são os nossos lábios que mentem mais... A mentira suprema brilha nos olhos, e desdenha quebrar o silêncio...

LIBERTAÇÃO

Para Todos, 12 jan. 1924.

Eu estava muito triste, aquela noite, e em vão procurava nos últimos incidentes de minha vida a causa secreta da minha tristeza... A causa não aparecia. Achava-me em equilíbrio com todos os seres, e nenhum deles me preocupava nem feria a minha tranqüilidade. Não alimentava nenhum desejo acima do possível, nenhuma esperança vã... E era o mesmo de sempre o sereno ritmo da minha vida interior. Aquela tristeza sem motivo era como um fundo, um misterioso rio de águas turvas, em que eu me afundava... A noite era linda e calma, estranhamente quieta, na minha rua de arrabalde, sem autos nem cinematógrafos. Longe, nascia uma Lua espiritualíssima... E eu estava imensamente triste... Pois que! De nada valia então a demorada, a imensa e dolorosa conquista que eu fizera de minha alma, em dias e dias de luta silenciosa? Achava-me liberto, enfim; liberto de inúteis prejuízos e torturantes cadeias... O meu espírito vagava no alto, luminoso; a terra não me interessava senão como o pouso incerto de alguns instantes... Liberto — mas triste... E a minha tristeza continuava... Toda a minha alma se contraía num espasmo de sofrimento, para além dos limites humanos... E essa tristeza absurda vinha amargar o termo da minha escalada íntima, lembrando que ninguém se liberta da sua partilha de dor... Procurei reagir, lutar, fazer os mil e um gestos do homem que defende a sua felicidade, mas inútil... Sem forças para o combate, entreguei-me aos pensamentos amargos que me envolviam... Senti que as lágrimas borbulhavam nos meus olhos... E dei-me como pasto àquela tristeza anônima, aquela tristeza que não perdoava... Na noite linda, errava uma doçura de resignação.

CONVITE

A Milton de Campos

Ilustração Brasileira, abr. 1924.

Vem comigo, meu amigo.

Vem até a minha casa,
que é pintada de branco,
E ri nos vidros das janelas abertas
e no pequeno jardim
que lhe descansa em frente.

Vem ver a minha casa nova.

Descobre-te, chegando à porta
e olha com bondade
essas paredes limpas.
Ali, é a minha mesa
de trabalho espiritual;
é ali que eu escrevo
os poemas que vou sentindo,
e as minhas cartas de amor.
E sobre essa mesa tranqüila
há um ramo de rosas frescas,
que ainda guardam nas pétalas
o sorriso úmido da manhã.
Os meus poucos livros
na sua beleza nos contemplam.
Olha, aqui é o leito
dos meus sonhos sem cuidado,
e ali, pequena e simples,
a mesa de jantar.

Quando o relógio der as horas,
naquele banco nos sentaremos
para um repasto frugal,
com um pouco de vinho velho
regando uma vianda tenra,
alguns frutos maduros,
e a nossa discreta alegria
de poetas ...

ÉTER

Para Todos, 6 dez. 1924.

Ao ritmo do pêndulo, os segundos encadeados se vão, os minutos ganham asas fugitivas, e as horas passam, serenamente. Sozinho no meu quarto, sinto o silêncio do tempo, mais profundo que o outro (e de tão fundas ressonâncias!) Não me visitam os fantasmas da vida banal, nem os do cérebro, que se quedou vazio de pensamentos. Minha inércia mental é semelhante a um vasto, espraiado círculo branco, dentro do qual as formas se perdem, e as coisas deixam de apresentar um aspecto físico particular. Nenhuma tristeza e nenhuma alegria; por toda parte, dentro e fora do meu ser, a mesma imperturbável serenidade. Olho o relógio; não consigo apreender a hora que marca. E todavia, talvez fosse esta a hora da felicidade! Mas, não a alcançando, ela não bate no meu íntimo. Dir-se-ia que este relógio não mais me conta a eterna história da fuga do tempo. O pêndulo oscila quietamente. Os minutos fogem num vôo invisível, e, contudo, o tempo está parado. Eu estou parado. Tudo está parado. Da água lisa de um grande espelho, em frente, emerge uma cabeça cansada — olho sonolentos, boca entreaberta, numa ruga de resignação. Estranho-a; é tão diversa da minha essa imagem! Não me reconheço. O espírito abstrato, desatenta a máquina dos sentidos, tenho uma vaga noção da existência. Não podendo localizá-la no espaço, que é impreciso, nem limitá-la no tempo, que se estagnou, prefiro vagar, vagar etereamente, através das coisas e de mim mesmo... E se eu flutuasse? Meu farrapo de desejo vem visitar-me; é leve, fino, imponderável. Concentra-se, cristaliza-se, e eu sinto um verdadeiro desejo, um forte desejo de flutuar. Os dedos procuram qualquer coisa... acham-na... um vidro de éter. E, num desvairamento súbito, aspiro o lenço mofado, voluptuosamente o aperto de encontro às narinas sôfregas, cada vez o aperto mais, absorvendo o divino veneno do sonho e da morte. Entra a ressoar um zumbido longínquo de abelhas inexistentes... um zumbido que continua mais, mais... E eu vou pairando, e as coisas se distanciam, num afastamento silencioso.. e é como se tudo estivesse fugindo, e eu me fosse fazendo leve, sutil, imaterial... pássaros que voam sem asas... coisas brancas... e o zumbido longínquo me invade... penetra-me... e eu fico a flutuar... e tudo é como um grande, um infinito sonho de que não se acorda... — Criança!

EU, ESCRITOR...

Ilustração Brasileira, abr. 1925.

Sentei-me ante a larga mesa atulhada de papéis inexpressivos ou mentirosos, com a intenção de escrever qualquer coisa que fosse como um grito de verdade, um raio de luz coado, através das trevas universais (segundo o estilo dos nossos avós discretamente falecidos). Qualquer coisa que traduzisse, não um frívolo e passageiro estado de alma, porém um fulgurante momento da vida, colhido em toda a sua extensão, com olhos implacavelmente objetivos. Havendo disposto em boa ordem a caneta e as tiras, fiz uma incisão no braço esquerdo, e meu sangue esguichou, rútilo, sobre o grande tinteiro de prata. Quando o tinteiro se encheu, mergulhei nele a pena de aço – há gente que escreve ainda com penas de galinha! – e tracei as primeiras palavras do escrito ideal.

O SEMEADOR DE CINZAS, E VINTE OUTRAS PARÁBOLAS

Uma tinta extremamente pálida... E como essa tinta extremamente pálida mal colorisse as palavras que me serviriam de título, lancei fora o grande tinteiro de prata, vaso do sangue imprestável, e pegando de um vidro de tinta azul fixa, comprado numa papelaria qualquer, tracei com mão firme, em uma nova folha de papel, as palavras iniciais:

O SEMEADOR DE CINZAS, E VINTE OUTRAS PARÁBOLAS

Era meio dia. A luz caía reta e insolente sobre todas as coisas, inclusive as mais miseráveis, eu e minha pena de escritor. Essa luz de ouro que me rejuvenescia dez anos (minha alma tem cento e cinqüenta) lambeu a minha testa enrugada, feriu as minhas pupilas inquietas, desceu as minhas faces cavadas, e correndo ao longo do meu terno de casimira – a porção de casimira que me coube na distribuição aos países civilizados, – chegou às minhas botas, essas botas que tão firmemente revelam o desprezo que eu tenho pelas coisas rastejantes, flor ou verme, e tanto me auxiliam a calcar com ódio a face indiferente da terra. Ó santíssimas botas, que esmagais e humilhaiis o que nasceu para ser humilhado e esmagado! Eu vos agradeço e vos amo, e por isso, maliciosamente voz engraxo.

E meus olhos fugiram na esteira dessa luz que se dignara envolver-me num fictício manto imperial. Eis-me tirano de um minuto, cingido de malha de ouro, imenso na minha realeza faiscante! E como quem é rico é

naturalmente cruel, e o poderoso tem necessidade de oprimir, dei um tremendo ponta-pé num vassalo hipotético. Mas, logo após verifiquei que a vítima fora meu pobre gato.

O gato correu, indignado e moído sonhando talvez uns restos de sonho doce em que havia tijelas de leite e pedaços de carne, e vultos luxuriosos de gatas ruivas, voando pelo telhado. Porque, se o meu gato é filósofo, não lê a *Imitação de Cristo*, e sabe por as suas paixões acima de sua filosofia. Plágio felino de Barbey d'Aurevilly.

Regressando sem pena à realidade de minha casemira e de minha condição de escritor em vias de agarrar a verdade pelos cabelos, peguei de novo a caneta e dei combate às idéias. Nenhuma se ofereceu à minha sanha, e por isso nenhuma lutou nem se rendeu. Era dia de sol; com certeza estavam flanando. E eis-me vazio, dolorosamente vazio de idéias, em frente às tiras que me gritam, numa voz branca mas forte: "Anda depressa! Anda depressa!" Tenho vontade de rasgá-las, machucá-las com dedos impiedosos, e depois jogá-las ao vento! Que digo? O vento é um vadio cínico e zombeteiramente devolverá os papéis martirizados. O vento leva, o vento traz: o vento não inspira confiança. Há o recurso da sesta... Não, eu me vingarei sutilmente da pressa com que essas folhas querem ser maculadas: hei de maculá-las com horrível lentidão.

Sentido e pensado isto, fiquei mais calmo. Quero dizer: acendi um cigarro, e depois outro, e depois mais quatro. Sem fumar. Eu, quando trabalho, gosto de ver um cigarro ardendo. Durante esse tempo, subiam da rua até minha sala ruídos descontraídos, pregões e queixas, barulho de máquinas e de pés, rumor da vida que os homens iam vivendo, e que eu tentava fixar numa página curta como se fixa uma borboleta na parede. Mal se distinguia entre eles uma voz de criança, tímida e lamentosa, anunciando bilhetes brancos de loteria. Ouvia-se, porém, com nitidez, um grito de homem, impresso no ar: "Olha os pirulitos americanos!", e esse "olha" era longo e forte, e esses "os pirulitos americanos" eram breves e deslizavam como um bonde sobre os trilhos. Logo depois, berravam buzinas roucas, estrondavam carroças, chiavam apitos. Ai de mim! Desgraçadamente escrevia sobre uma rua central. E para fugir ao barulho, corri à janela, e entreguei-me todo ao monstro de cem mil bocas. Porque eu amo as coisas odiosas.

A rua vibrava. Ia passando um batalhão ao rufo dos tambores. Depois, passou um cortejo fúnebre, e os tambores já não soavam, o que lhe imprimia um cunho de desamparada melancolia. Enterro e batalhão já distantes, voltaram os gritos, as carroças, os pirulitos e os bilhetes.

Não consegui escrever "O semeador de cinzas", e provavelmente não o escreverei nunca. Mas escrevi esta página que aí fica, mortal como eu, e

tão do meu sangue e da minha argila que a prezo muito mais do que a todos os escritos divinos.

NOITE DE SEDA E JÓIAS

Ilustração Brasileira, jun. 1925.

Na noite de seda,
as estrelas são carbúnculos,
são carbúnculos joiando a seda,
e, de longe,
consolando meus olhos fatigados.

Fecho os olhos, e vejo
as estrelas luzindo dentro em mim ...

SÃO SETE HORAS DA NOITE

Para Todos, 23 jan. 1926.

Nossa alma continuou bem simples, entre tantas coisas complicadas. Se o rosto mudou foi por uma ingênua dissimulação. Somos ainda puros, ainda românticos; e acreditamos em seres que não existem; e sofremos por uma flor machucada; e sorrimos sem ironia às criaturas que nos rodeiam.

É tão difícil envelhecer com experiência! Antes cair todos os dias nas mesmas ciladas infantis, dar fé a todas as mentiras e duvidar, sorrindo, das coisas feias. (Eu, por exemplo, não acredito nos assassinatos...)

Indulgência não se aprende, é verdade. Mas é também verdade que o coração se educa, e, para um coração bem educado, não há homens intoleráveis nem perigosos.

Ainda bem que nossa alma compreendeu isso! Ainda bem que, no campo ilimitado das ilusões, escolhemos as mais generosas! Nossa felicidade é leve, porém não se esvai. Somos felizes porque emprestamos felicidade a tudo. É discreta nossa alegria; estou quase a dizer que é melancólica. As grandes alegrias são tão caras, e fazem tanto barulho! Acende a lâmpada e abre um livros de versos; mas que seja passadista...

Quantas Anedotas Interiores...

Ilustração Brasileira, mar. 1926.

Por que foi
Que, muitas vezes, nossas mãos levantadas
caíram molemente, lentamente,
sem forças para nova tentativa,
e a palavra que nossa boca murmurava
não se repetiu?

Por que foi
que muitas de nossas palavras (as melhores !) saíram
[abafadas
do fundo da garganta,
ou, já nos lábios, se transformaram,
em palavras banais?

E por que nos detivemos na rua, bruscamente,
quando a emoção nos levava
e o desejo nos impelia
para uma entrevista de amor?

Porque, um dia, ficamos tristes na maior alegria,
e balançamos a cabeça: não - a uma voz carinhosa?

E, por que, muitas vezes, saímos pela noite,
saímos sem destino,
pensando sombras de pensamentos,
com os olhos, imotos, perdidos?

Por que, um dia, ficamos a manhã inteira no leito,
vazios de tudo, sem esperança?

E uma vez que fomos ao campo,
e a noite nos envolveu, sobre uma pedra,
entre musgos, ervas rasteiras
e o traço vago duma serpente?

E, uma vez, à beira do rio,
em que a correnteza nos chamou?

Ah! Quantas melancolias,
quantas beatitudes ignoradas,
quantos desmoronamentos...
Quanta coisa que nós nem mesmo sentimos,
e encheu de rugas a nossa máscara!

A BELEZA DA VIDA NA ALEGRIA DA MANHÃ

Para Todos, 8 mai. 1926.

Eu corria sobre a areia com os pés nus,
a areia faiscava.
Na claridade da manhã
as árvores eram mais verdes e felizes
E eu corria sobre a areia com os pés nus.

Penetrava-me as veias a beleza da vida.
O sol ria no alto.
Dentro e fora de mim
floriam ritmos desconhecidos.
Penetrava-me as veias a beleza da vida.

Era como se eu nascesse naquele dia.
A luz embriagava-me.
Tudo parecia novo
e feito pelas mãos dum deus risonho.
Era como se eu nascesse naquele dia...

POEMA DO VENTO NOTURNO

Para Todos, 13 out. 1923.

Ouço o vento cantando lá fora, no jardim... Estou só, no quarto fechado. Sinto frio. E sinto ainda que o luar está escorrendo lá fora, está escorrendo como um vinho maravilhoso, sob a folhagem...

O vento murmura canções confusas e dolorosas. Agora, escuto o rumor de galhos que se vergam, e logo um infinito lamento chega até o quarto fechado. É o choro do vento... E sob o luar, o vento começa uma dança aérea, fina, indecisa e muito trêmula...

Pobres das rosas do meu jardim! Pobres das rosas que se desfolham, que nunca mais sentirão a carícia úmida do luar, as rosas que tuas mãos não virão colher, e que o vento vai desfolhando...

E não se cala a voz do vento. É uma voz noturna e longa, estranhíssima. Voz de muito longe, que parece haver demorado muitos anos a chegar, e tem uma sonoridade misteriosa...

Sinto-a que se confunde com o soluço das fontes bêbedas de luar... Vai quebrando o encantamento do jardim, onde fadas e espíritos leves ondularam há pouco...

Dir-se-ia que o vento murmura canções de desejo... Uma volúpia fina irritou a sonolência das rosas. Aqui dentro, também os meus sentidos acordam. Sinto frio. Estou só, no quarto fechado. Fazem-me companhia o teu retrato... Só os teus retratos, para o meu desejo! Dir-se-ia que o vento murmura canções de saudade... Passa no vento a amargura das alegrias que bruscamente murcharam, e das mãos que se sentiram geladas. Circula pelas alamedas uma ronda de espectros... Rumor de taças que se partiram — mas, onde?, ruído de passos nas escadarias — mas, quando?

(Tudo se foi, tudo morreu a morte breve das rosas! Que ficou em minhas mãos? Nem a sombra das tuas mãos! Que ficou em meus olhos? Nem a sombra dos teus olhos!)

Anda um gosto de cinza na minha boca... E o vento murmura canções de arrependimento... e o luar escorre, e o bem n'ó sinto! escorre como um vinho maravilhoso, sobre a folhagem...

EPIGRAMA PARA EMILIO MOURA

Para Todos, 14 maio 1927.

Tristeza de ver a tarde cair
como cai uma folha.
(No Brasil não há outono
mas as folhas caem).

Tristeza de comprar um beijo
como quem compra um jornal¹.
Os que amam sem amor
não terão o reino dos céus.

Tristeza de saber um segredo²
que todos sabem
e não contar a ninguém
(que este mundo não presta)³.

¹ Em AP. "como quem compra jornal".

² Em AP. "Tristeza de guardar um segredo".

³ EM AP. "(que esta vida não presta)".

FAMÍLIA
A João Alphonsus⁴

Para Todos, 21 maio 1927.

Três meninos e duas meninas,
sendo uma ainda de colo.
A cozinheira preta, a copeira mulata,
o papagaio, o gato, o cachorro,
as galinhas gordas no palmo de horta
e a mulher que trata de tudo.

A espreguiçadeira, a cama, a gangorra,
o cigarro, a reza,⁵
a goiabada na sobremesa de domingo,
o palito nos dentes contentes,
o gramofone rouco toda noite...⁶
e a mulher que trata de tudo.

O agiota, o leiteiro, o turco,
o médico uma vez por mês,
o bilhete todas as semanas
branco! mas a esperança sempre verde.
A mulher que trata de tudo
e a felicidade.

⁴ Sem dedicatória em AP.

⁵ Em AP, "o cigarro, o trabalho, a reza"

⁶ Sem as reticências em AP.

DENTRO DO BAÚ

Para Todos, 23 jul. 1927.

Só agora enxergo direito na minha infância, pedaço de mim que se afastou sem ruído e volta hoje manhosamente. Fui menino calado, triste e fraquinho. Não sabia brincar. Só mais tarde aprendi, mas já era tarde! e pus a meninice no meus versos. "Ó que saudade que tenho da aurora da minha vida!" Tenho saudades mesmo? Tenho; e da boa; dessa que não dói nem machuca o sujeito, é leve que nem paina, e faz cócegas na gente. Chorei tanto, meu Deus! Porque imaginava histórias terríveis, sombras, caranguejos, onças, espreitando a hora em que eu dormisse pra me dar um bote, me estraçalhar. "Tá vendo, menino? Castigo da má-criação!" Fui malcriado? Fui menino nervoso, triste, metido comigo mesmo, literário, isso sim. A história de Robinson Crusó me comoveu tanto! Chorei em cima das catitas coloridas d'*O Tico-Tico*. Queria ser ao menos Sexta-Feira pra ter um pedaço nas aventuras daquele homem admirável. E as aventuras enfileiradas na minha frente, essas eu repelia. Meu irmão me chamava sorrateiro pra furto de jabuticaba na horta de D. Elisaria. Não ia. Não era medo, não era virtude: era o diabo da literatura. Acreditava mais nas histórias lidas do que vividas. E *O Tico-Tico* tinha pra mim uma voz mais doce que a da preta que me criou. O cachimbo da preta! Ela tinha um coração tão grande, tão grande, que um dia arrebentou de tanto ser grande. O corpinho preto esticado no chão, entre soluços escuros e ladainhas resmungadas, no corredor que não acabava mais — que susto, meu Deus, que vontade de chorar até morrer porque a vida era triste e esse mundo não prestava e Deus deixou que a velha morresse! As namoradas que eu tinha eram moças feitas, que caminhavam pro casamento ou já tinham passado por ele de largo. Delas eu gostava. E também de bonecas. Só que tinha vergonha de gostar e ficava espiando com um olho assim as bonecas importantíssimas de minha irmã, gente séria, comportada, que não enfiava o dedo no nariz nem tirava bicho de pé na vista dos outros, como fez minha prima Vituca, um dia que foi passear lá em casa, que horror! Bonecas, livros, janelas cerradas. Vi o sol no grupo escolar. Recreio. Mas não tinha muque pra fazer bonito na barra e detestava a ginástica. Primeiro aluno do grupo, e tão bem comportado! Preguiça de ser moleque, com muita vontade de pular e fazer besteira ardendo dentro de mim sem se descobrir. Quietamente num canto, ruminava piratas do Arquipélago com bigodes de Julio Verne, caubóis furando a tripa de jagunços da Bahia com pistolas deste tamanho, jacarés disfarçados em crocodilos comendo carne hindu na beira do Ganges. Confusão, sensação, pulo, outro cenário: o colégio. A meninice ficou lá longe no baú do quarto dos fundos do casarão colonial, a vida foi clareando, clareando, uma luz chata espirrou sobre as minhas

queixas, covardias e sustos. O menino deu um mergulho calado e não voltou mais... Pois hoje me bateu uma bruta saudade desse menino impossível desaparecido no baú.

AS CASAS ESPIAM OS HOMENS

POR UMA RUA DESERTA...

Para Todos, 23 dez. 1922.

A luz das lâmpadas, por uma rua deserta... Já viste a doçura, a serenidade espiritual que tem a luz das lâmpadas, por uma rua deserta?

Noite alta. Caiu uma chuva fina e constante, que deixou as pedras molhadas e reluzentes. Uma claridade pálida desceu, como um véu, sobre as pedras silenciosas. Todos os rumores adormeceram. Ninguém passa, e as casas e as árvores parecem dormir de pé...

Então, a luz das lâmpadas tem uma resignada melancolia... Brilha quietamente. Brilha inutilmente. As lâmpadas abrem, entre o céu longínquo e o céu deserto, uma fieira de pontos amarelos...

Madrugada. Faz frio. Na rua deserta, a luz das lâmpadas parece — não é verdade que parece? — uma pobre alma indecisa e sofredora...

MUSEU

Ilustração Brasileira, dez. 1922.

Eu tenho um pequeno museu, divertido e complicado, onde vou guardando coisas deliciosas e incríveis, recordações, futilidades ... Dormem lá, por exemplo, cartas amorosas de rompimento, duas presas de viado, violetas murchas, cinco anéis de cabelos louros, quatro de cabelos pretos, um chocalho de cascavel, um leque, muitos retratos, penas de pavão, um autógrafo de José Bonifácio, selos do Egito...

E não é tudo. Há também uma unha de chinês, fina e amarela como uma chama de fósforo, duas porcelanas duvidosamente chinesas, um boneco de molas, um porta seios, moedas do Império...

Mas, estou a fazer-lhes um relatório!

Para as pessoas que vivem pouco intensamente, isto é, para os que se colocaram à margem, não há nada como um desses minúsculos museus, que alegam e consolam ... Quanta coisa não guardam eles! E o que lembram, o que exumam! Vêm-nos à memória vozes distantes de mulheres, atrapalhações sentimentais, viagens, aventuras ... Uma liga de mulher dá sempre saudades ... saudades de uma perna e de uma mulher inteira, com as duas pernas. E a gente lembra aqueles seios velados para todo mundo, e em que nós saciamos a nossa volúpia ... E aqueles cabelos em que uma bendita tesoura cortou os fios de ouro ou de treva ... Uma cobra na estrada, um leque perdido no camarote, flores que uns dedos finos souberam colher... E até as moedas, até o autógrafo revivem alguma coisa, alguma figura...

Não há nada como um pequeno museu da vida, nada, nem mesmo a vida!

AO LONGO DAS RUAS ERMAS...

A Ronald de Carvalho

Para Todos, 24 mar. 1923.

Velhos e altos portões de ferro, fechando jardins melancólicos de convento, velho e altos portões, entre muros vestidos de heras e trepadeiras...

O que vós encerrais, piedosamente, silenciosamente, e o que vós escondeis, severamente, piedosamente!

Velhos portões de ferro...

Quantos desejam transpor-vos, para colher à beira de algum lago a flor pálida de suas insônias, ou para apertar nas suas, as mãos inacessivelmente brancas de um criatura triste...

Altos portões de ferro!

No desenho de vossas grades há círculos, há curvas que se emaranham, simbolizando perdidos anseios e fanadas esperanças...

A campainha que do alto vos pende, tem um som agudo, metálico, vibrante, como a despertar a indolência romântica de vossos sonhos...

Altos e velhos portões, sois como guardas envelhecidos que adormeceram para sempre...

Ao ranger surdo de vossos gonzos, revolve uma procissão lenta de velhos fantasmas, ensaiando vagamente gestos de tristeza calma...

E o luar projeta para além do meio-fio, a sombra alongada e confusa de vossas grades, com doçura, com infinita doçura...

Velhos e altos portões, altos e velhos portões dos jardins conventuais!...

(“TEIA DE ARANHA”)

MÁSCARAS DA ALEGRIA E DA TRISTEZA

Para Todos, 8 nov. 1924

Alegria! Alegria! Sonhando contigo, sinto-me triste. Penso que nunca serás minha, que nunca te possuirei — como se fosses minha mulher... A mulher amada jamais nos pertencerá (a vida tem desses lugares-comuns). Assim és tu, alegria, deusa feliz, sombra esquiva que me entontece para depois entristecer-me. E dizer-se que de há muito te procuro ao longo dos caminhos vazios, vendo-te faiscar num raio de sol e palpitar numa bolha de espuma. Alegria! Será que inutilmente viverei a desejar-te para o meu destino? Alegria, será que não existes senão para o encantamento dos outros homens e o anseio irremediável do meu coração? Sonhando contigo, sinto-me triste, ó alegria, alegria...

Como é divertida a minha tristeza, que cheia de risos é a minha tristeza louca! Ela casquina gargalhadas nervosas na solitude do quarto abandonado. E neste quarto, de onde a amante derradeira se foi, a minha tristeza tem a graça de uma caveira tristonha — pois não tem? Percorre-me todo um arrepio de felino prazer: ouço-lhe o passo leve, sinto-me tocado por suas garras de seda. O arrepio de uma dolorosa voluptuosidade, que vai florescendo nos meus sentidos... Ah! Ah! Ah! Ah! A minha deliciosa tristeza! Mas, que é isto? Não é que eu estou a chorar?

VEÍCULO N° 1
A Oswald de Andrade

Para Todos, 9 mai. 1925.

Um caixote de cerveja Antártica, sem tampa. Num dos ângulos, há um prego enferrujado, e nesse prego está enrolado um barbante que o dono do armazém forneceu. Um menino de dois anos, vestido de camisola, está sentado no caixote, que funciona como carrinho. Outro menino, já de calças, puxa o barbante e corre. O caixote vai aos trambolhões, pela rua cheia de cascas de laranja, brinquedos nacionalistas.

O VULTO PENSATIVO DAS SECRETÁRIAS

Para Todos, 7 nov. 1925.

Secretárias de Estado, ao luar!
Sois humanas...

Pareceis meditar
nos graves destinos da Pátria.

(Os guardas rondam com sono ao longe das
secretárias).

Dentro de vós, a esta hora noturna,
dormem os papéis burocráticos nas prateleiras,
os tinteiros e canetas sobre as mesas,
os tapetes no chão humilde
e os grandes retratos humorísticos na parede.

(As secretárias estão cansadas de trabalhar).

Retratos de ministros com bigodes brancos,
chefes de seção, de beneméritos da Pátria.

Secretárias de Estado, ao luar!
meditando solitariamente
coisas de alta metafísica.

(Doce metafísica das secretárias...)

VIOLETAS DE PARMA

Para Todos, 21 mar. 1925.

Alguém me mandou um ramo de violetas. Disfarçado entre as folhas, vinha um cartão: "Que estas violetas de Parma distraiam o seu isolamento". Esqueci o ramo, e fiquei a pensar no milagre deste nome: violetas de Parma.

E mais o pronunciava e mais o queria. Decerto, era um nome feliz. Se me proporcionava felicidade, é porque era feliz. Achei nas violetas de Parma um destino claro e contente. Um destino que pertence essencialmente ao nome, e ocasionalmente às flores que levam esse nome. Violetas de Parma! Pois não lhes dá a sensação de felicidade?

E fiquei murmurando: "Violetas de Parma... Parma. Par-ma." Eu detesto as violetas, como em geral todas as flores envergonhadas. Estas que acabo de receber não podiam fugir ao meu desamor. Vou jogá-las fora assim como vieram, atadas num ramo frágil e fino. Que me importa o seu perfume? É também um perfume envergonhado. Só me interessa o lindo nome que elas possuem. São violetas de Parma. De Parma. Violetas de Parma.

Tanto murmurei esse nome que ele perdeu a significação. Tornei a repeti-lo carinhosamente, e foi inútil. Fiz um esforço mental, redobrei de atenção e consciência. Em vão. Já não havia encanto para mim nas violetas de Parma.

Como um recurso extremo, voltei ao ramo abandonado. Pus-me a analisar sem simpatia as flores humildes. Apertei uma entre o dedos — a maior — com uma lentidão cheia de força. Depois, jogando ao solo o minúsculo cadáver, ergui a mão, e senti que um perfume se colara aos meus dedos. Aspirei-o, ainda sem simpatia, sem o desejo do milagre, que faz o milagre. Aquela violeta cheirava como todas as violetas... Era banal. Não podia ser de Parma. Não era de Parma.

Deixei a sala, desanimado. Intencionalmente, fugi do jardim, que devia estar cheio de violetas e outras vulgaridades. Andei pela casa inteira, de mãos nos bolsos. Repeli um cigarro. E já exausto, caindo numa poltrona, abri um livro. O alto da página dizia:

Sobre a sua mesa simples havia um retrato de mulher de tons apagados pelo tempo. Os olhos dessa mulher pareciam de água. Ao lado do retrato, um ramo de violetas de Parma...

E senti, novamente senti a felicidade daquele nome. Violetas de Parma! Era mais do que tudo, era um minuto de prazer. Esqueci as flores humildes, e fiquei, como um beneditino sensual, a sentir o gozo físico daquele nome.

E só mais tarde eu compreendi que nós somos escravos das palavras, e que as palavras são uma segunda criação.

CROMO

Para Todos, 5 dez. 1925

Há um gosto de coisas boas nesta noite que não acaba.
Gosto de frutas que não chegaram a amadurecer para os dentes ávidos,
gosto de comidas picantes preparadas por mulheres da Bahia,
gosto que me machuca e me exaspera.

Esta janela aberta emoldura todo o Brasil:
a linha do pomar, sob o céu, recortada e caprichosa,
a linha do quintal, rasteira e bonacheirona,
e a linha do curral, de onde furam a noite os bois esculpido e vermelhos.

Longe, atrás da serra invencível e imperturbável,
eu sinto que a cidade vive!
Sinto que ela sobe nos morros, contorna os rios, envereda pelos caminhos
e corre para o mar.

NOS CAMINHOS DA SERRA

Para Todos, 3 abr. 1926.

CAVALO MORTO

Enlaçado entre os cipós da margem do pântano, debate-se o belo animal, o grande e nobre animal de crinas brancas.

O cavaleiro abandonou-o na hora do perigo, e ele aí ficou, tentando em vão romper as lianas implacáveis.

E mais se debate e mais avança, inconsciente, cego, desesperado — prás margens movediças.

O pântano é um verde lençol de ciladas escondendo vibriões famintos e lamacentos.

O grande, o nobre animal de porte legendário debate-se inutilmente, sobre a terra que foge, entre os cipós que o apertam num louco abraço.

E afunda-se, e lentamente se afunda, branco e desesperado, impotente, exausto, no verde lençol de águas paradas e folhas ásperas.

As margens distanciam-se; o céu é uma longínqua miragem; a imobilidade do pântano desfaz-se em círculos crespos; o cavalo desaparece... desaparece...

Morre o branco animal de crinas vitoriosas.

CARRO DE BOI

O chiar de carro de boi é a única melodia no desânimo verde da paisagem. Nem córregos, nem passarinhos, nem nada...

Os bois avançam pesados, e nítidos sobre a terra chata, onde a insídia molenga dos carrapatos espreita os pés incautos e descalços. A única melodia é o chiar das rodas rodando...

Desamparo do sol poderoso lá em cima, inerte, luzindo: nem uma sombra! O mato ralo *espia* no mormaço. O carreiro lustroso de suor crava a guiada implacável no boi desanimado. E grita. E o grito se perde na melodia monótona — nheeeem... — das rodas que avançam. Que avançam dolorosamente.

A única melodia da terra...

VIVER

Minha alma espreita ao canto dos olhos; minha alma agita-se ao fundo da garganta. Mas nem os olhos a denunciam os lábios nem os lábios a revelam. Vou atravessando a vida com a serenidade ridícula dos fantoches, sem tristeza nem ódio, sem amargura nem êxtase. Às vezes minha alma tenta debruçar-se nos olhos, mas recua; tenta subir à garganta mas detém-se. E nem lanço ao mundo o olhar de ternura e perdão, nem pronuncio a palavra de bondade. Os homens passam por mim e eu passo pelos homens. O olhar que trocamos é frio, como vaga é a saudação que balbuciamos. Às vezes qualquer coisa vai perturbar-me: qualquer coisa vai subir-me aos lábios e aos olhos, mas os olhos se fecham e os lábios disfarçam...

E nem me alegro e nem me entorneço: a boca não sorri e os olhos não choram. Assim eu vou passando pela vida. Súbito uma mulher roça por mim. Sinto cá dentro uma palavra subindo: talvez uma palavra de amor... A mulher se distancia sem que nada perturbe a minha máscara. Mas dentro de mim, a alma chora em silêncio...

E há quem me chame de futurista!

BIBLIOTECA

Para Todos, 10 abr. 1926.

Biblioteca de professor pobre,
com tratados de ciência na estante humilde,
gramáticas, antologias e compêndios
que a poeira cobre
e livros de aritmética, cheios de números vãos.

Livros em que as traças vagueiam silenciosamente,
roendo ironicamente
monumentos de confusa sabedoria.

Que alegria
para os óculos pretos que vos contemplam!

Biblioteca onde uma lâmpada acesa
amarelece as vigílias de estudo
e derrama
sobre as barbas do sábio uma suave tristeza
feita de veludo.

Biblioteca da poeira e do silêncio...

UMA LÂMPADA BRILHA...

Ilustração Brasileira, abr. 1926.

Uma lâmpada brilha, como um olho triste, na rua pobre.
Destinos humildes!
Destino de lâmpada solitária,
A um canto de rua, entre árvores cansadas
E pedras sonolentas.

Pelos muros onde não tem cartazes,
Tapeçarias de aranhas pacientes
Ornam velhos desenhos
De corações acorrentados.

Um homem que passa, dentro dum capote
(faz frio, na noite lenta)
olha a rua e murmura:
- É curioso ...
Aquela casa como envelheceu!

(A casa onde morava Carolina.)

E a lâmpada olha tudo, indiferente.

Ah! O abandono desta lâmpada!
O abandono deste olho imoto, amarelo,
Brilhando sem desejo,
Sozinho,
No alto do poste fino e lírico!

ENTERRO NA RUA POBRE

Para Todos, 8 mai. 1926.

Morreu a senhora do construtor, naquela casa ali em frente, de duas janelas e alpendre modesto, onde sobem trepadeiras. Morreu ontem. E hoje pela manhã, antes de se completarem 24 horas, foi o enterro. Os autos vieram chegando um a um, despejando homens de preto, alguns sérios, outros despreocupados ou aborrecidos, e entre eles um que ria contando ao companheiro uma história picante. Crianças enchiam a rua. Nas casas próximas mulheres se debruçavam à janela, para ver melhor. Às vezes o roxo duma coroa invadia o alpendre, e era como uma idéia fugitiva de morte no ruído de festa em que se ultimavam os preparativos. Lá fora os autos manobravam tomando posição, para alegria dos garotos, que se enterneciam com a simples proximidade dos pneumáticos. Dentro, passos cortavam a casa em todas as direções, vozes roucas davam ordens, ninguém se entendia, e o calor sufocava tudo. Na sala de visitas de onde haviam fugido o sofá e as cadeiras, estava o corpo, rodeado pelos íntimos, e mesmo aí, ao clarão vacilante das velas de cera, havia um rumor de festa. Pelos cantos, abraços cautelosos exprimiam pesar e derramavam conforto, entre cochichos de "meus sinceros pêsames", "a que hora sai o enterro?", "onde está o viúvo?", "o carro é de 1ª classe?", "os cunhados parece que não sofreram muito" etc. etc. Mas a hora avançava, e quando vieram retirar o cadáver, um choro imenso, cortado de soluços, desabou sobre a muralha da eça, e braços nus amarrotavam lenços, mulheres se lamentaram, tudo pareceu rolar um instante numa enorme desordem, enquanto que crianças, espantadas mas divertidas, saboreavam o espetáculo. A um canto, um senhor chupado e verde esfregou a mão na gola do paletó; não era uma lágrima; era um pingo de cera.

O viúvo surgiu amparado por dois amigos, um gordo, de bigodes, ar de italiano, e outro já velho, de barba suja, que dizia a cada momento: "Coragem, Paschoal..." Abriam caminho para que ele avançasse; mas não avançou. Parou indeciso na entrada da sala, cabelo revoltado, olhos esgazeados, barba de três dias, roupa de casimira já usada, sem colarinho nem gravata. Dizia-se que havia 10 noites não pregava olho. Alguém chegou-se a ele para dar-lhe pêsames e observá-lo melhor. O viúvo não correspondeu ao seu abraço. Tinha a boca aberta numa atitude de estupidez. Fechado o caixão entre gritos, lágrimas e sinais impacientes (os automóveis cobravam tarifas exorbitantes), uma rapariga loura tombou sobre o vizinho, num desmaio. Correram para os fundos, à procura dum vidro de sais que não foi encontrado (apesar de estar à vista de todos). Depositaram o frágil corpo na sala de jantar. O caixão já transpunha o alpendre. Este era estreito como um corredor, e foi preciso fazer prodígios de habilidade para que o caixão não se despencasse sobre o ladrilho. "Estas trepadeiras não terão espinhos?", indagou um

senhor cauteloso e calvo. Os autos começaram a mover-se; eram treze. Um homem que os contou a dedo despediu o seu carro, pagando o motorista, e aproveitou a condução dum amigo; esse homem era o da anedota pornográfica. O viúvo foi transportado a uma *limousine*, no mesmo desleixo de antes e com o mesmo ar de burrice desolada. Antes de subir olhou longamente o coche, e desatou os lábios numa exclamação: “Pobre Mariquinhas! Trinta e cinco anos! Era tão boa, tão econômica...” O cocheiro ergueu bem alto o fino chicote, e fustigou as parelhas. O préstito começou a rolar vagaroso, num ritmo bocejante, pela rua mal calçada. A manhã fina, sem rugas, era dum azul indiferente. Cinco minutos depois, o silêncio da rua abraçava em arco o silêncio do céu.

FANTASIA⁷

Para Todos, Rio de Janeiro, 15 jan. 1927.

No azul do céu de metileno
a lua irônica
diurética
compõe uma gravura de sala de jantar.

Anjos da guarda em expedição noturna
velam sonos púberes
espantando mosquitos
dos cortinados e grinaldas.

Pela escada em espiral
diz — que tem virgens tresmalhadas,
incorporadas à via-láctea,
vagalumeando...

Por uma frincha
o diabo espreita com o olho torto.

Diabo tem uma luneta
que varre léguas de sete léguas.
E tem o ouvido fino
que nem um violino⁸.

Que silêncio honesto no paraíso!
Que barulho lá embaixo!⁹

S. Pedro dorme
e o relógio do céu ronca mecânico.
O diabo espreita por uma frincha.

⁷ Em AP, "Casamento do Céu e do Inferno".

⁸ Em AP, "que nem violino".

⁹ Não há este dístico em AP.

Lá embaixo
suspiram bocas machucadas
Suspiram rezas? Suspiram manso,
de amor.

E os corpos enrolados
ficam mais enrolados ainda
e a carne penetra na carne.

Que a vontade de Deus se cumpra!
Tirante dois ou três¹⁰,
e o resto vai para o inferno¹¹.

¹⁰ Em AP, "Tirante Laura e talvez Beatriz"

¹¹ Em AP, "o resto vai para o inferno".

SONHO DE UM DIA DE CALOR

Para Todos, 30 jul. 1927.

O bonde Arrudas ia cheio de gente. Era na hora de sol intenso em que a sombra das casas parece que se encolhe sobre si mesma, e todos os volumes aparecem nítidos sob a luz implacável. Muito calor. Todos os passageiros se queixavam disso, e os rostos suados eram uma documentação viva das palavras de queixa. Mas felizmente o bonde embicou por aquele trecho delicioso do bairro do Quartel, bem perto do Matadouro, em que dois renques paralelos de bambuais distribuem sombra e frescura aos transeuntes.

Aí o motorneiro diminuiu um pouco a velocidade, como para refrigerar-se.

O condutor, aprovando-o, desabotoou o dólma azul marinho, de casimira pesadona. Os passageiros também puseram-se à vontade. Uns tiraram o chapéu, outros as botinas. Um senhor respeitável retirou o paletó de alpaca, dobrou-o em dois, e jogou-o no Arrudas.

Esse gesto insensato provocou aplausos gerais. "Muito bem! Muito bem!", gritaram em coro cavalheiros de todas as cores. Então o senhor respeitável, ou antes, que parecia respeitável, cada vez mais animado, subiu ao teto do bonde e começou a dançar um "charleston" maluco. "Muitíssimo bem! Bem-íssimo!", tonitrou o coro possesso. Ninguém se entendia mais. Um menino gordo e de bigodes inexplicáveis deu um pulo do caradura e foi cair nos braços de uma gorda matrona de sexo inseguro, que o recebeu ternamente com beijocas. "Olha um salame voando, vovó!", exclamou o gordinho. "Cala a boca, Jujuba, não é salame não, é um urubu", respondeu a boa velha com uma voz de barítono barato.

— Não é.

— É.

— Vamos tirar a sorte. É urubu ou salame?

(Vozes discordantes de passageiros).

O dançarino da capota do bonde, para resolver a contenda, contou de 1 até 3, depois de 15 a 24, benzeu-se com a mão sinistra, sacudiu o queixo murmurando: "Impossível".

Nisto uma chuva copiosa começou a cair transversalmente, e um camelô também presente começou a anunciar a melhor marca de guarda-chuvas. "São estrangeiros ou nacionais?", interrogou o gramático todo molhado. "Depende", foi a resposta. "A mão de obra é estrangeira, porém o material é nacional". "Ah, então são guarda-chuvas homófonos". "Não admito que o senhor insulte os meus guarda-chuvas", respondeu o outro indignado. "Não precisa comprar, mas tem que levar na cabeça", e quebrou um na dita.

O cavalheiro do "charleston", cada vez mais excitado, percebeu que lhe estavam nascendo asas nas costas. "Viva o Sarmento da Beira!", garganteou a multidão entusiasmada. Ovationado, o cidadão librou-se no espaço. Voou. Revoou. Ondulou. Looping-the — Loopingou. Sacadurou. Depinedou. Francou. E rebentou:

— Pum!

Nisto vinha chegando o crepúsculo de sobrecasaca, mancando.

"Estes futuristas são umas bestas!", falou o motorneiro pro condutor. "É verdade", concordou o outro. "Toca o bonde". O outro tocou o bonde.

FIOS NERVOS

RISCOS FAÍSCAS

NA SOMBRA

Para Todos, 21 jan. 1922.

O desequilíbrio da balança humana tem o mérito de valorizar a vida, enchendo-a de situações humorísticas...

A virtude é, quando muito, inútil. O vício é, pelo menos, agradável. Conclui disto o que quiseres.

Sê bom sem intenção: é esta a verdadeira bondade. A outra, a que visa abafar um sofrimento, absolver uma falta, ou atingir um fim qualquer, é uma bondade grosseira e rudimentar. Em nenhum ato se deve guardar tanto pudor como no da caridade. Quando atirares uma esmola a um mendigo, considera que, no fundo, ela é absolutamente inútil, senão daninha aos interesses do coitado. Não tenhas, pois, a mentirosa ilusão de que lhe permitiste gozar um momento de felicidade...

Cala-te. O mistério da vida é infinito. Escuta. O rumor do mistério é infinito.

Os cães têm as más qualidades dos homens, e estes as más qualidades dos cães.

"Gozar um momento de felicidade"... Por que não se diz antes: "Sofrer um momento de felicidade"?...

Só se vivem com plenitude os primeiros e os últimos dias da vida; quero dizer com isto que o verdadeiro homem reside na criança e no velho. Aquela desperta para o mundo e as grandes revelações; este adormece para o mundo com a alma cheia de eternas revelações... E que coisa é viver, senão sentir a vida revelar-se em torno a nós? Ai do homem forte, que deixou o berço e ainda não tem cabelos brancos: é um iludido, um enganado!

Odiar talvez seja ainda uma forma corrompida de amar. É o coração que procura expandir-se e não encontra uma vazante para a sua ternura. Então, num último esforço, expande as reservas da sua cólera.

O maior horror é aquele que experimentamos por nós mesmos...

É preciso ter uma idéia da Beleza! Falsa ou limitada, que importa? A Beleza quer ser amada, compreendida — ao menos conhecida. Ignorá-la constitui maior crime do que odiá-la.

Faze do teu sonho a tua única realidade.

Ó deuses! Fazei com que Deus experimente um pouco de piedade pela sorte dos homens!

Às vezes, o sim é a última das negativas...

Quero crer que a mulher esteja em pé de absoluta igualdade mental com o homem; isto não impede que nós, os homens, prefiramos sempre na mulher as atitudes de maior estupidez. E que deliciosas atitudes, minhas senhoras!

A felicidade talvez seja um mau destino. A desgraça pode bem estar no prazer. Tudo pode ser. Mas, felizmente, ninguém se convence disto...

— “E depois? E depois?”

— “A comédia continua...”

VAIS PASSANDO? ESCUTA...

Para Todos, 4 fev. 1922.

Uma grande alegria vem sempre com laivos de tristeza... Só a tristeza é absolutamente alegre.

Parte das palavras que a gente diz foge para o céu como fumo... A outra parte desce para a terra, como a sombra... E é assim que o equilíbrio da vida se perpetua...

A vida está cheia de silêncio, o silêncio está cheio de rumores...

A ilusão é um *cocktail* de venenos...

Vejo, no céu as estrelas calmas, risonhas e felizes... E vejo as luzes elétricas da cidade, lâmpadas que brilham muito mais que as estrelas... Seria tão melhor que o nosso desejo e a nossa esperança não fossem além das lâmpadas da terra...

A vida vertiginosa dos contemplativos...

— “A verdade está a dormir, toda nua, no fundo do poço... E se nos atirássemos ao poço?...”

— Seria um suicídio deselegante...”

É preciso viver, viver intensamente, correndo o risco de ser atropelado pela vida...

Todos nós somos fósforos: ardemos, numa chama rápida...

Na era da felicidade universal, o tédio será talvez o único sentimento suportável...

NA SOMBRA

Para Todos, 14 jan. 1922.

Desconfia do muito sábio e do muito ignorante. Do primeiro porque, na sua grande sabedoria, dispõe de infinitos recursos com que te esmague; do segundo porque, na sua grande ignorância, há de pedir aos instintos os meios de combate, e, desta sorte, descobrirá em si um mundo de reservas ocultas. Só a mediocridade não é verdadeiramente temível.

Viver neste século é sofrer a tortura do esmagamento por um número pasmoso de séculos de civilização. A felicidade vai diminuindo com o acréscimo das eras; e de tal jeito que, no último dia, a última catástrofe encontrará todos os homens absolutamente desgraçados.

As paisagens têm a alma que nós temos, e o seu sentimento varia e flutua como o nosso sentimento interior. Foi o que disse Machado de Assis. Eu digo que os seres realmente sensíveis à natureza têm a alma das paisagens. Essas criaturas são alegres diante de um campo coberto de sol, e tristonhos diante de um campo onde o outono origina o bailado das folhas mortas. O mar desperta nelas sensações profundas e dolorosas, anseios delirantes e aspirações imensas. Muita gente culpa de sua tristeza o luar... o luar que vai, pela noite, vestindo de uma brancura a fisionomia serena das coisas...

Gozar muito, para, depois, sofrer muito, é o que fazem quase todas as criaturas. As outras, de uma sabedoria mais avisada, procuram gozar menos — e acabam sofrendo muito mais.

O peso de certos fardos é tão esmagador que, geralmente, acabamos por acreditar serem esses fardos que nos carregam.

No amor, não sigas nenhuma estrada conhecida. Vai pela ignorada, onde o imprevisto te poderá oferecer sensações inéditas. Está claro que este caminho é o do absurdo, único deveras interessante para o viajor... Já observei que a humanidade ama com um absoluto e deplorável bom senso. E é o bom senso que envenena o amor, fazendo dele um lugar-comum...

ENQUANTO PASSAM OS AUTOMÓVEIS

A João Pereira Filho

Para Todos, Rio de Janeiro, 4 nov. 1922]

Djanira é uma bailarina possivelmente russa, que dança apenas para o meu desejo. Amo Djanira com o mais doido dos amores, e, entretanto, ela dança ma e não é russa, mas argentina. Se fosse russa e dançasse bem, creio que não lhe teria nenhum amor...

Meu velho Franz, que pintor estranho que tu és! Não pintas as criaturas, mas a "segunda presença" das criaturas. Creio na realidade de tua fantasia. Creio na imensidade de tua arte, e a prova é que, às vezes, penso que teus quadros só existem na imaginação de meus olhos...

O pianista da casa de cômodos enlouqueceu. A noite passada, ele procurou tocar o noturno décimo terceiro. E o piano, silencioso. Insistiu. E o piano, silencioso. O noturno décimo terceiro estava morto, já não havia sons que o representassem. Então, o pianista da casa de cômodos enlouqueceu.

Suicidei-me, hoje. Morto, bati à casa da morte. Um esqueleto veio atender-me: "A senhora não está, saiu agora mesmo..." Voltei à vida, desanimado.

Ofereceram um banquete a meu amigo Fulano. Fizeram-lhe, depois, um detestável discurso. Ele sorriu ironicamente, e compreendeu: "O que eles me ofereceram — coitados! — foi apenas o discurso..."

Soube que o poeta Oliveira e Castro vai publicar o seu primeiro livro. Esperemos que não seja um livro de versos. Confio muito nesse rapaz: ele é bastante inteligente, e, se publicar semelhante obra, não a lerá nunca...

Quando entro numa igreja, sofro uma dor silenciosa. Tantos deuses e tantos santos, pelos altares! E nunca serei deus, nunca serei santo, pois até hoje não encontrei um altar...

O moralista X quer corrigir a vida. E a vida sempre a corrigir. E a vida sempre a corrigir os moralistas...

As ilusões são as meias de seda do espírito. Um espírito sem ilusões — que perna feia!...

Só há uma coisa mais aborrecida que ter muito dinheiro: é não ter nenhum.

O homem descobre sempre uma razão para cometer qualquer tolice. A mulher descobre duas.

Cultiva a tua virtude, já que não podes cultivar o teu vício.

As mulheres devem ser belas, como os pecadores devem ser elegantes. Só o homem conservou o direito de ser feio, como só a virtude conservou o de ser graciosa.

O caso da maçã do Paraíso foi a primeira anedota deste mundo. Depois dela apareceram outras anedotas e outras maçãs, porém, tudo não passa de plágio.

Ela não morreu. Está viva dentro de mim. Está viva como antigamente, de olhos e braços bem abertos. Rasguei todos os seus retratos. Destruí todas as suas relíquias. Mais do que nunca, ela está viva dentro de mim, porque morreu...

Não falo mal de meus inimigos. Tenho medo de contribuir para a glória deles.

Aprendemos a viver com a natureza. Para que, se logo depois aprendemos a morrer com a vida?

Recebi uma carta de Sylvia. A pobrezinha queixa-se de que eu já a esqueci, pois não lhe escrevo sequer uma linha. Não é verdade, eu não me esqueci de Sylvia, esqueci-me de mim mesmo...

Sabes qual a maior e a melhor das saudades? É a daquilo que a gente não foi, nem poderia ser e entretanto, desejaria ter sido... Eu só me lembro do que não fui, do que não realizei, do que não vivi...

Como doem as dores artificiais! Doem pelo esforço inútil com que procuramos senti-las...

Marina, parabéns pelo teu aniversário. É um sinal do tempo, que te recorda a necessidade de seres perpetuamente jovem. Mais um ano quer dizer pelo menos um ano. Olha o creme, olha o *rouge*, minha filha, escuta a voz to teu aniversário.

DE MUITAS BOCAS...

Para Todos, 16 dez. 1922.

Vejo o crepúsculo descendo. Lentamente. Docemente. Os seres calam a sua voz perturbadora e inútil. Uma tristeza que não dói abre asas no céu de nuvens alongadas. Do sol, ficou apenas uma suave memória de cores lívidas. E eu penso no teu ser crepuscular, em tua alma onde a vida se reflete como um espelho indeciso, esbatido. E eu penso no teu vulto de sombra e silêncio, acinzentando o meu destino...

Minha felicidade...

*

Há em todas as paisagens qualquer coisa da paisagem bem conhecida e bem amada de nossa terra natal. E há em todas as almas um reflexo, luminoso ou perdido, de nossa alma. Viajar é procurar-se através de longos e agitados caminhos...

*

A coisa mais deliciosa que a vida pode oferecer-nos é uma tragédia sem conseqüências...

*

Crer é subir muito alto, e dá vertigens. Negar é descer demais e causa terror. Prefiramos o balanço cômodo e ritmado de uma rede: a dúvida...

*

Os que desprezam a fantasia não saberão amar a realidade. A realidade é o último reduto da fantasia.

*

A beleza é triste, não pode deixar de ser triste. Uma linda paisagem comove tanto os nossos olhos que os nevoa d'água.

As estátuas mais exuberantes de vida lembram corpos anquilosados. Não há volúpia tão angustiosa como a da contemplação das belas mulheres. E digam, depois, que a beleza não é triste...

*

A beleza dos jardins é que faz a beleza das flores. Uma rosa à lapela de um fraque — haverá coisa menos bela?

Os detestáveis atores que a vida tem...

*

Felicidade: maneira elegante de ser infeliz à vontade.

*

O Sr. é duplo, tem certeza de que é duplo? Pois faz mal: hoje em dia, a gente deve ser, pelo menos, triplo...

*

Eu, às vezes, tenho o desejo absurdo de me procurar através das coisas, e de me encontrar, e de me fitar com doçura, e de me dizer as palavras que nunca ninguém me soube dizer...

*

Ver uma paisagem é refleti-la na alma. E, felizmente, há paisagens para todas as almas, confusas ou divinas...

*

— Dá um fim à tua história!

— Ficaria muito menos bela, meu amigo...

O QUE FICOU DE UM CADERNO

Para Todos, 3 fev. 1923.

No mundo só há gênios falhados. Todos nós nos consideramos gênios falhados...

*

A música é o silêncio vibrando. E todas as almas se calam, ouvindo música...

*

A natureza é um cochilo da arte, num dia de tédio...

*

A moda permite-nos isto: possuir com os olhos, um infinito de mulheres — e sem a necessidade de dinheiro para comprá-las...

*

A maior decepção é ainda o que nos espera... a decepção que nunca chegará!

*

São felizes aqueles que não sabem separar o mistério da vida do mistério da arte.

*

O vento... a volúpia do vento... o vento é um grande escultor voluptuoso...

*

As mulheres não têm idade: envelhecem apenas no nosso desejo. Ou melhor: é o nosso desejo que envelhece...

*

O implacável silêncio do espelhos... o irônico silêncio...

*

Os mais belos hinos à coragem são os tecidos pela covardia...

*

Palavra de um apaixonado: Amo-te tanto, tanto, que já não posso sofrer o meu amor! E é por isso que já não te amo, só por isso, meu amor...

*

Se nós existíssemos *realmente*, creio bem que seríamos felizes... E, ao contrário, se não existíssemos, mais felizes ainda...

*

À margem de um ensaio de Oscar Wilde: Só a mentira é verdadeira!

*

Os pensamentos dos outros são sempre meus. Os meus é que me parecem estranhos...

*

O amor, atualmente, é uma pobre coisa desencantada... A humanidade não sabe iludir-se... Conversa demais ao telefone...

*

Há grandes amorosos que ninguém consegue amar, almas cheias de doçura em que ninguém encontra bondade... Exatamente o caso daquele vendedor de óculos, de Anatole, que não fazia negócios porque não parecia ser vendedor de óculos...

*

Aquela "mulher de mármore negro, lenta e triste", que ondulava, chorando, nas noites infantis de Pierre Nozière... nunca a sentiste a teu lado, pelos caminhos longos da tua insônia?

Pierre Nozière tinha seis anos apenas; tu tens muito mais do que isso, tens os anos que viveste, e os que sentiste, e os que sofreste, pela vida. Já o teu pensamento perdeu a ingenuidade clara dos primeiros tempos, aquela doçura virginal das coisas novas e incertas.

É desconsolado o teu pensamento de hoje... Como aquela “mulher de mármore negro, lenta e triste”— mais triste, talvez, mais lenta, com certeza...

DE JEREMIAS, UM POETA FALSO

Para Todos, 17 mar. 1923.

Um dia, acreditei na vida, e ela vingou-se de mim, fazendo-me feliz. Sentindo-me feliz, tamanho foi o meu espanto que descri da felicidade; julguei-a um sonho efêmero, e vim a sofrer muito mais do que antes...

*

Tenho, às vezes, remorso de viver. Todas as minhas loucas esperanças são uma flor murcha. O meu único e verdadeiro eu está bem enterrado sob uma porção de descrenças e derrotas. Passeio pelo mundo à sombra de uma vida cansada e triste. Mas, afinal, talvez tenha sido melhor que eu falhasse. Sempre é uma certeza...

*

Outras vezes, o meu desejo de viver é tão furioso, que penso em pacificá-lo com a morte...

*

Sempre que choras, um demônio está dentro de ti, a rir da tua dor. É o mais útil dos demônios...

*

São infelizes os que param, com receio da vertigem. São infelizes os que correm, com receio da estagnação. Mas, regra geral, todos os homens são felizes...

*

Alegrias da vida: a tristeza dos crepúsculos, a magoada surdina das fontes, o doloroso silêncio das coisas!...

*

Que tarde linda! Que crepúsculo triste... E quando a gente menos espera, surge um credor pelo crepúsculo adentro, extinguindo a puríssima, a divina doçura da tarde. Não há grandes garantias neste país!...

AO ACASO, INTENCIONALMENTE...

Para Todos, 19 jan. 1924.

A alegria é uma tristeza convencional... ou talvez a meia tristeza sem máscara...

*

Que é o autor, senão uma infinita piedade?...

*

— Eu sou a sombra de uma grande árvore muito longa, sem folhas, sem flores, sem frutos e sem sombra.

*

— Oh! Não me compreendas! Eu sou bom!

*

— A tua triste alegria! Tu és como um salgueiro que se pusesse a rir...

*

Viver — é o mais triste dos verbos... O que não impede que a vida seja o mais alegre dos substantivos...

*

— E se eu fosse feliz, hein? Que horror!...

*

— Este mundo é ignóbil!

— Quem sabe? A última palavra ainda não foi dita... e felizmente, nunca será dita...

SEM NENHUMA CONVICÇÃO...

Para Todos, 7 abr. 1923.

Desejaria imenso que ninguém me compreendesse. Sou um homem à procura de sua tragédia...

*

A morte de um homem é um acontecimento que só pode interessar aos vermes.

*

Palavra de palhaço. Sou o maior caricaturista da dor...

*

Um homem que espera é sempre jovem: esquece-se de envelhecer...

*

Quantos reis de Thule não possuem uma taça que atirem ao mar! E o mar é tão grande, tem lugar para milhões de taças...

*

Já reparaste que a mulher nua é escandalosamente sincera?

*

Felicidade é aquela que se esperou. Todas as outras são caricaturas...

*

Há prazeres maiores que a felicidade, e que perturbam, que tornam impossível a felicidade...

TEIA DE ARANHA

Para Todos, 28 abr. 1923.

Um certo olhar, uma certa carícia de uma criatura amada... e a gente ficar a pensar que talvez a sinceridade exista... Que delicioso e humorístico pensamento!

*

A vida, uma coleção de advérbios: sempre... nunca... muito... apaixonadamente... O homem dança num círculo de advérbios.

*

As mulheres não têm destino. Elas *são* o destino dos homens.

*

Fiquemos à espera da vida, serenamente. Pode ser que, um dia, ela venha...

*

Nunca poderei ser feliz. A felicidade que ambiciono é tão grande que me mataria, chegando...

ENQUANTO A LUA SORRI...

Para Todos, 11 ago. 1923.

De um jovem:

Todos nós envelhecemos aos vinte anos... Daí a nossa confusa sabedoria...

*

Vinte anos! E dizer-se que a vida não veio! Espera, talvez, que eu envelheça completamente...

*

Ainda não escrevi nada, não disse nada. Não pensei nada. Entretanto, não me sinto inédito... Creio que já me publiquei, em outras épocas... Sinto-me tão velho, tão repetido! Sou uma quinta edição.

*

De um santo:

Meu Deus! E há tantos ídolos que eu ainda não adorei...

*

E se eu fizesse um brinquedo para me divertir nessa terrível noite de tédio? E se eu fizesse uma religião?...

*

Aspira estas flores. Aperta estes seios. Respira estes ares. Sente tudo isto! Há deuses, vês? Há milhares de deuses, sobre a terra!

*

Rezai por mim, minha alma... Eu não tenho tempo...

*

De um gênio:

Eu não me pareço comigo mesmo. Se parecesse, havia de ser pouco interessante.

*

De um mendigo:

Toma lá o meu dinheiro... Quero ser rico à vontade...

*

A lua, essa grande moeda de prata... com que ninguém pode comprar nada.

*

Quando estou longe de ti, meu amor, sinto-me pobre, arruinado...

*

Ouro? Não... É pouco precioso... Incenso...

*

De um frívolo:

Encadernai os livros de versos, ó homens graves!

*

De um moralista:

Não te debes vestir tão pouco... E se tua alma aparecesse, um dia, na rua?

*

De um filósofo:

Minhas idéias sufocam-me... Vou deixar de ter idéias...

*

Há ocasiões em que as nossas palavras nos fazem medo: quando são demasiado convincentes.

*

Epicuro fez da tragédia um prazer. Mas, a tragédia não conhece Epicuro...

*

Inútil? É só o que tu fazes...

Na Curva do Caminho

Ilustração Brasileira, out. 1923.

Há homens que erguem os olhos ao céu e chamam a isso - libertar-se...

##

O homem que desce da montanha é muito mais livre do que o homem que a vai subindo.

##

Sentir-se libertado pela ilusão é tão tolo quanto sentir-se escravizado pela realidade.

##

Nós somos os nossos próprios escravos ... E Deus, quem sabe se Deus não será mais que o guarda de nossa prisão íntima?

##

De uma alma pura: A vida é ainda um canto de fadas... De onde as fadas emigraram ...

##

Os pecados contra a arte são os pecados contra a natureza.

##

A experiência que julgamos possuir é apenas a soma dos erros que cometemos. E não será o nosso erro supremo, a experiência? ...

##

No Brasil, fazer versos ainda é a melhor maneira de não ser poeta ...

##

A vida é má: porém há adjetivos que a tornam boa ... (Esta opinião é de um gramático otimista).

##

Que importa o que o destino nos trouxe? É muito pouco, e não nos interessa. Interessa-nos antes o que ele não nos deu: uma soma de felizes momentos e de alegres aventuras ... O ser que ainda não fomos e nunca seremos, esse é o nosso eu verdadeiro, irrealizado mas luminoso ... Amemos essas possibilidades, e teçamos com elas a tapeçaria de nossa vida interior ... Sem ambição e sem desejo de que o sonho mágico se transforme na realidade cotidiana. Apenas com a ilusão de que possuímos a felicidade, sentindo-a perto de nós, silenciosa, amável e intangível ...

O VENENO DA VIDA

Para Todos, 26 jan. 1924.

— O senhor está velho, acabado!...

— É verdade. Tenho lido tantos livros nacionais...

— Às vezes, sabe?, se não fosse um cigarrinho, eu já me havia suicidado...

— E por que é que o senhor não deixa de fumar?

— O crepúsculo é suave. É bom. Diga-me versos, diga.

— Não me lembro de nenhum...

— Não faz mal, diga assim mesmo. Os seus, por exemplo...

— Guerra Junqueiro, hein? Grande poeta!..

— Quando...

— Aquele sujeito não escreve nada de seu; cita os outros.

— Cita. Até a assinatura, o nome que o pai lhe deu...

--Oh! Meu amigo! Há quanto tempo não nos vemos! Porque não me escreve?

--Ah! O senhor gosta de receber cartas?...

--Meu Deus! Como ela está nua!

--É para ver se passa despercebida...

— Aquele senhor tem dez mil réis na carteira...

— Eu logo vi que ele era honesto!

— Dizem por aí que o senhor faz versos... Será verdade?

— Que é a verdade, meu amigo? Nem Jesus sabia...

— A propósito: lembra-se daquela palavra de Jesus, no Horto das Oliveiras?
— Não, senhor. Faz tanto tempo...

— Meu amor!
— Meu amor!
— Bom dia!
— Você como vai?
— E caíram na banalidade...

A INGÊNUA SABEDORIA

Para Todos, 27 set. 1924

Os mais belos hinos à coragem são os tecidos pela covardia. Só os que fogem compreendem o heroísmo.

Uma fórmula para a expressão da tortura geral: nós recuamos para o futuro.

Jesus é o tédio da divindade. Jesus-homem baixou à terra para consolar-se das delícias do paraíso. Mas era terrivelmente perfeito, e os homens crucificaram-no. E Jesus voltou a ser Deus, com certeza mais entediado ainda.

Todos morrem. Ninguém vive. A vida é a morte que se diverte.

"Era no tempo em que os animais falavam..." Hoje, os animais continuam a falar, mas são tão numerosos, e falam tanto de um só vez, que ninguém os entende.

Incoerência! Meu pão de todos dos dias...

NUMA ESQUINA...

Para Todos, 3 jan. 1925

O AMOR DOS VIVOS

- Tenho medo de ti!
- De mim?
- Sim, do teu fantasma...
- (E foram tomar um sorvete).

O QUE HÁ DE NOVO

- Chove... Faz sol... E isso acontece há milhares de anos, hein, meu amor?
- Ahn...

TRÊS RESPOSTAS

- Vive!
- Não, ainda é muito cedo.

Vive!

- Hein? Para quê?

- Vive!
- Vou viver. Emprésteme os seus óculos.

HAI-KAIS URBANOS

Para Todos, 27 jun. 1925.

I

Num automóvel aberto
riem mascarados.
Só minha tristeza não se diverte.

II

Não tenho dinheiro no banco,
porém,
meu jardim está cheio de rosas.

III

Na escuridão da sala,
Tom Mix apareceu
e meus braços fracos te apertaram.

IV

Quis dizer-te o que era a vida,
mas sacudiste a cabeça...
Eras uma mulher da vida.

V

No jardim onde pulam crianças,
um homem imprudente
esqueceu a Vie Parisienne.

VI

Junto a um vaso de avencas,
tu me falaste de Beethoven.
E eu sorri sem convicção.

O FATO AINDA NÃO ACABOU DE ACONTECER

WILDE

Ilustração Brasileira, dez. 1922.

A volubilidade literária de Oscar Wilde é espantosa: vai da tragédia à anedota. No mesmo modelo em que se lê "O Crime de Lord Artur Saville", pode ler-se "O milionário modelo". Na sua vida, porém, Wilde teve mais naturalidade: foi da anedota à tragédia.

É curioso notar como Wilde, que detestou a vulgaridade, soube aceitá-la sempre. Nas suas páginas, passa uma rajada de paradoxos e negações, e, no entanto, os seus tipos - os seus tipos reais - vivem a vida de todos nós, amam, sofrem, precisam de dinheiro, matam e morrem. Devemos reconhecer que nada existe aí de soberanamente original ou imprevisto... Afinal, Oscar Wilde zombou da vida e, nem por isso, conseguiu modificá-la.

O "Fantasma de Canterville" é uma criação bem superior às de Poe e Hoffman. Chega a ser um espectro absolutamente humorístico, e não levanta os cabelos do leitor incauto. Reconcilia-nos com a classe dos fantasmas, que é numerosa e antipática. Nesse conto, a ironia de Oscar Wilde é de uma piedade adorável. O pobre duende que arrastava tão incômodas correntes e sofreu tão pitorescos desastres, nada oferece de trágico e apresenta muito de humano. Sendo um fantasma para uso de americanos ricos, ele confunde a sua vida com a dos circunstantes, e, assim, podemos tirar de suas aventuras mal sucedidas, motivou para um sorriso e para uma exclamação de pena. Misturando o sobrenatural com o natural, Oscar Wilde foi delicioso, e procurou ainda uma vez, zombar da vida...

Wilde teve necessidade do cabotinismo para afirmar-se. Antes da sua obra, compreendeu que era preciso criar a sua legenda. Eu pergunto mesmo: de que valeriam os seus poemas em prosa, se ele não levasse, pelas ruas de Londres, uma flor entre os dedos? A primeira natureza de Wilde sempre foi artificial. A segunda é que o matou.

UM SORRISO PARA TUDO...

Para Todos, 3 mar. 1923.

A vida presenteou o Sr. Alvaro Moreyra com uma felicidade meio triste: a de sentir com doçura e pensar com indulgência. a doçura não exclui o ceticismo, como a indulgência não exclui a ironia. E assim, eis aí um fino escritor que nos fala das coisas cotidianas com irônica e melancólica suavidade.

“Um sorriso de êxtase para a beleza, um sorriso de esperança para o amor, um sorriso de encanto e de mofa para a vida... triste ou alegre, um sorriso para tudo....”

Resume-se nessa frase toda a filosofia da resignação. A vida é um tristonho consentimento. E, sobretudo, um longo consentimento... Disfarçemos a nossa capitulação às forças aborrecidas do destino, com um sorriso, um sorriso para todas as coisas, todas as formas e todos os seres...

*

O Sr. Alvaro Moreyra, depois de dar-nos *O Outro Lado da Vida...*, publica a terceira edição de *Um Sorriso Para Tudo*. Parece que o poeta, o homem lírico e terno, que os dias fizeram mais irônico, mais atual, sentiu uma ponta de saudade, e foi então que nos entregou de novo essas páginas de uma sensibilidade virgem, cheia de arrepios, de dolências muito íntimas, de adoração às lindas paisagens, de encantamento e beatitude. É um livro que o Sr. Alvaro Moreyra não escreverá mais — não porque já se não comova antes as fontes humildes da beleza, mas porque se comove de um modo diferente. “À sombra mística e sensual das árvores”, ou nos “meios-dias de inverno, acalentadores, em que a terra toda é um quarto de convalescente”, uma voz importuna irá lembrar-lhe o “terrível positivo”... E só lhe cumpre dizer, como nas últimas páginas do seu primeiro livro de prosa: “Nem todos os caminhos foram maus. Nem todos os caminhos foram feios. Alguns dos transeuntes nos estenderam mãos piedosas. Amamos. Sorrimos. Uma doce melancolia veio abrandar a tristeza do início. A saudade, pouco a pouco, se atenuou. E, enfim, chegamos a esta encruzilhada. É bom viver!”

O Outro Lado da Vida... é, mesmo, um livro escrito depois que o artista chegou a esta encruzilhada. Chegou com um sorriso nos lábios, aquele sorriso que dançava, desde o começo, entre a tristeza e a alegria, e que se foi tornando de mofa, de desdém... Como os homens mudam, continuando sempre os mesmos! Como tudo é diverso e como tudo é igual! E por fim, essa viagem sentimental do Sr. Alvaro Moreyra talvez não seja mais que um ilusão dos seus leitores. Uma coisa, porém, ilumina todas as suas páginas, as de ontem como as de hoje, e a todos nós se faz sentir, sem mistério: é o seu sorriso, de êxtase, de esperança, de encanto, de

mofa... sorriso que é a sua defesa e, ao mesmo tempo, a expressão da sua compassiva solidariedade com o drama inútil dos homens.

MINAS, 1923

SOBRE A ARTE MODERNA

Para Todos, 27 out. 1923.

Os homens, que há pouco se entregavam ao delírio da guerra, encontraram hoje um derivativo no delírio da arte. Verdade seja que todas as construções estéticas desvairadas já se faziam notar aos nossos olhos antes da conflagração. Paris, antes de conhecer os *zeppelins*, conhecia o cubismo integral. Mas a crítica e o espírito popular consideravam tais coisas como expressões esparsas de cabotinismo, e a arte se conservava, numa relativa modernidade, sob o jugo do espírito clássico. Como se operou o curioso prodígio? Com estranha violência. A guerra nos deu uma mentalidade dolorosa, em que se refletem agudamente as irregularidades, os absurdos e as loucuras da arte moderna. Os homens não se transformaram; longe disso... Não se fizeram melhores nem piores do que antes. Nem mesmo essa guerra foi diferente das outras. Mas a soma do sofrimento foi infinitamente maior, e a dor universal gerou novos arrepios de sensibilidade... O período trágico de 1914 a 1918 marca uma diferenciação radical entre os dias passados e os presentes. Ontem, nós sorriamos com despreocupada alegria, e a arte era um brinquedo para os espíritos ágeis. Agora, há em nossas máscaras um rictus inquieto, e, em nossos gestos, um anseio triste de libertação... Se daí não nasceu uma nova moral, que seria tão deplorável quanto a vigente, nasceu, com certeza, uma outra forma de arte. Desaparece o trabalho dos precursores de sorte que, na realidade, somos nós, os homens do após-guerra, os renovadores da arte. E essa arte é cheia de angústia, de sofrimento e desesperação. Consciente ou inconscientemente, todos nos sentimos presa do terrível desejo de reformar. Há um prazer magoado em lançar à poeira os ídolos a quem ontem votávamos oferendas, e que hoje nos parecem mudos e frios, inexpressivos e ingratos... Ficam os pedestais, onde deuses vindouros se irão postar. Mas eu suponho que a humanidade se enfatiou em definitivo desse brinquedo inútil que é construir divindades... Os homens de hoje não têm mestres. Quebraram as tábuas da sabedoria, e com elas fizeram um lume delicioso... Ninguém segue mais o exemplo das sombras amáveis do passado. Para quê? Todos se contemplam no espelho, e a si mesmos se elegem mestres... Há tanto discípulos quanto apóstolos. Isso é divertido, mas exprime um trágico momento da alma coletiva. A arte moderna propaga-se como um incêndio — e eu não sei, ninguém sabe qual o limite máximo de difusão a que podem atingir essas idéias revolucionárias. O Brasil, que sempre se postou à margem dos acontecimentos, como um espectador aborrecido, já sofreu o choque do pensamento novo. Até o Brasil, até o nosso adorável Brasil, pátria de homens frívolos e descuidados, homens cujo único ideal é, quase sempre, a posse de uma linda mulher, à sombra de uma linda árvore! (Falo por metáfora. A árvore, aqui, seria evidentemente incômoda...) Pois o fato é que já se fizeram sentir em nós os movimentos perturbadores da arte nova. De cima a baixo, pela nossa literatura,

anda uma grave desordem, a desordem das prateleiras desarrumadas, dos catálogos subvertidos e das convenções reduzidas a roupa branca... Os novos, os que formam o espírito à luz das idéias atuais, vão com um ingênuo e divino entusiasmo. Quanto aos velhos, há a tragédia da adaptação. Fácil ou penosa, esta se vai a operar, com o que muito lucram as platéias ávidas de espetáculos burlescos... Da pele de parnasianos arcaicos andam a florir brotoejas modernistas... Como a nossa inteligência é pouco afeita a abstrações puras, foi necessário o uso de fórmulas concretas que nos instruissem: de sorte que há, de uma parte, o chamado passadismo, e da outra o intitulado futurismo. Aquele, todos sabemos o que seja. Quanto ao *futurismo*, esse nome, aliás pouco exato, encerra toda essa chusma de idéias, de sentimentos, de atitudes, de revoltas e de indecisões, que palpita na arte do momento. Essa arte é bem atual, e não tem relações imediatas com o futuro. É o espelho do dia que passa... O dia é cheio de amargura, e, pois, as visões do artista moderno não o são menos. Tais criações terão — quem sabe? — a duração do nosso instante de desvario. Mas, eis aí uma hipótese audaciosa, pois não é lícito prever o quanto viverá uma obra de arte. Um minuto de beleza vale por toda a eternidade... Permanecerá a arte nova somente enquanto for o desequilíbrio social a única verdade de fácil constatação? Ou, restabelecido o sossego dos homens, continuará ela como uma sublime vitória do espírito sobre o tempo? Não se sabe... Tudo é possível... Insisto em dizer que é uma arte de luto e de lágrimas. As emoções dionisíacas, de força e volúpia, que se refletem nos corações dos artistas de hoje, são o contingente pessoal. Mas ainda nas páginas de maior alegria erra a tortura coletiva. Libertação! Libertação! Mais do que nunca, é impossível libertar-se. Entreguemos ao destino, senhor de mãos indiferentes, o conto indeciso do nosso futuro... A terra continuará a rolar, com igual indiferença...

CANTIGAS POPULARES

Para Todos, 6 set. 1924.

Há uma doce sabedoria nas cantigas populares. Uma sabedoria que não magoa, e que por isso mesmo ninguém esquece. Ainda agora, no quintal vizinho, uma voz cantava:

-- *Ai, ai, ai!*
Filho feio não tem pai!...

E há outra cantiga que diz:

Yayá, fruta de conde, castanhas do Pará!
A fruta que eu mais gostava,
dessa fruta já não há...

E outra, bem carnavalesca, nos fala:

Tatu subiu no pão!
É mentira de mecê...
Se Santo Antonio ajudou, isto sim, que pode sê...

Aquela primeira cantiga, subindo de entre as couves do quintal, é melancólica no meu ensinamento. Os filhos feios nunca tiveram editores responsáveis... A segunda, que evoca saudosamente as detestáveis castanhas do Pará, tem para mim um acento inesquecível: interpreta, na sua tosca simplicidade, o sentimento da ventura perdida, que todos nós experimentamos e nem todos sabemos ou procuramos exprimir em palavras. Voz do supremo desencanto: "A fruta que eu mais gostava, dessa fruta já não há!" Que nos importam as outras frutas? O pomar é rico e pecaminoso, porém já não acende fagulhas em nossos olhos, nem desperta o tremor em nossas mãos. Ai de nós, os que pusemos a ventura no passado! Todas as frutas nos são indiferentes. Nem mesmo as achamos amargas: são apenas indiferentes.

Por último, a terceira cantiga descrê da habilidade dos tatus, e atribui o prodígio realizado por um deles à intervenção de um santo amável. É uma cantiga cética e, ao mesmo tempo, religiosa. Enlaça num mesmo pensamento duas diretrizes opostas. Duvidemos da habilidade dos tatus. Mesmo em grande número, eles não se distinguem pelo esplendor de grandes virtudes. E se algum deles,

acaso, subir um pouco acima do vulgar, não nos esqueçamos: foi o miraculoso Santo Antônio que o ajudou...

Há um fina sabedoria nas cantigas.

APROXIMAÇÕES

Para Todos, 11 out. 1924.

Como os homens, e até mais do que os homens, envelhecem as lendas. Ou, quando não envelhecem, procuram transformar-se, num desejo de vida, numa ânsia de adaptação aos novos sentimentos e às novas idéias. A lenda do rei de Thule, por exemplo.

*Il était un roi de Thulé,
immaculé...*

O rei de Thule, que era sábio e era amável, gozou a sua parte de ventura, e lançou ao mar a sua taça. Isto foi antes de Goethe. Hoje, embora seja a mesma alma dos homens, e não haja uma sensibilidade inédita, há, pelo menos, novas maneiras da mesma velha sensibilidade. Se o rei de Thule ainda existisse, não jogaria ao mar a sua taça: jogaria o seu vinho. Não nos esqueçamos que o vinho é mais precioso que a copa de ouro. Eis a lição de um sutil poeta contemporâneo, Paul Valéry. Justamente num dos seus mais trabalhados sonetos, "Le vin perdu", ele nos conta a sua aventura lírica: num gesto do rei de Thule, jogou ao oceano "um pouco de vinho precioso". O oceano tingiu-se de rosa, mas logo voltou à sua transparência. E aqui, o poeta nos informa que o seu vinho não se perdeu: ao contrário, embriagou as ondas, fazendo cabriolar "no mar amargo as mais profundas figuras".

Se é verdade que todo poeta é um rei, não será muito corrigir: todo poeta é um rei de Thule. A lenda se transformou, ficando, no fundo, a mesma. E com isso, aí temos fixado, talvez, mais um traço do tempo.

Parece que há um novo critério em crítica literária: o critério da modernidade. Evidentemente, nada mais precário, e às vezes, nada mais falso. Que é, em rigor, um escritor moderno? Aquele que, sendo nosso contemporâneo, agita a nossa mentalidade com os ímpetos da sua revolta? Entretanto, Marinetti é quase fóssil, ao passo que Shakespeare continua atual. A razão é, talvez que Shakespeare representa um elo na grande cadeia dos espíritos universais, que se desenvolveram sem intuítos de renovar o espírito das coisas nem arregimentar discípulos em torno de uma doutrina estética; isso não aconteceu com Marinetti, criador do futurismo, e que morreu com a sua escola. Se nada caracteriza tanto o chamado espírito moderno quanto a liberdade (muito embora a liberdade continue a ser apenas uma

palavra que se deve pronunciar em voz baixa), um escritor moderno será — um escritor livre. Aqui, nova dificuldade: como classificar os autores em função de sua independência de espírito? Algumas das figuras mais representativas do momento literário, em França, por exemplo, subordinam a sua atividade aos ditames da religião. Claudel e Max Jacob são católicos; Apollinaire não o era menos. No outro extremo das famílias espirituais, temos Charles Maurras, fundamentalmente vinculado aos compromissos políticos da "Action française". E Barbusse? E Roman Rolland? E o já venerável Anatole France, o mais crédulo dos céticos?

Somos forçados a reconhecer que a liberdade tem no espírito moderno um papel puramente formal, e que esse espírito, longe de repudiar a tradição, procura antes moldá-la às suas necessidades e aos seus anseios. E isto não é passadismo: é apenas o velho drama do espírito humano, dobrado sobre si mesmo, já que não pôde dobrar-se sobre o vácuo.

A seguir, com o objetivo de facilitar o acesso do leitor aos textos, apresentamos dois índices: um cronológico e outro alfabético. A classificação dos gêneros, em itálico no índice cronológico foi, quase inteira, retirada do livro de Fernando Py, *Bibliografia Comentada de Carlos Drummond de Andrade*. Por fim, resta esclarecer que os índices procuram, também, dar uma amostragem da quantidade de textos publicados por Drummond na *Para Todos* e na *Ilustração Brasileira*.

ÍNDICE ALFABÉTICO

Ilustração Brasileira

Aquele pobre destino, nov. 1922
Bilhete ao teu corpo, dez. 1922
Canção do grego desencantado, jun. 1926
Convite, abr. 1924
Criaturas, jun. 1922
Curva do caminho, Na, out. 1923
Depois da orgia, jun. 1925
Duas anedotas vulgares, dez. 1922
Eu, escritor..., abr. 1925
Filha de Osíris, jun. 1925
História simples que recomeça..., fev. 1922
Homem que andou muito..., O, abr. 1923
Lâmpada brilha, Uma, abr. 1926
Matinal, mar. 1923
Morrer, jan. 1925
Museu, 25 dez 1922
Noite de seda e jóias, jun. 1925
Quantas anedotas interiores, mar. 1926
Quase noturno em voz baixa, mar. 1923
Que ficou de um romance, O, dez. 1922
Tia Marta, fev. 1924
Wilde, 25 dez. 1922

Para Todos

Acaso, intencionalmente..., Ao, 19 jan. 1924
Aproximações, 11 out. 1924
Beleza da vida na alegria da manhã, A 8 mai. 1926
Biblioteca, 10 abr. 1926
Caminhos da serra, Nos, 3 abr. 1926
Cantigas populares, 6 set. 1924
Cocaína, e um cavalheiro que a tomava, 20 dez. 1924
Conto da vida, O, 26 abr. 1924
Cromo, 5 dez. 1925
De fim de ano, 1 fev. 1925
De Jeremias, um poeta falso, 17 mar. 1923
De muitas bocas..., 16 dez. 1922
De um tempo de fadas..., 9 dez. 1922
Dentro do baú, 23 jul. 1927
Diálogo em frente dos espelhos, 5 ago. 1922
Dois fraques, 1 ago. 1925
É a vida..., 27 mai. 1922
E tu passaste..., 7 jun. 1923
Enquanto a lua sorri..., 11 ago. 1923
Enquanto passam os automóveis, 4 nov. 1922
Enterro na rua pobre, 8 mai. 1926
(Entre parênteses...), 4 ago. 1923
Epigrama para Emílio Moura, 14 mai. 1927
Espelho, túnica e água, 25 out. 1924
Esperança..., 29 set. 1923
Esplêndido festim, O, 23 set. 1922
Éter, 6 dez. 1924
Eternos..., 17 jan. 1925
Família, 21 mai. 1927
Fantasia, 15 jan. 1927
Felicidade... 6 out.. 1925
Homem das anedotas, O, 25 ago. 1923
Hai-kais urbanos, 27 jun 27 set. 1924
Ingênua sabedoria, A, 1923
Lábios fechados, Os, 4 ago. 1923
Libertação, 12 jan. 1924
Longo das ruas ermas..., Ao, 24 mar. 1923
Maria da rua, 22 mar. 1924
Máscaras da alegria e da tristeza, 8 nov. 1924
Mulher..., 29 set. 1923
Numa esquina..., 3 jan. 1925
Ofrenda, 1 set. 1923
Palavras a uma pobre mulher, 30 set. 1922
Pequenino corpo diabólico, 13 dez. 1924

Poema do amor que não deseja, O, 16 jun. 1923
Poema do Anatomista, 1 dez. 1923
Poema do vento noturno, 13 out. 1923
Poema gris, 27 out. 1923
Por uma rua deserta... 27 dez. 1922
Princesa, onde andar\ a princesa?... , A, 23 fev. 1924
Qualquer coisa..., 8 dez. 1923
Que ficou de um caderno, O, 3 fev. 1923
Refr\o do Imortal Desespero, 4 jun. 1925
Rei, Um, 7 fev. 1925
Retrato, 24 jan. 1925
S\o sete horas da noite 23 jan. 1926
Sem nenhuma convic\~ao..., 7 abr. 1923
Sentimental, 15 ago. 1925
Sob a luz amb\gua, 10 jan. 1925
Sobre a arte moderna, 27 out. 1923
Sombra, Na, 14 jan. 1922
Sombra (II), Na, 21 jan. 1922
Sonho de um dia de calor, 30 jul. 1927
Sorriso para tudo, Um, 3 mar. 1923
Suprema noite de bodas, 8 mar. 1924
Teia de aranha, 28 abr. 1923
Terceira, A, 8 mar. 1923
Tr\es espelhos da sala abandonada, Os, 14 abr. 1923
\ltima encarna\~ao de pierrot, 14 fev. 1925
Vais passando? Escuta..., 4 fev. 1922
Ve\culo n.1, 9 mai. 1925
Veneno da vida, O, 26 jan. 1924
Violetas de parma, 21 mar. 1925
Vulto pensativo das secret\arias, O, 7 nov. 1925

ÍNDICE CRONOLÓGICO

Ilustração Brasileira

1922

História simples que recomeça..., *narrativa*, fev. 1922
Criaturas..., *poema em prosa*, jun. 1922
Aquele pobre destino, *conto*, nov. 1922
Que ficou de um romance, O, *poema em prosa*, dez. 1922
Bilhete ao teu corpo, *poema em prosa*, dez. 1922
Duas anedotas vulgares, *poema em prosa*, dez. 1922
Museu, *poema em prosa*, dez. 1922
Wilde, *crítica*, dez. 1922

1923

Matinal, *poema*, mar. 1923
Quase noturno em voz baixa, *poema*, mar. 1923
Homem que andou muito..., O, *poema em prosa*, abr. 1923
Curva do caminho, Na, *aforismos e apontamentos*, out. 1923

1924

Tia Marta, *conto*, fev. 1924
Convite, *poema*, abr. 1924

1925

Morrer, *conto*, jan. 1925
Eu, escritor..., *crônica*, abr. 1925
Filha de Osíris, *poema*, jun. 1925
Depois da orgia, *poema*, jun. 1925
Noite de seda e jóias, *poema*, jun. 1925

1926

Quantas anedotas interiores..., *poema*, mar. 1926
Lâmpada brilha..., Uma, *poema*, abr. 1926
Canção do grego desencantado, *poema*, jun. 1926

Para Todos

1922

- Sombra, Na, *aforismos e reflexões*, 14 jan. 1922
Sombra (II), Na, *aforismos e reflexões*, 21 jan. 1922
Vais passando? Escuta..., *poema em prosa*, 4 fev. 1922
É a vida..., *poema em prosa*, 27 mai. 1922
Diálogo em frente dos espelhos, *poemas em prosa*, 5 ago. 1922
Esplêndido festim, O, *poema em prosa*, 23 set. 1922
Palavras a uma pobre mulher, *poema em prosa*, 30 set. 1922
Enquanto passam os automóveis, *epigramas e aforismos*, 4 nov. 1922
De um tempo de fadas..., *poema em prosa*, 9 dez. 1922
De muitas bocas..., *poema em prosa*, 16 dez. 1922
Por uma rua deserta..., *poema em prosa*, 27 dez. 1922

1923

- Que ficou de um caderno, O *poema em prosa*, 3 fev. 1923
Sorriso para tudo, Um, *crítica*, 3 mar. 1923
Terceira, A, *poema em prosa*, 8 mar. 1923
De Jeremias, um poeta falso, *aforismos*, 17 mar. 1923
Longo das ruas ermas..., Ao, *poema em prosa*, 24 mar. 1923
Sem nenhuma convicção..., *aforismos*, 7 abr. 1923
Três espelhos da sala abandonada, Os, *poema em prosa*, 14 abr. 1923
Teia de aranha, *aforismos e epigramas*, 28 abr. 1923
E tu passaste..., *poema em prosa*, 7 jun. 1923
Poema do amor que não deseja, O, *poema em prosa*, 16 jun. 1923
Lábios fechados, Os, *poema em prosa*, 4 ago. 1923
(Entre parênteses...), *poema em prosa*, 4 ago. 1923
Enquanto a lua sorri..., *poema em prosa*, 11 ago. 1923
Homem das anedotas, O, *poema em prosa*, 25 ago. 1923
Oferenda, *poema*, 1 set. 1923
Mulher..., *poema em prosa*, 29 set. 1923
Esperança..., *poema em prosa*, 29 set. 1923
Felicidade..., *poema em prosa*, 6 out. 1923
Poema do vento noturno, *poema em prosa*, 13 out. 1923
Poema gris, *poema em prosa*, 27 out. 1923
Sobre a arte moderna, *artigo*, 27 out. 1923
Poema do Anatomista, *poema em prosa*, 1 dez. 1923
Qualquer coisa..., *poema em prosa*, 8 dez. 1923

1924

Libertação, *poema em prosa*, 12 jan. 1924
Acaso, intencionalmente..., *Ao aforismos e diálogos curtos*, 19 jan. 1924
Veneno da vida, O, *diálogos curtos*, 26 jan. 1924
Princesa, onde andará a princesa?..., A, *poema em prosa*, 23 fev. 1924
Suprema noite de bodas, *poema em prosa*, 8 mar. 1924
Terceira, A, *poema em prosa*, 8 mar. 1924
Maria da rua, *poema em prosa*, 22 mar. 1924
Conto da vida, O, *poema em prosa*, 26 abr. 1924
Cantigas populares, *crônica*, 6 set. 1924
Ingênua sabedoria, A, *aforismos*, 27 set. 1924
Aproximações, *crônica*, 11 out. 1924
Espelho, túnica e água, *poema*, 25 out. 1924
Máscaras da alegria e da tristeza, *poema em prosa*, 8 nov. 1924
Éter, *poema em prosa*, 6 dez. 1924
Pequenino corpo diabólico, *poema em prosa*, 13 dez. 1924
Cocaína, e um cavaleiro que a tomava, *crônica dialogada*, 20 dez. 1924

1925

Numa esquina..., *poema em prosa*, 3 jan. 1925
Sob a luz ambígua, *poema em prosa*, 10 jan. 1925
Eternos..., *poema em prosa*, 17 jan. 1925
Retrato, *poema em prosa*, 24 jan. 1925
De fim de ano, *poema em prosa*, 1 fev. 1925
Rei, Um, *poema em prosa*, 7 fev. 1925
Última encarnação de pierrot, *poema em prosa*, 14 fev. 1925
Violetas de parma, *poema em prosa*, 21 mar. 1925
Veículo n.1, *epigrama*, 9 mai. 1925
Refrão do imortal desespero, *poema em prosa*, 4 jun. 1925
Hai-kais urbanos, *poema*, 27 jun. 1925
Dois fraques, *poema em prosa*, 1 ago. 1925
Sentimental, *poema*, 15 ago. 1925
Vulto pensativo das secretárias, O, *poema*, 7 nov. 1925
Cromo, *poema*, 5 dez. 1925

1926

São sete horas da noite, *poema em prosa*, 23 jan. 1926
Caminhos da serra, Nos, *poema em prosa*, 3 abr. 1926
Biblioteca, *poema*, 10 abr. 1926
Beleza da vida na alegria da manhã, A, *poema*, 8 mai. 1926
Enterro na rua pobre, *crônica*, 8 mai. 1926

1927

Fantasia, *poema*, 15 jan. 1927

Epigrama para Emílio Moura, *poema*, 14 mai. 1927

Família, *poema*, 21 mai. 1927

Dentro do baú, *poema em prosa*, 23 jul. 1927

Sonho de um dia de calor, *poema em prosa*, 30 jul. 1927

BIBLIOGRAFIA

- ACHCAR, Francisco. *Carlos Drummond de Andrade*. SP: Publifolha, 2000.
- Lírica e Lugar Comum*. SP: Edusp, 1994.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Obra Completa*. RJ: Nova Aguilar, 1990.
- Conversa de Livraria*. SP: AGE/Giordano, 2000.
- Uma Pedra no Meio do Caminho*. RJ: Editora do Autor, 1967.
- Antologia Poética*. RJ: José Olímpio, 1983.
- ANDRADE, Mário. *A Lição do Amigo*. RJ: Record, 1988.
- ANDRADE, Oswald de. *Poesias Reunidas*. RJ: Civilização Brasileira, 1978.
- ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. *O Cacto e as Ruínas*. SP: 34 Letras/Duas Cidades, 2000.
- BANDEIRA, Manuel. *Estrela da Vida Inteira*. RJ: Nova Fronteira, 1993.
- Antologia dos poetas brasileiros – fase simbolista*. RJ: Nova Fronteira, 1996.
- Poesia e Prosa*. RJ: Ed. José Aguilar, 1958.
- BARBOSA, João Alexandre. *A Metáfora Crítica*. SP: Ed. Perspectiva, s/d.
- BOAVENTURA, Maria Eugênia. *O Salão e a Selva*. SP: Ex-libris/Ed. Unicamp, 1995.
- BRAYNER, Sônia (org). *Fortuna Crítica – Carlos Drummond de Andrade*. RJ: Civilização Brasileira, 1978.
- BROCA, BRITO. *Memórias*. RJ: José Olímpio, 1968.
- CAMPOS, Haroldo de. *Metalinguagem*. RJ: Vozes, 1970.

- CAMPOS, Maria do Carmo. *A Matéria Prismada*. RS: Mercado Aberto/Edusp, 1999.
- CAMILO, Vágner. *Da Rosa do Povo à Rosa das Trevas*. SP: mimeo, 1999.
- CANÇADO, José Maria. *Os Sapatos de Orfeu*. SP: Scritta, 1993.
- CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. SP: Duas Cidades, 1977.
- Recortes*. SP: Companhia das Letras, 1993.
- CAROLLO, Cassiana Lacerda (org.). *Decadismo e Simbolismo no Brasil*. RJ: INL/MEC, 1980.
- CARPEAUX, Otto Maria. *Ensaio Reunidos*. Olavo de Carvalho (org.). RJ: Topbooks, 1999.
- CARVALHO, Ricardo Souza de. "Jardins Modernistas". In: *Teresa*. SP: FFLCH/34 Letras, 2000.
- CHAMIE, Mário. "O encontro da Antropofagia com a Psicanálise". *Jornal da Tarde*. SP, 2/9/2000.
- COUTINHO, Afrânio (org.). *A Literatura no Brasil – fase modernista*. SP: Global Editora, 1999.
- CURY, Maria Zilda Ferreira. *Horizontes Modernistas*. MG: Autêntica, 1998.
- DANTAS, Vinícius. "Oswald de Andrade e a Poesia". In: *Novos Estudos – CEBRAP*. SP: 30 jul 1991.
- "Entre a Negra e a Mata Virgem". In: *Novos Estudos – CEBRAP*. SP: julho de 1996.
- DIAS, Fernando Correia Dias. "Relembrando Achilles Vivacqua". In: *Suplemento Literário de Minas Gerais*. MG: Secretaria Estadual de Cultura, out.2000.
- DIMAS, Antônio. "A crônica de Carlos Drummond de Andrade". In: *Boletim Bibliográfico*. SP: Biblioteca Mário de Andrade, 23/10/1996.
- FREITAS JÚNIOR, Otávio de. *Ensaio de Crítica de Poesia*. PE: Imprensa Industrial, 1941.
- GLEDSON, John. *Poesia e poética de Carlos Drummond de Andrade*. SP: Duas Cidades, 1981.

- GOLDSTEIN, Norma. *Do Penumbriismo ao Modernismo*. SP: Ática, 1983.
- HELENA, Lúcia. *Totens e Tabus da Modernidade Brasileira*. RJ: UFF, 1985.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O Espírito e a Letra*. Antônio Arnoni Prado (org.). SP: Companhia das Letras, 1996.
- HOUAISS, Antônio (org.). *Poetas do Modernismo – vol. 3*. GO: INL/MEC, 1972.
- LEITE, Sebastião Uchôa. *Participação da Palavra Poética*. RJ: Vozes, 1966.
- LIMA, Luís Costa. *Lira e Antilira*. RJ: Civilização Brasileira, 1968.
- LIMA, Mirella Vieira. *Inconfidência Mineira*. SP: Pontes/Edusp, 1995.
- LINS, Álvaro. *Jornal de Crítica, 3 série*. RJ: José Olímpio, 1944.
- LOREDANO, Cássio (org.). *O Rio de J. Carlos*. RJ: Lacerda Editores, 1998.
- MENDES, Murilo. *Poesia Completa e Prosa*. RJ: Nova Aguilar, 1994.
- MERQUIOR, José Guilherme. *Razão do Poema*. RJ: Civilização Brasileira, 1965.
- Verso Universo em Drummond*. RJ: José Olympio,
- s/d.
- MORAES, Emanuel de. *Drummond Rima Itabira Mundo*. RJ: José Olympio, 1972.
- MORAES, Marcos Antônio de (org.). *Correspondência – Manuel Bandeira e Mário de Andrade*. SP: IEB/Edusp, 2000.
- NETO, Geneton de Moraes. *O Dossiê Drummond*. RJ: Ed. Globo, s/d.
- OLIVEIRA, Sara Ávila de. *Seminário Carlos Drummond de Andrade – 50 anos de Alguma Poesia*. MG: Conselho Estadual de Cultura, 1981.
- PY, Fernando. *Bibliografia Comentada de Carlos Drummond de Andrade*. RJ: José Olímpio, 1980.
- SANTANNA, Affonso Romano de. *Drummond: O Gauche no Tempo*. RJ: Record, 1992.
- SCHARWZ, Roberto. *Que horas são?* SP: Companhia das Letras, 1989.
- A Sereia e o Desconfiado*. SP: Paz e Terra, 1981.

SENNA, Homero (org.) *O Mês Modernista*. RJ: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1994.

República das Letras. RJ: Civilização Brasileira e Edunicamp, 1996.

SIMON, Iumna. *Drummond, uma poética do risco*. SP: Ática, 1978.

TELLES, Gilberto de Mendonça. *A Estilística da Repetição*. RJ: José Olímpio, 1976.

WILLIAMS, Sérgio. *Carlos Drummond de Andrade and His Generation*. EUA: Bandana Books, 1986.

ZILBERMANN, Regina. *Álvaro Moreyra*. RS: IEL, 1990.

SUMMARY

Our task has consisted of editing and anthologizing more than 90 texts that the poet Carlos Drummond de Andrade published in periodicals during the 20's. The material has been organized by theme, which allows for the analysis of certain aspects of the body of work.